

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Mariana Vieira Pajaro

Perspectivas do desenvolvimento e clínica: diálogos da Gestalt-terapia com Winnicott

São Paulo

2022

MARIANA VIEIRA PAJARO

Perspectivas do desenvolvimento e clínica: diálogos da Gestalt-terapia com Winnicott

Versão corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-graduação)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de doutora em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano

Orientador: Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Coorientador: Adriano Furtado Holanda

São Paulo

2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Vieira Pajaro, Mariana

Perspectivas do desenvolvimento e clínica: diálogos da Gestalt-terapia com Winnicott / Mariana Vieira Pajaro; orientador Andrés Eduardo Aguirre Antúnez; co-orientador Adriano Furtado Holanda. -- São Paulo, 2022.

126 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Gestalt-terapia. 2. Desenvolvimento humano. 3. Winnicott. 4. Desenvolvimento emocional. 5. Modelo processual de integração do eu. I. Eduardo Aguirre Antúnez, Andrés, orient. II. Furtado Holanda, Adriano, co-orient. III. Título.

Nome: Pajaro, Mariana Vieira

Título: Perspectivas do desenvolvimento e clínica: diálogos da Gestalt-terapia com Winnicott

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutora em Psicologia.

Aprovado em: 19 de agosto de 2022.

Banca Examinadora

Prof. Dr.: Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (Presidente)

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: Aprovado(a)

Prof. Dr(a): Celana Cardoso Andrade

Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG)

Julgamento: Aprovado(a)

Prof. Dr.: Lázaro Castro Silva Nascimento

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Julgamento: Aprovado(a)

Prof. Dr(a): Luciane Patrícia Yano

Instituição: Universidade Federal do Acre (UFAC)

Julgamento: Aprovado(a)

Prof. Dr(a): Mônica Botelho Alvim

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Julgamento: Aprovado(a)

Ao meu marido Rafael, por todo seu amor e suporte, e à
nossa Maitê, nosso maior sonho realizado.

Agradecimentos

Ao meu marido, meu maior suporte e grande incentivador nessa vida. Pela compreensão, amor e admiração que sempre me mantiveram focada nesse sonho - apesar de todo o desafio e concessão que sua execução nos impôs. E, agora, ao nosso bebê, nosso maior sonho concretizado, que dá um novo sentido à toda a minha existência.

Aos meus pais e minha irmã, que tanto acreditam em mim e fizeram o impossível para que eu pudesse persistir nessa conquista. O suporte de cada um deles foi determinante para que eu conseguisse chegar até aqui.

Às amigas de vida e colegas de profissão, Renata e Jackeline, que me acompanharam na escuta, no suporte e nos estudos, me ajudando a amadurecer minhas inquietações e reflexões sobre a vida, de modo mais amplo, e sobre o problema de pesquisa aqui explorado.

Aos meus amigos, que tanto respeitaram minhas ausências, e me incentivaram, torcendo para que eu pudesse concluir esse projeto de vida.

Aos amigos gestalt-terapeutas, com quem pude dividir minhas angústias nessa caminhada e dos quais recebi encorajamento e força incessantemente.

Ao meu orientador, Andrés, por ter aceitado me orientar e por ter permitido recomençar minha pesquisa e seguir nos caminhos que acreditava – agradeço a confiança.

Ao meu coorientador, Adriano, por ter me permitido crescer com seus questionamentos e desconstruções e por ter, com suas orientações, me desafiado a ser melhor – saio maior do que entrei, muito obrigada.

A Leopoldo Fulgencio, professor que me recebeu na Usp e por quem sinto muita gratidão por ter me apresentado D. Winnicott através de seu olhar de admirador e do grande estudioso que é.

A cada membro da banca, pelas contribuições de cada um, pela oportuna discussão e ampliação de ideias nas etapas de qualificação e de defesa da tese.

Ao grupo *Materneser*, pelos estudos que me fizeram adentrar no delicado território da maternidade, da gestação e do puerpério pelo olhar da Gestalt-terapia. Esse grupo e o seu trabalho me enchem de esperanças.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos no período do doutorado.

"... nascer como ser humano implica não só em um acontecimento biológico, mas também em um acontecimento nesse mundo".

(Safra, 2004)

Resumo

Pajaro, M. V. (2022). *Perspectivas do desenvolvimento e clínica: diálogos da Gestalt-terapia com Winnicott* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O desenvolvimento humano é compreendido sob diferentes enfoques e perspectivas. Na Gestalt-terapia este tema ainda é controverso e carente de ampliação teórica. A falta de uma leitura do desenvolvimento tem desdobramentos clínicos significativos, visto que tal compreensão oportuniza alcançar o que está interrompido no fluxo de crescimento do cliente e, conseqüentemente, o que precisa ser resgatado para favorecer sua continuidade fluida e criativa na vida. Buscando favorecer uma discussão teórica no que tange a interação organismo/ambiente e desenvolvimento humano, propõe-se um diálogo com a teoria do desenvolvimento emocional do ser, de Winnicott, enfatizando aproximações e distanciamentos que possam ampliar a reflexão no campo da Gestalt-terapia. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a interação organismo/ambiente, com ênfase na relação eu-outro, sob as perspectivas da Gestalt-terapia e da teoria do desenvolvimento emocional de D. Winnicott, e seu conseqüente desdobramento no curso do desenvolvimento humano. Secundariamente, decorrente do diálogo com outros autores da Gestalt-terapia, essa tese pretende enunciar uma proposição teórica própria do processo de desenvolvimento à luz da Gestalt-terapia. Para tanto, realizou-se uma pesquisa teórico-conceitual, subdividida em três etapas principais. A primeira delas refere-se ao levantamento teórico do tema da tese e se desdobra em três eixos: 1.1- levantamento de publicações em bases de dados; 1.2 - levantamento teórico na Gestalt-terapia (obras originais de Fritz Perls e demais pesquisadores) e; 1.3 - levantamento das obras de Winnicott, com ênfase na perspectiva relacional na teoria do desenvolvimento. A segunda etapa compreendeu o momento de leitura e estudo do conteúdo decorrente da etapa 1 e, por fim, a etapa 3 concentrou-se na redação à respeito da interação organismo/ambiente e suas contribuições para uma compreensão do desenvolvimento humano na Gestalt-terapia. Os achados evidenciaram que F. Perls pouco ou quase nada menciona o termo desenvolvimento mas, em lugar disso, usa as palavras crescimento e amadurecimento. Embora haja menção ao processo de crescimento, não foi encontrada em F. Perls uma sistematização de como ele acontece. O modelo do metabolismo mental, proposta na primeira obra deste autor, mostrou-se equivocada e insustentável, sendo por ele abandonada posteriormente na construção teórica da Gestalt-terapia. Dialogando com Winnicott, destaque-se a ênfase na primordialidade da provisão ambiental para o desenvolvimento, sobretudo, quando na fase de maior dependência do bebê. Fruto desse diálogo nasce uma proposição de compreensão do desenvolvimento alicerçada na Gestalt-terapia: o modelo processual de integração do eu. Conclui-se que uma compreensão do desenvolvimento é fundamental para a prática clínica uma vez que orienta o gestalt-terapeuta à respeito de em que momento seu cliente se encontra, norteando sua postura e intervenção. Além disso, essa pesquisa abre espaço para se pensar intervenções no momento de gestação e puerpério visando dar suporte àqueles que cuidam do princípio da vida e se encontram vulneráveis às transformações ocasionadas pela chegada de um bebê - o que retrata um convite à ampliação do campo de atuação nessa abordagem.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Desenvolvimento humano. Teoria do desenvolvimento emocional. Winnicott. Modelo processual de integração do eu.

Abstract

Pajaro, M. V. (2022). *Developmental and clinical perspectives: Gestalt-therapy dialogues with Winnicott* (Doctoral thesis). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Human development is understood under different approaches and perspectives. In Gestalt-therapy this topic is still controversial and in need of theoretical expansion. The lack of development has significant clinical consequences, since such understanding makes it possible to reach what is interrupted in the client's growth flow and, consequently, what needs to be rescued to favor their fluid and creative continuity in life. Seeking to favor a theoretical discussion regarding the organism-environment interaction and human development, a dialogue with Winnicott's theory of the emotional development is proposed, emphasizing approximations and distances that can broaden reflection in the field of Gestalt-therapy. The objective of this research is to carry out a theoretical survey to reflect on the organism-environment interaction and its consequences in the course of human development from the perspective of Gestalt-therapy. Secondly, it intends to dialogue with the theory of emotional development by Dr. Winnicott, with its emphasis on the environmental aspect, promoting a dialogue that can contribute and expand the understanding of human development in the gestalt approach. To this end, a bibliographic research was carried out, subdivided into three main stages. The first one refers to the theoretical survey of the theme of the thesis and unfolds in three axes: 1.1- survey of publications in databases; 1.2 - theoretical survey in Gestalt-therapy (original works by Fritz Perls and other researchers) and; 1.3 - survey of Winnicott's works, with emphasis on the relational perspective in development theory. The second stage comprised the moment of reading and studying the content resulting from stage 1 and, finally, stage 3 focused on writing about the organism-environment interaction and its contributions to an understanding of human development in Gestalt-therapy. The findings showed that F. Perls rarely mentions the term development, but instead uses the words growth and maturation. Although there is mention of the growth process, a systematization of how it happens was not found by F. Perls. The model of mental metabolism, proposed in the author's first work, proved to be wrong and unsustainable, and was later abandoned by him in the theoretical construction of Gestalt-therapy. In dialogue with Winnicott, emphasis is placed on the primordially of environmental provision for development, especially when the baby is most dependent on it. As a result of this dialogue, a proposition of understanding development based on Gestalt-therapy is born: the procedural model of integration of the self. It is concluded that an understanding of development is fundamental for clinical practice since it guides the gestalt-therapist about the moment in which his client is, guiding his posture and intervention. In addition, this research opens space for thinking about interventions at the time of pregnancy and puerperium, aiming to support those who take care of the beginning of life and are vulnerable to the transformations caused by the arrival of a baby - which portrays an invitation to expand the field of performance in this approach.

Keywords: Gestalt-therapy. Human development. Theory of emotional development. Winnicott. Procedural model of self integration.

Lista de figuras

Figura 1 - Elementos de compreensão da temática destacados por obra de Perls (1942-1973)	35
Figura 2 - Perspectiva do desenvolvimento - Miller (2002)	56
Figura 3 - Mapa do Desenvolvimento Polifônico de Domínios - Spagnuolo Lobb (2012; 2018)	62
Figura 4 - Descrição dos domínios - Spagnuolo Lobb (2012)	63
Figura 5 - Suporte para as experiências constitutivas no ciclo de contato da criança - Poppa (2018)	65
Figura 6 - Perspectivas do desenvolvimento Winnicott X Perls	93
Figura 7 - Modelo processual de integração do eu	106

Lista de tabelas

Tabela 1 - Artigos incluídos no levantamento de publicações nas bases de dados	30
Tabela 2 - Artigos sobre desenvolvimento e Gestalt-terapia - revistas impressas (Pajaro, 2015)	31
Tabela 3 - Obras originais da Gestalt-terapia incluídas na pesquisa	33
Tabela 4 - Elementos de compreensão/ conceitos correlacionados ao desenvolvimento discutidos nos artigos resultantes da busca em bases de dados	66

Sumário

Prefácio	14
1. Introdução	16
1.1 Problema de pesquisa	16
1.2 Justificativa	20
1.3 Objetivos	23
2. Metodologia	24
3. Análise da literatura: Gestalt e desenvolvimento	29
3.1 A busca nas bases de dados	29
3.2 Obras originais de Fritz Perls	33
3.3 Pesquisadores e estudiosos do tema: ampliações da teoria original.....	55
3.4 As primeiras experiências da vida sob a perspectiva gestáltica.....	70
4. Questões sobre o desenvolvimento: diálogos com D. Winnicott.....	76
4.1 Os estudos sobre o bebê	76
4.2 A "teoria do desenvolvimento emocional do ser" de D. Winnicott	78
4.3 O jogo de espátulas de Winnicott.....	84
5. Contribuições para uma compreensão da teoria do desenvolvimento na Gestalt-terapia	89
5.1 Gestalt e Winnicott: um diálogo possível?.....	92
5.2 "Modelo processual da integração do eu": uma nova proposta de compreensão do desenvolvimento na abordagem gestáltica	103
6. Considerações finais	113
Referências	122

Prefácio

São mais de 10 anos desde que me formei e iniciei meus atendimentos sob a perspectiva da Gestalt-terapia. Em meu primeiro trabalho, o qual conciliava com a clínica, foi no Hospital da Polícia Militar de Goiás atendendo crianças, filhos (as) e netos (as) de policiais militares. Em paralelo, no consultório particular, também trabalhava com o público infantil e suas demandas, em um contexto aparentemente mais “leve” do que o mundo policial. Desde então, já com formação na abordagem gestáltica, me sentia insegura na atuação para além da inexperiência natural do momento, sentia-me carente de um suporte teórico mais amplo dessa abordagem na prática clínica.

A sensação era de poucos escritos, alguns deles sem uma conexão clara entre fundamentos teórico-filosóficos e sua práxis, o que me fez sentir, em partes desamparada, em partes instigada a criar e explorar esse caminho. Foi então que, no meu mestrado, pude me dedicar à investigação sistemática da produção teórica no Brasil no que tange à clínica com crianças na Abordagem Gestáltica. Com esse levantamento, pude constatar avanços e lacunas significativas, na literatura brasileira, que me permitissem apontar e sugerir caminhos e perspectivas possíveis para o crescimento desse saber.

Dentre as direções possíveis, uma delas apontava para a escassa discussão e atualização do modelo de desenvolvimento humano fundamentado na Gestalt-terapia. Concomitantemente, me intrigava o vazio (fértil) da comunidade gestáltica brasileira frente às efervescentes discussões a respeito do bebê e da primeira infância. Foi então, que me direcionei aos estudos dessa fase por meio de disciplinas do departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (PSA), na USP.

Os estudos de Winnicott, e a teoria do desenvolvimento emocional do ser, se conectaram ao que revelava minha experiência clínica com crianças e seus cuidadores. Embora com significativos distanciamentos epistemológicos, teóricos e filosóficos, confirmavam a minha experiência de que, há algo do início da vida, que, das mais inalcançáveis formas, se presentificam no aqui-e-agora das relações familiares e que se revelam no campo terapeuta-cliente. Tratava-se de um fundo relevante do qual se destacavam figuras pregnantes, somente compreensíveis nessa fluida interconexão entre passado, presente e futuro.

Ignorar essa constatação seria, no mínimo, irresponsável para com uma abordagem na qual percebo e vivencio tamanho potencial. Seria como fechar os olhos e ignorar uma realidade captada e apreendida com tanto sentido. Impossível. A trajetória que se mostrou possível, então, foi a interlocução do existente com a possibilidade do existir... Gestalt-terapia, desenvolvimento humano, Winnicott... uma solitária e desafiadora caminhada pelos riscos, imbróglis e possibilidades de alcançar aquilo que de mais essencial configura o desenvolvimento humano: o crescimento... Por um crescimento da ciência, por um crescimento da abordagem, por um crescimento pessoal, fruto dos sucessivos processos de desorganização e reorganização de ideias, que possam dar suporte ao objetivo primeiro dessa pesquisa: contribuir, direta ou indiretamente, com o crescimento de seres humanos. Como isso é possível? É o que pretendo refletir aqui...

1. Introdução

"Ninguém é autossuficiente; o indivíduo só pode existir num mundo circundante."
(Perls, 2012 , p. 31)

1.1 Problema de pesquisa

A clínica – e o contato com clientes das mais variadas idades – revelou, de modo particular, diversos processos de interrupção no fluxo de crescimento humano. Histórias únicas que compartilham de um aspecto comum: a impossibilidade de continuar se desenvolvendo de modo fluido e criativo. Fruto disso, decorre um sofrimento significativo que, embora aponte para a singularidade de cada pessoa, retrata uma tendência humana de integração e continuidade que encontra dificuldades em seguir acontecendo. Uma *gestalt* aberta, interrompida, que clama visceralmente por fechamento.

Do início ao fim da vida, é possível deparar-se com impedimentos no desenvolvimento de uma pessoa, sendo a clínica uma espécie de laboratório que propicia visualizar essa ocorrência de modo encarnado naquele que se apresenta diante do psicoterapeuta. Há um fluxo contínuo, mesmo antes do nascimento e até a morte, que é inerente à condição humana, a que chamamos de *desenvolvimento humano*. Entretanto, essa continuidade não é garantida, visto que necessita de algo/alguém para além da pessoa, relativo ao ambiente, para que possa apresentar-se e acontecer de modo satisfatório. Caso contrário, diferentes configurações de funcionamentos, ou mesmo de sintomas, denunciarão essa inviabilidade.

De uma perspectiva clínica, é, portanto, fundamental compreender como se dá esse processo naquilo que o constitui de modo comum e geral ao humano. Dessa forma, é possível alcançar o entendimento de suas dificuldades ou interrupções e, conseqüentemente, da viabilidade de sua retomada, qualquer que seja o momento da vida. É fundamental conhecer o curso do desenvolvimento humano para uma prática psicoterapêutica que possa ser capaz de identificar o que está acontecendo com uma pessoa, quais recursos lhe faltaram ou lhe

desafiaram e do que ela precisa em dado momento para resgatar o seu fluxo de crescimento. Isso conduz à indagação sobre o que é e como acontece o desenvolvimento humano, o que pode ser respondido por diferentes concepções e sob diferentes enfoques.

Historicamente, o estudo das teorias do desenvolvimento humano floresceu com o intuito de apresentar padrões comportamentais característicos a determinada idade ou fase, pautados em parâmetros que fossem capazes de explicar o que, como e por que algumas mudanças acontecem ao longo da vida de uma pessoa, tendo como base a subdivisão em estágios específicos que enfatizam diferentes aspectos: orgânicos, cognitivos, afetivos, motores, sexuais, morais, sociais, histórico e culturais (Aspesi, Dessen & Chagas, 2008). A princípio, a psicologia do desenvolvimento contemplava somente a chamada infância, sem qualquer correlação dessa com o processo de crescimento posterior a essa fase (Aspesi et al., 2008; Papalia & Olds, 2006), fragmentando e isolando o ser humano em seu percurso de amadurecimento, sem evidenciar o *continuum* de transformações às quais esse vivencia.

Por volta da segunda metade do século XX, em uma sociedade pós-moderna e pós-industrial, emerge um paradigma para o estudo do desenvolvimento humano, caracterizado por um modelo relativista, integrador e contextual, com ênfase no valor da cultura e dos contextos sociais (Aspesi et al., 2008; Dasen & Mishra, 2000). Desde o final do último século, a evolução marcada nesses estudos direcionou para uma compreensão mais integradora e complexa, com um realce na interação organismo/ambiente como o "contexto interpessoal, histórico e cultural no qual o indivíduo se insere, interage e se constrói" (Aspesi et al., 2008; Papalia & Olds, 2006).

Neste mesmo século, verificou-se um avanço nos estudos no campo da Psicanálise, sobretudo voltados para o bebê, a vida intrauterina e os primeiros anos, com ênfase na constituição da subjetividade sob diferentes enfoques. Mas, houve um ponto em comum: o reconhecimento da primordialidade da relação com o outro, seja no papel materno ou de cuidador, para a tecitura humana que se desenrolará por toda a existência. Nesse âmbito, destacam-se autores e estudiosos como Sigmund Freud, Anna Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott, René Spitz, Daniel Stern, John Bowlby, além de nomes contemporâneos como René Roussillon, Françoise Dolto, Bernard Golse, entre outros. Com o avanço dessas teorias, foi se construindo um olhar que privilegia a relação como dimensão substancial, para o que

denominam construção da subjetividade humana, impactando diretamente o olhar para o bebê e sua potencialidade relacional – atualmente inquestionável nas abordagens psicanalíticas.

A Gestalt-terapia, abordagem original da década de 50, não possui uma teoria do desenvolvimento, uma concepção robusta e amplamente difundida ou consolidada desse processo, o que possibilita (e até anseia!) novas reflexões e atualizações que contribuam com sua expansão teórico-prática. Muito embora a literatura aponte para a relevância dessa discussão (Aguiar, 2014; Fernandes, 1995; Spagnuolo-Lobb, 2012; Polster, 1990, e Oaklander, 1994, citados por Ajzenberg, Cardoso, Fernandes, Lazaros & Nogueira, 1995), muito pouco tem sido produzido em solo brasileiro no sentido de discutir e ampliar esse eixo temático (Pajaro, 2015). No que diz respeito à produção internacional, destaca-se sobretudo o trabalho de Spagnuolo-Lobb (2012; 2013; 2018) com provocações que sugerem a necessidade de ampliar o olhar sobre o processo de crescimento – e sua repercussão clínica – nesta abordagem.

Na literatura original da Gestalt-terapia, o crescimento é abordado como um processo de ajustamento criativo (Perls, Hefferline e Goodman, 1997), como uma transição do hétero ao autossuporte (Perls, 1977) e sob a ótica do metabolismo mental (Perls, 2002) – perspectivas ora muito embrionárias ora questionáveis para o avanço na compreensão do processo de desenvolvimento. Tendo esse modelo sido satisfatório à época, os avanços no conhecimento sobre o bebê e os primórdios da vida conduzem à necessária revisão dessa conceituação, com apontamentos e discussões fecundas à expansão teórica dessa abordagem. Trata-se de uma atualização despertada por novos questionamentos, novas descobertas e fruto da interlocução com outros conhecimentos e saberes.

A Gestalt-terapia realça o homem como um ser de contato, em interação no campo organismo/ambiente, no qual interagem fatores socioculturais, animais e físicos (Perls et al., 1997). Tendo em seu cerne a dimensão inter-relacional, concebe a relação e o encontro com o outro como aspectos substanciais do humano. Deste modo, a amplitude de acontecimentos à qual um ser humano vivencia, tendo em vista a sua particularidade, se dá na inter-relação com o outro, com e no mundo. Tudo o que é vivido, ao longo da existência humana, imprime um modo de registro que constitui a historicidade de uma pessoa, seu fundo de experiências.

A relação com o outro, em especial, embasa uma premissa fundamental para se pensar o desenvolvimento ao longo da vida. O modo como alguém vivencia suas relações desde o

princípio norteia a compreensão sobre sua experiência de contato com o mundo de modo mais amplo. Isso não exprime uma proposição determinista, que seria incongruente com a proposta teórico-filosófica da Gestalt-terapia, mas afirma uma correlação inegável entre passado, presente e futuro. Esse entrelaçamento permite pensar uma série de experiências que, ao serem vividas, impactam, alteram e reacomodam as anteriores, num movimento impermanente de atualização no aqui-e-agora e de projeção no porvir. Isso legitima as marcas e ressonâncias inquestionáveis das experiências iniciais (e seguintes) para a continuidade do crescimento humano.

No que se refere às experiências iniciais, essas são tomadas como parte de um todo, que se integra num contínuo de desenvolvimento, e não produz necessariamente A ou B, mas compõe um fundo de experiências em constante acomodação e reacomodação. À medida que uma nova experiência é vivida e assimilada como parte, o todo é criativamente reconfigurado. Nesse sentido, a apropriação da história e das experiências iniciais vividas é sempre um rearranjo único e imprevisível, ao passo que inegável. E o mesmo acontece com todas as experiências que se dão ao longo da vida. Como ilustração, Perls (2002) vale-se da metáfora do caleidoscópio: o presente é a coincidência de muitas “causas”, sempre mudando, nunca idênticas.

O desenvolver diz respeito a um processo complexo¹ que se dá em perspectivas. Nesta pesquisa, faremos o recorte sobre a dimensão que abarca a interação organismo/ambiente, sobretudo na relação entre o *eu* e o *não-eu*, como fator que favorece ou dificulta, desde a mais tenra idade, a possibilidade de crescer. Com o reconhecimento da influência do meio para o desenvolvimento global (Aspesi et al., 2008; Papalia & Olds, 2006) e tendo em vista a concepção interacional da Abordagem Gestáltica, esta pesquisa questiona: de que modo a relação organismo/ambiente corrobora com uma compreensão do desenvolvimento à luz da Gestalt-terapia?

Epistemologicamente num terreno distinto, a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott ressalta o papel do ambiente, sobretudo representado pela mãe (em referência à figura de um cuidador), que oferece cuidados suficientes em diferentes momentos da vida, configurados por diferentes níveis de dependência desse bebê ou criança pelo outro. Sendo

¹ Quando aqui é mencionado o termo “complexo”, diz respeito à concepção de complexidade como referente a diversos aspectos ou elementos interligados que funcionam como um todo, seguindo numerosas relações de interdependência, excluindo qualquer possibilidade de simplificação.

assim, o diálogo com tal teoria sinaliza um caminho de reflexão sobre aproximações que possam contribuir com o aprofundamento da compreensão do desenvolvimento sob a perspectiva gestáltica. O ponto de interlocução será a interação do *eu* com o outro, com bases diferentes enfoques.

1.2 Justificativa

Fritz Perls, considerado o principal fundador da Gestalt-terapia, reconhece a relevância de ampliar um conhecimento pela integração e conversa entre saberes, a que se refere como sendo a possibilidade de criar pontes sobre espaços vazios (Perls, 2002). Parece reconhecer, com isso, a limitação de todas as abordagens em face da totalidade e complexidade do fenômeno humano. Tomando toda teoria em sua incompletude, reitera que a ciência da psicoterapia não é fechada ou acabada (Perls, 2002), o que delega aos seus interessados e críticos a tarefa de contribuir de modo a reformulá-la e ampliá-la.

Sabe-se que Perls não se preocupou com uma teoria do desenvolvimento, posto que possuía uma base psicanalítica na qual já transitava esse conhecimento, além de não a reconhecer como necessária aos trabalhos desempenhados naquela época (Ajzenberg et al., 1995). Entretanto, um grupo de gestalt-terapeutas, alicerçado em um modelo gestáltico para a ampliação do olhar para o humano, bem como para a evolução da perspectiva clínica, seja ela infantil ou não, começou a ressaltar a importância de se pensar o desenvolvimento (Aguilar, 2014; Fernandes, 1995; Spagnuolo-Lobb, 2012; Polster, 1990, e Oaklander, 1994, citados por Ajzenberg et al., 1995; Pajaro, 2015).

Em relação à prática clínica, Spagnuolo-Lobb (2012) dirá que não há um interesse específico dos gestalt-terapeutas por uma teoria do desenvolvimento em si mesma, mas reconhece a necessidade de um "mapa" para se entender como o passado se revela no presente. Segundo a autora, isso permitiria ao psicoterapeuta intuir a evolução no modo de contato do cliente e seus movimentos de interrupção. Nesse sentido, afirma:

Embora a terapia da Gestalt tenha sido fundada a partir de uma nova ideia sobre a teoria do desenvolvimento freudiana, o estágio da agressão dental (Perls, 1942/1969), a necessidade de um conceito de desenvolvimento não foi percebida em nossa abordagem até a década de 1980, quando todas as modalidades de psicoterapia abordavam conceitos relacionais e o tratamento de clientes seriamente perturbados. Então, a objeção a uma abordagem do desenvolvimento – realizada pelos terapeutas da

Gestalt que acreditavam que olhar para o desenvolvimento do cliente implicava se distrair do aqui-e-agora – foi substituída pela busca de uma teoria do desenvolvimento que esteja de acordo com os princípios epistemológicos da Gestalt-terapia. (Spagnuolo-Lobb, 2012, p. 223)

O despertar da necessidade de uma teoria do desenvolvimento dentro da Abordagem Gestáltica, já posterior aos textos originais da Gestalt-terapia, colocam-se de acordo com a crescente expansão dos estudos e novas descobertas sobre o bebê, datados sobretudo da década de 70 – o que pode ter sido um apontamento significativo para tal interesse. A tendência de uma discussão nessa direção também foi verificada no Brasil. Em meados dos anos 90, os primeiros artigos brasileiros voltados para a discussão da temática infantil iniciaram uma reflexão sobre a relevância de se pensar uma teoria do desenvolvimento nessa abordagem, reunindo o material existente até então sobre o tema e propondo diálogos com outras perspectivas (Poppa, 2013; Pajaro, 2015).

A proposição de uma teoria do desenvolvimento encontra divergências dentro desta abordagem: se por um lado é vista mais como crença do que necessidade real (Mors, 2002), por outro, acredita-se que a ausência de um modelo implicaria uma certa falta de referência sobre o cliente em relação aos comportamentos para ele esperados (Fernandes, 1995). O contraste explicitado evidencia que, mesmo que não haja um consenso sobre um modelo de desenvolvimento na Gestalt-terapia, sua discussão mostra-se fértil e oportuna.

No que diz respeito aos benefícios para os profissionais da abordagem, esta proposição é útil por oferecer um suporte teórico que propicie a compreensão de processos duradouros e contínuos, e que possibilite uma melhor instrumentação para integrar experiências e ampliar a *awareness* no aqui-e-agora da sessão à sua história de vida, favorecendo um princípio básico dessa abordagem que é a totalidade do ser (Ajzenberg et al., 1995). Com isso, não se trata de um ganho restrito ao estudo da clínica infantil, visto que propicia um olhar para a vida do sujeito como um todo, relativo ao completo processo de desenvolvimento, independentemente de sua idade quando em processo terapêutico.

No que se refere especificamente à clínica infantil, Fernandes (1995) discorre que uma teoria do desenvolvimento oportuniza saber o que é esperado para determinada fase, localiza o momento do processo evolutivo no qual a criança está (muitas vezes a criança está num estágio do desenvolvimento diferente do que é "esperado" para ela), e situa o profissional sobre em que momento ocorreu uma cristalização ou bloqueio. Esse argumento

se coloca em conformidade com a noção de que uma teoria do desenvolvimento “fornece uma linha geral e sistemática que pode conduzir ao entendimento dos problemas humanos” (Fulgencio, 2016), desenhando-se também como uma proposta de modelo de saúde.

No que se refere às primeiras experiências, o pediatra e diretor do CDC em Harvard, Dr. Jack P. Shonkoff (2009), afirma que “desde a gravidez e ao longo da primeira infância, todos os ambientes em que a criança vive e aprende, assim como a qualidade de seus relacionamentos com adultos e cuidadores, têm impacto significativo em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social”. Tem sido evidenciado que o cérebro do bebê e da criança se constitui a partir das experiências iniciais de interação, como a do “dar e receber”, isto é, de troca com os pais ou cuidadores, com interferências diretas nos circuitos cerebrais. Isso reitera a perspectiva holística do organismo como um todo, possibilitando reconhecer o potencial relacional, inclusive a nível cerebral.

Reconhecer a potência da relação na constituição humana permite amplificar a urgência de se atentar, sobretudo, às primeiras relações que se estabelecem. Nesse sentido, esta tese reflete sobre a história de vida como uma construção ininterrupta que compõe e interfere no todo. Perls (2002) atenta para o risco de negligenciar o passado, sobretudo se desconsideradas as situações inacabadas presentes. Em uma psicoterapia centrada no aqui-e-agora, a compreensão do processo de desenvolvimento humano possibilita integrar, em termos clínicos, o “lá e então” ao momento vivido no presente, alicerce único e fundamental do passado e futuro (Fernandes, 1995; Perls, 2002).

Esta tese se debruçará sobre a reflexão de um princípio básico no qual se baseia o processo de crescimento, a saber, a relação que se dá no campo organismo/ambiente. Isso se opõe a um determinismo explicativo e simplista, e oportuniza pensar, nos diversos campos de saber, possibilidades de cuidado com o humano em uma diversidade de contextos – dada a complexidade de fatores e influências que estão em jogo em dado momento. Um campo de atuação que se beneficia de tal compreensão é o trabalho psicoterapêutico com gestantes e puérperas, bem como suas famílias e/ou pessoas que lhes são significativas, posto que elas atravessam um momento de extrema fragilidade e vulnerabilidade e compõem, ao mesmo tempo, o ambiente primordial do bebê e de seu desenvolvimento – com destaque ao nível cerebral. Nesse caso, é preciso ampliar a compreensão desse universo, de modo que se possa

pensar as delicadezas e peculiaridades de seu trabalho clínico e extrapolá-lo para além das paredes do consultório. Num nível social mais amplo, isso significa cuidar de quem cuida.

Por fim, essa pesquisa marca um passo importante na direção de compreender o desenvolvimento humano: muito embora reconheça e discorra sobre as marcas e desdobramentos das primeiras relações e experiências para o desenvolvimento subsequente, diferencia-se de uma gama expressiva de trabalhos, pois não está preocupada unicamente com o impacto no desenvolvimento futuro dos bebês e das crianças nos adultos que serão. Por assim ser, essa tese em muito contribui no campo da Psicologia ao se preocupar, para além do desdobramento futuro, com o presente, com o que bebês, crianças, pais, cuidadores e famílias vivenciam no seu aqui-e-agora. De modo mais amplo, abarca a manifestação de experiências anteriores no presente, qualquer que seja a idade. Esse posicionamento afirma que qualquer nível de sofrimento é condição de extrema relevância no viver presente e, portanto, digna de acolhimento, compreensão e cuidado.

1.3 Objetivos

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a interação organismo/ambiente, com ênfase na relação eu-outro, sob as perspectivas da Gestalt-terapia e da teoria do desenvolvimento emocional de D. Winnicott, e seu conseqüente desdobramento no curso do desenvolvimento humano. Secundariamente, decorrente do diálogo com outros autores da Gestalt-terapia, essa tese pretende enunciar uma proposição teórica própria do processo de desenvolvimento à luz da Gestalt-terapia.

2. Metodologia

Para contemplar o objetivo desta pesquisa, realizou-se uma pesquisa teórico-conceitual. Para apresentar essa metodologia, parte-se da definição de pesquisa conceitual de Laurenti & Araujo (2006):

Os enunciados verbais de um a teoria psicológica compõem uma trama conceitual ou uma rede de conceitos, que, espera-se, sejam articulados entre si de modo coerente e não contraditório, fornecendo uma definição e explicação dos fenômenos psicológicos. (...) Desse modo, a pesquisa conceitual pode ser definida como uma interpretação da teoria ou texto psicológico (p. 43).

Essa metodologia analisa teorias psicológicas no intuito de esclarecer o significado de seus conceitos fundamentais; a relação entre conceitos centrais e correlatos; os fundamentos filosóficos que lhe são subjacentes; o contexto histórico – intelectual e/ou cultural – de seu desenvolvimento (Laurenti & Araujo, 2006). Sendo assim, buscou-se apreender os conceitos ligados ao tema pesquisado, bem como as construções teóricas e entrelaçamentos que pudessem elucidar a trajetória da construção desse conhecimento na Gestalt-terapia. Ao revisar conceitos de tal modo e propor uma nova perspectiva teórica neles fundamentado, esse estudo apresenta-se como uma pesquisa teórico-conceitual.

Inicialmente, foi delimitado o tema de pesquisa e, posteriormente, a seleção dos textos por meio do recorte do levantamento. A interpretação dos achados teve por objetivo maior descrever a trajetória percorrida no estudo, o itinerário aqui trilhado. Tomando a relação organismo/ambiente para a compreensão do desenvolvimento humano na Gestalt-terapia, este formato de pesquisa possibilitou realizar uma busca criteriosa na literatura existente, tomando-a como ponto de partida para a interlocução e a ampliação teórica propostas.

Para ampliar a discussão, foi estabelecido um diálogo com a teoria do desenvolvimento do ser, de Donald Winnicott, de modo a contribuir com a reflexão sobre o aspecto ambiental, as primeiras relações do bebê e a conexão dessas com seu processo de desenvolvimento subsequente. A conversa com a concepção winnicottiana reconhece as diferenças epistemológicas entre estas abordagens ao passo que evidencia pontos de intersecção que fomentam novas percepções sobre a questão.

Para além de realizar um levantamento teórico pelos conceitos relacionados à temática, o presente estudo se propõe a apresentar os resultados do mesmo e, por conseguinte,

enunciar uma proposição teórica, baseada no incremento daquilo que já existe e que se encontra aqui enunciado e contextualizado. Como bem pontua Whetten (2003), uma teoria não nasce do zero, é fruto, geralmente de um trabalho na melhoria do que já existe. Em concordância, Laurenti & Araujo (2006) enfatizam que uma pesquisa conceitual, para além de uma explicitação metodológica, precisa produzir conhecimento novo, respondendo a uma pergunta de pesquisa. Sendo assim, essa pesquisa se realizou em três etapas principais, melhor descritas a seguir.

A etapa 1 refere-se ao levantamento teórico do tema da tese e se desdobra em três eixos:

a. Levantamento de publicações em bases de dados. Optou-se pelas bases SciELO e PePSIC por serem biblioteca e portal de dados eletrônicos de acesso livre e gratuito. A busca se deu pelo entrecruzamento de dois grupos de palavras-chaves: o grupo 1 (*Gestalt-terapia; Abordagem Gestáltica; Terapia Gestalt*) e o grupo 2 (*desenvolvimento; desenvolvimento humano; crescimento*²). Foi adotado como critério de inclusão artigos que combinavam ao menos uma palavra de cada grupo com o intuito de abarcar a produção sobre a temática. Foram excluídos aqueles que, mesmo atendendo ao critério de busca, não abordavam o tema em questão.

b. Levantamento teórico na Gestalt-terapia:

b.1. Levantamento das obras originais de Fritz Perls. Como critério de inclusão foram selecionadas as obras de Fritz Perls, de autoria única e compartilhada, publicadas em língua portuguesa³. Dentre elas, foram incluídas aquelas que abordavam elementos essenciais para a discussão do problema desse estudo. Em razão de Perls ser considerado um autor fundamental na criação da Gestalt-terapia, recorrer aos seus textos possibilita acessar a origem dessa abordagem, seus fundamentos primeiros. Apresentar o alicerce dessa abordagem e contrapô-lo aos rumos atuais dessa discussão permite compreender em que direção o embrião desse saber vem se desenvolvendo atualmente na comunidade. Esta fase favorece uma discussão sobre o

² Termo adotado na Gestalt-terapia, sobretudo nos textos originais, para se referir ao processo de desenvolvimento.

³ Essa escolha deve-se ao fato de que tal material selecionado, somado ao resultante das demais etapas da pesquisa, gerou um montante de análise extenso que, em função do tempo disponível para conclusão da mesma, requereu um recorte necessário. Sendo assim, as obras em inglês do mesmo autor não foram incluídas nesse estudo.

processo de desenvolvimento e seus desdobramentos clínicos de um modo epistemologicamente coerente com os princípios da Gestalt-terapia.

Portanto, neste caso foram adotadas fontes primárias, que se caracterizam pelo trabalho e conhecimento original do autor (Pizzani et al, 2012). A partir dos critérios de inclusão descritos, foram selecionados para a discussão: 1. *Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*; 2. *Gestalt-terapia*; 3. *Gestalt-terapia explicada*; 4. *A Abordagem Gestáltica e a testemunha ocular da terapia* e 5. *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*.

É preciso esclarecer notoriamente que, muito embora a autoria de *Ego, fome e agressão* cite unicamente o nome de Fritz Perls, deve-se evidenciar a participação ativa e fundamental de Laura Perls em tal obra⁴, sob forte influência de sua pesquisa sobre desmame e introdução alimentar e sua experiência de maternidade com a filha Renate (Helou, 2013). Tal reconhecimento público neste trabalho tem por objetivo dar visibilidade às suas relevantes contribuições teóricas da autora para a construção da Gestalt-terapia — por vezes ainda silenciadas. Sendo assim, embora *Ego, fome e agressão* referencie Fritz, sempre que aqui mencionado, deve ser considerado como um texto de autoria do casal Perls.

b.2. *Levantamento dos pesquisadores do desenvolvimento infantil e do processo de crescimento*. Optou-se por incluir na busca os pesquisadores que se dedicaram a ampliar esse tema na Gestalt-terapia. Nesta etapa foram adotadas fontes secundárias, isto é, referente a trabalhos não originais que citam ou revisam os originais (Pizzani et al, 2012). Destacaremos especialmente Miller (2002), Spagnuolo-Lobb (2012; 2013; 2018) e Poppa (2013; 2016; 2018) por oferecerem perspectivas próprias de compreensão desenvolvimento humano alicerçados na Abordagem Gestáltica. Nacionalmente, enfatiza-se os trabalhos de Fernandes (1995); Ajzenberg, Lazaros, Fernandes, Cardoso e Ajzenberg, (1995) e Antony (2006).

⁴ De acordo com Helou (2013): "Já no final de sua vida, L. Perls (1992) revelou que a obra foi um trabalho em conjunto do casal: 'O trabalho era feito numa comunicação contínua entre nós, e eu não consigo me lembrar quem pensou primeiro. (...) Na África do Sul, inicialmente, éramos só Fritz e eu, quando eu colaborei com tudo sobre Ego, Fome e Agressão (...) nós discutíamos suas ideias nos finais de semana em casa' (L. Perls, 1992, pp. 11-12). Além disso, Laura afirma que dois capítulos do livro são integralmente de sua autoria, 'O complexo de fantoche' (capítulo 6 de Metabolismo Mental) e 'O significado da insônia' (capítulo 13 da Terapia de Concentração). Perls nunca se pronunciou a respeito e não reconheceu a contribuição de Laura no tema da obra, na elaboração dos capítulos, nem sua autoria nos referidos capítulos" (p.35).

c. *Levantamento das obras de Winnicott, com ênfase na perspectiva relacional na teoria do desenvolvimento*. Foram incluídas como fontes primárias os textos relativos à descrição dessa teoria e o capítulo que se refere ao jogo das espátulas. A escolha por esse texto em específico se deu pela descrição feita pelo autor de uma situação estabelecida a partir da qual ilustra na prática sua ênfase na relação. A decisão por dialogar com Winnicott se deve, além de uma afinidade pessoal, pela possibilidade de interlocução com o foco no ambiente presente em sua teoria.

Uma vez que a questão da pesquisa se direciona aos impactos da interação organismo/ambiente no processo de desenvolvimento humano, três obras winnicotianas enfatizam o aspecto ambiental de modo mais detalhado. São elas: 1. *O ambiente e os processos de maturação* (Winnicott, 1983); 2. *A família e o desenvolvimento individual* (Winnicott, 1993) e 3. o capítulo *A observação de bebês em uma situação estabelecida* (Winnicott, 1978). Como fonte secundária, um texto de Safra (1995) fora adotado em função de sua leitura sobre o jogo de espátulas de Winnicott que oferece suporte à discussão original.

A despeito da interlocução entre diferentes concepções, não se pretende aqui buscar uma síntese entre elas, tampouco transformar uma teoria na outra. Preservar as diferenças entre elas implica necessariamente em reconhecer o distinto lugar de onde falam e se produzem. Para não incorrer em tal risco, recorreremos ao fenômeno do desenvolvimento, do crescimento, da maturação ou amadurecimento e do ambiente como ponto em comum. Nesse sentido, Fulgencio (2016) alerta:

Qual a maneira de fazer articular ou dialogar sistemas teóricos díspares? Considerando que uma teoria visa, em última instância, a descrever sucintamente os fenômenos, trata-se de poder compreender os fenômenos descritos por um determinado sistema teórico e, depois, perguntar ou verificar se um outro sistema viu ou considerou estes fenômenos; caso não os tenha considerado, fazê-lo agora usando a linguagem próprio desse segundo sistema, e vice-versa, sem a intenção de síntese ou de importação. (p. 26)

Dando continuidade à pesquisa, a *etapa 2* da metodologia refere-se à leitura e estudo do conteúdo decorrente da etapa 1. De posse dos dados levantados, houve início à leitura exploratória e estudo do material compilado, para que fossem compreendidas as descrições respectivas a cada conhecimento. O resultado foi analisado inicialmente de forma descritiva, com base nas conceituações encontradas e, posteriormente, nas aproximações e distanciamentos entre as teorias, de modo que fosse possível contribuir com as reflexões

decorrentes dessa apreciação. Nessa etapa realizou-se um processo de fichamento no qual os dados foram sistematizados e ficaram disponíveis para serem recuperados sempre que necessário – além de permitir uma visualização comparativa entre os textos.

A articulação da teoria da Gestalt-terapia com outras perspectivas, contribui para a reflexão de outros saberes acerca do objeto dessa pesquisa, possibilitando ampliar a compreensão existente nessa abordagem sobre o processo de desenvolvimento. Contribuir com a atualização e o desenvolvimento de uma teoria torna-se viável a partir da detecção de um erro ou uma falta verificada nela (Shaughnessy, Zechmeister & Zechmeister, 2012). Nisto consiste a terceira e última etapa do trabalho. A *etapa 3* discorrerá sobre a interação organismo/ambiente e suas contribuições para uma compreensão relacional do desenvolvimento humano na Gestalt-terapia. No que tange à interlocução com Winnicott, Gold e Zahan (2014) lembram que as pesquisas em psicoterapia evidenciam que o impacto terapêutico não está relacionado a um método ou técnica particular, mas aos chamados fatores comuns. Isto aponta que um mesmo fenômeno pode ser descrito, lido e compreendido sob diferentes perspectivas e, com isso, desdobrar ganhos para diferentes concepções clínicas.

3. Análise da literatura: Gestalt e desenvolvimento

“Na Gestalt-terapia trabalhamos por algo mais. Estamos aqui para promover o processo de crescimento e desenvolver o potencial humano” (Perls, 1977, p. 14).

Na presente tese, o levantamento teórico do tema se desenvolveu em três etapas principais, sendo elas: 1. levantamento de publicações em bases de dados, 2. levantamento teórico na Gestalt-terapia (obras originais de Fritz Perls e demais pesquisadores do tema) e 3. levantamento das obras de Winnicott com ênfase na perspectiva relacional da teoria. Os resultados serão apresentados no formato de texto corrido, com o auxílio de tabelas e figuras que corroborem com a compreensão do leitor, e serão dispostos como subtemas deste capítulo conforme a temática em questão. São eles: 1. A busca nas bases de dados; 2. Obras originais de Fritz Perls; 3. Pesquisadores e estudiosos do tema e 4. As primeiras experiências sob a perspectiva gestáltica.

3.1 A busca nas bases de dados

A busca nas bases de dados se justifica pela intenção de alcançar trabalhos mais recentes sobre tema em estudo, propiciando um olhar histórico que descreva a construção do saber ao longo do tempo até o presente momento. Ela aconteceu pela combinação dos descritores do grupo 1 (*Gestalt-terapia; Abordagem Gestáltica; Terapia Gestalt*) e do grupo 2 (*desenvolvimento; desenvolvimento humano; crescimento*). Para empregar o critério de inclusão ou exclusão a esta pesquisa, realizou-se a leitura dos resumos e, em caso de dúvida, do texto por inteiro para que fosse avaliada a adequação aos critérios elencados. Na busca realizada, foram encontrados 17 artigos na Scielo e 15 na PePSIC, totalizando 32 publicações. Dessas, apenas três atenderam ao critério de inclusão que delimitava algum recorte na seara do desenvolvimento infantil com enfoque da Gestalt-terapia (ver tabela 1). Os demais 29 artigos, embora relacionassem os termos especificados, não abordavam qualquer exploração da temática de interesse desta pesquisa e, por isso, foram excluídos dos resultados.

Tabela 1 - Artigos incluídos no levantamento de publicações nas bases de dados

Ano	Nome	Autor (es)
2018	Des-envolver humano: ampliação de campo para Gestalt-Terapia	Magaly Fernandes Santiago Karpen
2018	Limites na educação de crianças: desafios e possibilidades sob uma perspectiva gestáltica	Fabiola Mansur Polito Gaspar; Elise Haas de Abreu
2020	Compreensão do binômio segurança e risco: perspectivas em diálogo	Rafael Cidrão Campos; João Vitor Moreira Maia

Os dados encontrados nessa etapa conversam com os encontrados em trabalho anterior, quando foi realizada uma pesquisa bibliométrica sobre a temática “Gestalt-terapia com crianças” (Pajaro, 2015), que teve por objetivo contabilizar e descrever o panorama das publicações brasileiras, no intervalo de 1980 a 2014, de modo a elucidar avanços e lacunas nessa área. À época, a análise bibliométrica do tema considerou como foco a catalogação de livros e artigos encontrados a partir de uma busca realizada nas principais bases de dados eletrônicas (BVS, PePSIC e Scielo), bem como nas principais revistas impressas e on-line de Gestalt-terapia. No levantamento da pesquisa supracitada, dentre o universo de temáticas elencadas, foram encontrados artigos relacionados à temática do desenvolvimento humano (Pajaro, 2015). Pela similaridade do tema, optou-se por referenciar no presente estudo os dados daquele levantamento, que abarcou artigos de revistas impressas os quais não se tem acesso atualmente em bancos de dados eletrônicos, como pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2 - Artigos sobre o tema desenvolvimento e Gestalt-terapia - revistas impressas (Pajaro, 2015)

Ano	Nome	Autor(es)
	Gestalt e crianças: crescimento	Myrian Bove Fernandes
	Reflexões sobre as primeiras relações da criança, segundo a Gestalt-terapia	Sandra Regina Cardoso Zinker
1995	Reflexões sobre o desenvolvimento da criança segundo a perspectiva da Gestalt-terapia	Cláudia Rinaldi Nogueira, Eviene Abduch Lazaros, Myrian Bove Fernandes, Sandra Regina Cardoso e Tereza Cristina Pedroso Ajzenberg
1998	A gênese da construção da identidade e da expansão de fronteiras na criança	Myrian Bove Fernandes, Claudia Rinaldi Nogueira, Eviene Abduch Lazaros, Sandra Regina Cardoso Zinker, Tereza Cristina Pedroso Ajzenberg e Claudia Magri Maffei
2000	Figuras de apego: matriz dos vínculos afetivos	Myrian Bove Fernandes, Claudia Rinaldi Nogueira, Eviene Abduch Lazaros, Sandra Regina Cardoso Zinker e Tereza Cristina Pedroso Ajzenberg
2001	Tentativas de encontrar a ordem da formação dos mecanismos na criança	Chu Yu Gi
2004	A teoria do self aplicada ao atendimento de vítimas de violência doméstica - uma visão gestáltica	Graça Gouvêa
2005	Noções teóricas gerais sobre o desenvolvimento humano.	Fabiola Brandão

Os resultados detalhados por Pajaro (2015) revelaram que as produções brasileiras sobre o tema do desenvolvimento começam a ser publicadas a partir de 1995, fruto dos esforços de um grupo de gestalt-terapeutas de São Paulo que se debruçava sobre estudos da infância nessa abordagem. Isso revela o pioneirismo desse grupo no Brasil⁵, no que diz respeito ao empenho de inaugurar na literatura brasileira reflexões acerca da criança e de seu desenvolvimento.

Abordar essa lista de artigos permite dar visibilidade a um material que retrata uma produção existente, porém, indisponível no formato on-line. Por se tratar de arquivos unicamente impressos, encontram-se atualmente, em sua maioria, nas bibliotecas de institutos de formação em Gestalt-terapia pelo país. Representam uma parte da história da abordagem no Brasil, um caminho construído na direção de discutir e ampliar o tema do desenvolvimento

⁵ Myriam Bove Fernandes, Sandra Regina Cardoso, Cláudia Rinaldi Nogueira, Eviene Abduch Lazaros e Tereza Cristina Pedroso Ajzenberg. Retirado de Pajaro (2015).

humano nesta abordagem. Ultrapassando a análise que fora realizada na busca de Pajaro (2015), um detalhamento atual dos resultados revela que, do total de 48 produções encontradas naquela pesquisa, 12 delas abordam a temática do desenvolvimento – sendo 11 artigos e um livro. Portanto, no intervalo pesquisado de 34 anos, uma a cada quatro publicações ligadas à temática infantil diz respeito a questões relativas ao desenvolvimento. Isso parece sinalizar, ao menos, uma inquietação da comunidade gestáltica relativa ao tema.

Um comparativo entre esses dados da pesquisa de Pajaro (2015) em relação aos dados encontrados na atual busca permite observar como vem se comportando as publicações deste tema até o presente momento. Nos achados atuais, com a busca nas principais bases de dados, chama atenção o total de três artigos encontrados com esse recorte. Ou seja, de uma busca que totalizou 32 textos, apenas três de fato expõem o tema referido num espaço temporal de quatro anos. Tais dados revelam que essa discussão é ainda incipiente e sinaliza a necessidade de ampliação. Duas reflexões são pertinentes perante a tendência de pesquisa e publicação nessa abordagem. A primeira delas leva em consideração o “tempo de vida” da Gestalt-terapia, uma abordagem de 70 anos que vem se expandindo no que tange a seu alcance, retratado pelo crescente número de profissionais e de produções.

A segunda reflexão reverbera um apontamento historicamente conhecido, a saber, uma crítica à Gestalt-terapia no que tange à produção de conhecimento com estudos e pesquisas que se traduzam em publicações. Ainda que de posse de uma vasta fundamentação, a Gestalt-terapia esteve por muito tempo associada a uma visão predominantemente técnica, desconectada de sua fundamentação teórica. Nasce e dá seus primeiros passos alicerçada em uma dicotomia teórico-prática que reverbera em seu desenvolvimento posterior e que ressoa, ainda hoje, como desafio a ser constantemente refletido e respondido pelos gestalt-terapeutas (Pajaro, 2015).

A etapa seguinte consistiu em realizar o levantamento das obras originais que comporiam a base da compreensão do objeto de estudo. Reconhecendo a amplitude das obras originais de Fritz Perls, e dados os limites de extensão da pesquisa, optou-se por realizar um recorte que abarcasse unicamente as obras de autoria e coautoria de Fritz Perls, considerado um dos principais fundadores da Gestalt-terapia. Com isso, foram incluídos cinco livros, conforme descrito na tabela 3.

Tabela 3 - Obras originais da Gestalt-terapia incluídas na pesquisa

Ano	Nome	Autor(es)
1942	Ego, fome e agressão	Fritz Perls
1951	Gestalt-terapia	Fritz Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman
1969	Gestalt-terapia explicada	Fritz Perls
1969	Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo	Fritz Perls
1973	A Abordagem Gestáltica e a testemunha ocular da terapia	Fritz Perls

A seguir serão apresentadas as obras originais de Perls e, posteriormente, os demais autores estudiosos sobre o tema e suas contribuições. Com isso pretende-se responder ao problema de pesquisa retomando primeiramente os fundamentos da Gestalt-terapia e, com isso, elucidar para onde caminham as discussões sobre desenvolvimento nessa abordagem. Em seguida, unindo ambas as fontes, discorrerá sobre as primeiras experiências de vida sob essa perspectiva. Toda essa fundamentação precederá o capítulo seguinte, quando serão apresentados elementos fundamentais da teoria de Winnicott. Tendo construído e fundamentando esse “chão”, estarão postos os alicerces de um diálogo consistente entre esses conhecimentos distintos.

3.2 Obras originais de Fritz Perls

Para abordar as perspectivas de desenvolvimento em Gestalt-terapia, foi necessário se debruçar sobre as obras originais da abordagem, ir à fonte, aos escritos de autoria e coautoria⁶ de Fritz Perls. A busca pelo objeto de pesquisa será detalhada a seguir, elucidando seus resultados e as discussões decorrentes. Serão abordados os achados, as lacunas que ficaram evidentes, as conseqüentes reflexões e, não menos importante, os questionamentos que esse

⁶ Em referência ao texto *Gestalt-terapia*, de 1951/1997, em coautoria com Ralph Hefferline e Paul Goodman.

mergulho pôde suscitar. Algumas perguntas foram respondidas, outras deram origem a novas indagações.

O levantamento realizado nessa pesquisa revelou que o termo "desenvolvimento" é usado de forma ínfima na literatura de Perls. Em lugar disso, verificou-se que se encontram mais explicitados os conceitos de crescimento e de maturação. A primeira questão que se apresentou foi a possibilidade de haver discrepância em relação à tradução desses termos. No entanto, indo diretamente aos textos originais em inglês, pôde-se constatar que não se trata de um equívoco na transposição das palavras, mas de fato uma escolha do autor por adotar *growth* e *maturation*. Tendo em vista disso, pode-se entender que desenvolvimento, crescimento e maturação na Gestalt-terapia fazem referência a processos similares? Para responder, serão apresentadas as concepções do autor.

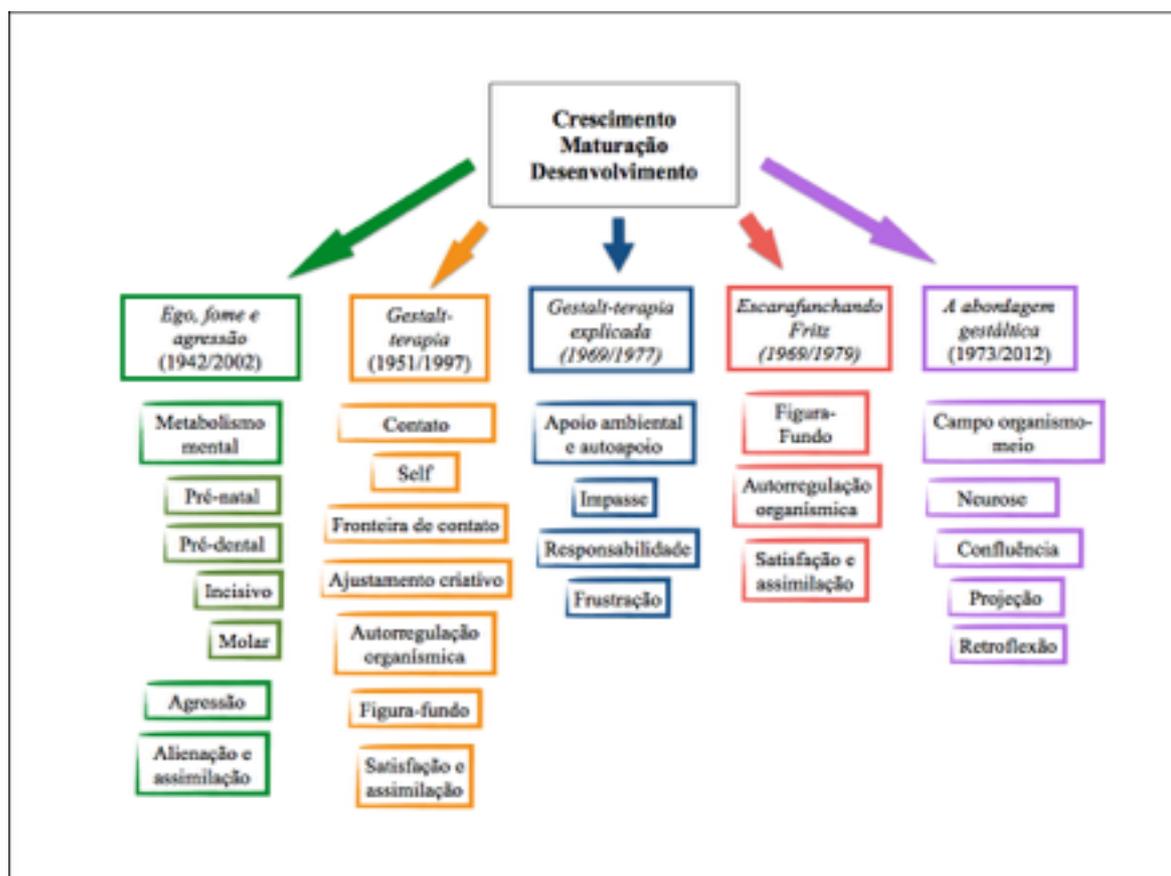
Perls pensava a Gestalt como uma teoria viável e apropriada à sua época (Perls, 1979), e os achados demonstram que não há uma teoria do desenvolvimento, ao menos assim intitulada e explicitada em sua bibliografia. Todavia, ao longo de sua obra, menciona uma série de elementos que ele interrelaciona aos processos de crescer e de amadurecer. A teorização que mais se aproxima de como uma pessoa se desenvolve pode ser encontrada na metáfora do metabolismo mental, um modelo explicitado por Perls em referência ao processo de crescimento.

Os conceitos e processos descritos por Perls em seus textos fornecem elementos básicos para a construção de uma compreensão de desenvolvimento à luz da Gestalt-terapia. Mas essa concepção não está enunciada de modo organizado e claro em seus textos. São como peças de um quebra-cabeça, que possuem sentidos em si mesmas, mas não estão dispostas formando um todo unificado, isto é, uma teoria⁷ ou perspectiva de compreensão – ao menos não explicitamente.

Como pílulas que retratam pequenas doses do conhecimento, a figura 1 ilustra onde e como aparecem as discussões pulverizadas nas obras originais sobre crescimento, maturação e desenvolvimento. São conceitos e processos humanos que descrevem o funcionamento do organismo/ambiente. Portanto, cada uma dessas concepções a serem apresentadas, dizem necessariamente de uma interrelação do organismo/ambiente em ação.

⁷ Teoria aqui refere-se a um conjunto de ideias ou proposições sistematizadas acerca de um dado assunto ou tema.

Figura 1- Elementos de compreensão da temática destacados por obra de Perls (1942 - 1973⁸)



Fonte: própria autora.

Para fins de sistematização dos dados, cada subitem encontrado e destacado das obras de Perls nessa pesquisa serão denominados "elementos de compreensão da temática". Eles serão apresentados a seguir, de acordo com o texto ao qual pertencem, mantendo o critério de ordem cronológica das publicações.

A Gestalt-terapia nasce de um processo criativo de diferenciação com a Psicanálise. Fritz e Laura Perls, dois de seus principais fundadores, eram psicanalistas de formação e, junto às contribuições de Paul Goodman, gestaram o que viria a ser essa nova modalidade de psicoterapia (Alvim, 2007). A obra de Perls *Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*, publicada em 1942 na África do Sul, origina-se de seu afastamento crítico em relação à Psicanálise, fruto de seu mal-estar com a teoria psicanalítica, levando-o a propor

⁸ Data da primeira (1942) à última publicação (1973) original. Optou-se por referenciar o ano de tal modo a fim de ilustrar a ordem cronológica de suas obras.

novidades e ultrapassar os modelos estabelecidos (Araújo, 2002). Esta obra retrata a aproximação de uma compreensão do modo como o ser humano se desenvolve ao discorrer sobre a metáfora da mastigação.

Em analogia ao desenvolvimento dentário e ao processo de mastigação, Perls apresenta o *metabolismo mental*: “a fome do alimento mental e emocional se comporta como a fome física” (Perls, 2002, p. 169). O surgimento do dente propiciaria, por meio da mordida, o início da “mastigação psicológica”, isto é, da possibilidade de sentir, quebrar, assimilar e eliminar. Com isso, Perls reitera que a conquista de uma condição é necessária para a manifestação de algumas capacidades, assim como para a progressão sucessiva no curso de novas aquisições.

Para alcançar sua proposição, é fundamental não perder de vista a semelhança contida entre esses diferentes processos: mastigação e crescimento. Nesta proposição, a possibilidade gradual de morder ilustra a possibilidade gradual de crescer. Perls (2012) desmembra o metabolismo mental nos estágios “pré-natal” (antes do nascimento), “pré-dental” (amamentação), “incisivo” (morder) e “molar” (morder e mastigar). Como se pode perceber, a cada novo estágio é adicionada uma nova capacidade.

Um aspecto interessantíssimo dessa proposição de Perls é reconhecer que a maturação psicológica de uma pessoa acontece durante toda a vida e que, portanto, a progressão no seu desenvolvimento pode se dar em qualquer faixa etária cronológica. Ainda que se apoie na metáfora da alimentação do bebê e da criança, o faz como analogia, e não como uma transposição literal. Essa proposta elucidada que o crescimento acontece, ou mesmo se interrompe, em qualquer momento da vida de uma pessoa e que, no que tange ao desenvolvimento, não há em Perls qualquer correlação entre um estágio e uma idade específica.

O primeiro estágio, o “pré-natal”, ligado ao feto, retrata uma alimentação passiva e sem esforços. Nesse estágio, o bebê obtém todo o alimento do qual necessita via placenta e cordão umbilical (Perls, 2002). Fazendo um paralelo, aqui podemos pensar uma condição na qual a pessoa ocupa uma posição de pleno recebimento, sem qualquer iniciativa de sua parte. É uma condição de não-ação no ambiente, de um estado passivo no qual apenas se recebe de outrem aquilo que é necessário à sua sobrevivência.

Com o nascimento – e o corte nesse formato de alimentação, o bebê começa a assumir, gradativamente, novas funções em relação à sua própria nutrição: dá-se início ao estágio “pré-

dental”, caracterizado pela amamentação. Agora o bebê é responsável pela própria respiração e por incorporar o alimento líquido, mesmo que não haja ainda a necessidade de destruir algo sólido (Perls, 2002) – o que começa a lhe conferir um novo papel. Há nesse momento uma ação de sugar, isto é, um movimento de retirar do ambiente aquilo que lhe é necessário. Configura-se assim, uma espécie de parasitismo (Perls, 2002). O alimento é incorporado ainda passivamente, engolido exatamente como chega, sem demandar qualquer tipo de quebra.

Com a chegada dos primeiros dentes, tem início o "estágio incisivo", que diz respeito à inauguração da capacidade de morder no bebê. Perls (2002) dirá que essa nova configuração permite que se possa atacar o alimento sólido, destruindo a sua estrutura bruta e, muitas vezes, tornando os mamilos da mãe algo para ser mordido. Para ele, a tarefa dos dentes cumpre a função de destruir a estrutura bruta do alimento. Agora é possível, e até necessário, quebrar aquilo que se recebe, em vez de engolir como antes.

É equivocado, no entanto, presumir que ter dentes, por si só, garante o morder. É preciso sustentar a energia agressiva necessária a esse ato pois, “quanto mais a atividade de morder é inibida, menos a criança desenvolverá a habilidade de enfrentar um objeto, se e quando a situação exigir” (Perls, 2002, p. 167). Há fatores, portanto, que podem interferir no morder, favorecendo-o ou dificultando-o, sejam eles próprios do organismo ou advindos do ambiente. As inibições nesse processo natural podem gerar cristalizações ou interrupções relevantes decorrentes delas. Outra informação significativa é que, nesse momento, a criança pequena não é capaz de distinguir entre mundo interno e externo, o que caracteriza um período de natural confluência e indiscriminação.

No estágio "molar", ativa-se a capacidade de morder e mastigar, por meio da destruição e trituração dos alimentos. É possível agora, pela completa mastigação, propiciar ao organismo a diferenciação entre aquilo que lhe é nutritivo ou tóxico, pelos processos de nutrição e alienação (Perls, 2002). O autor enfatiza que "o uso dos dentes é a principal representação biológica da agressão" (p. 74) e, com isso, indica uma semelhança estrutural entre os processos mentais e físicos.

A palavra “agressão” está no título dessa obra e é, sem dúvidas, um elemento fundamental para toda esta proposição. Perls (2002) defende a premissa de que o uso dos dentes é, na verdade, a principal representação biológica da agressão, isso porque

operacionaliza a função destrutiva que permite quebrar algo que é diferente do *eu*, advindo do meio. Sem transformar aquilo que recebe, o organismo é impedido de realizar um processo de digestão.

A agressão exerce função importante na teoria de Perls et al. (1997) visto que considera que a aniquilação e a destruição, a iniciativa e a raiva, são fundamentais para pensar o crescimento, a partir da elaboração de um novo todo. Segundo os autores, a recusa pela destruição poderia significar um processo de introjeção do *self* que, perdendo o contato com sua necessidade, engole sem assimilar. É importante ressaltar que, para Perls et al. (1997), *self* diz respeito ao sistema de contatos em qualquer momento; é o sistema de respostas, flexível e variável, pois varia conforme as necessidades prementes.

A dentição favorece o processo de assimilação e destruição daquilo que é diferente do *eu*, daquilo que lhe é estranho (Perls, 2002). A assimilação acontece quando, pelo processo de destruição, algo se torna parte desse *eu* (Perls, 1979). Ao mastigar e destruir, é possível jogar fora o que lhe é rejeitável e assimilar o que lhe é nutritivo. A questão é o que garante essa capacidade de mastigar, do ponto de vista psicológico? O que é preciso para que o indivíduo conquiste a possibilidade de usar sua energia agressiva de modo a destruir, podendo, posteriormente, assimilar algo e crescer? Seria a agressão uma capacidade inata que exigiria uma sustentação do meio para que possa se manifestar?

Ao examinar a natureza da agressão, mais à frente, Perls (2002) diz estar convencido de que ela não é uma energia, mas uma função biológica, uma função do instinto de fome. Para ele, é fundamental reestabelecer essa função biológica, de modo que a agressão possa ser aplicada. Caso contrário, ela pode ser retrofletida, isto é, em vez de dirigida do indivíduo para o mundo, muda sua direção, voltando-se para si mesmo (Perls, 2002).

Um bloqueio na energia agressiva configura, portanto, um empecilho ao curso do desenvolvimento. Se não é possível entrar em contato com essa energia agressiva e, em vez disso, tentar se livrar dela, haverá dificuldades em morder e mastigar – um impedimento no processo de alienação ou assimilação. Fruto disso, ou nada é assimilado e torna-se parte do eu, fazendo-o crescer, ou nada é alienado, mantendo-o imerso na toxidade.

A metáfora do metabolismo mental tem alguns problemas significativos. Perls atribui ao nascimento dos dentes a inauguração da capacidade no bebê de quebrar e assimilar o alimento, operacionalizando tal metabolismo. É curioso que Perls fosse médico neurologista,

portanto, conhecia minimamente (mesmo que à época) algo de química e de biologia. E essa metáfora desconsidera que o bebê, mesmo dentro do ventre, já metaboliza, consome e excreta. Há nela também a ideia de um ser passivo no útero materno, apenas receptor do alimento via cordão umbilical. Esta é outra presunção errônea, mas, convenhamos, adequada à época. Especialmente na segunda metade do século XX, os avanços nos estudos sobre o bebê fizeram ruir a ideia de passividade que lhe era atribuída.

Outro elemento questionável é o papel do ambiente nessa formulação. A concepção de que morder propicia o crescer não deixa claro o que garantiria essa capacidade do ponto de vista emocional. A agressão é representada pelo nascimento do dente, dando início à capacidade de morder. Com isso, o papel do ambiente nesse processo não é explicitado, o que faz com que ele perca espaço na discussão das capacidades que vão sendo despertadas no organismo. Fala-se sobre a metabolização desse ambiente, mas omite-se qual o seu papel no sentido de propiciar ou impedir a energia agressiva. Tendo em vista todos esses pontos, é um modelo questionável de descrever o crescimento, com falhas em sua sustentação teórica.

O livro *Gestalt-terapia*, de 1951, é uma obra escrita a seis mãos: Perls divide a autoria com Ralph Hefferline e com Paul Goodman. Nela é possível observar uma escrita apresentada de modo pouco sistematizado – talvez por comportar as proposições iniciais de uma nova teoria. Anos depois, em um *workshop* em 1979, ao ser questionado por um participante sobre a leitura desse livro, o próprio Perls disse que estava aprendendo outras maneiras de transmitir sua mensagem numa linguagem que fosse mais simples. Explorar essa obra impôs como desafio a esse trabalho a necessidade de uma mínima organização que buscasse atender a uma lógica conceitual.

O primeiro capítulo do livro chama-se “A estrutura de crescimento”. Nele, os autores tomam como ponto de partida o conceito de contato, como realidade primeira e mais simples, como o funcionamento da fronteira entre o organismo e seu ambiente (Perls et al., 1997). Afirmam que organismo e ambiente compõem um campo de interação do qual decorre toda função humana. O que evidenciam com isso? A impossibilidade de pensar o indivíduo isolado, em si mesmo, e a afirmação de que todo acontecimento está em função da interação desse todo.

Em Perls et al. (1997), o contatar é descrito em seu caráter de resposta motora, que envolve um duplo movimento de apetite e rejeição, de aproximação e afastamento. Para os

autores, a experiência se dá na fronteira entre o organismo e seu ambiente, isto é, na superfície da pele e demais órgãos de resposta sensorial e motora, por meio de um contato que promove o novo e sua assimilação – que sucessivamente modifica o organismo. A fronteira de contato limita e contém o organismo, ao mesmo tempo que contata o ambiente (Perls et al., 1997).

Todas as trocas acontecem na fronteira de contato. Tudo o que é rejeitável, dela é afastado, assim como tudo aquilo o que é desejável, por ela é assimilado. Portanto, ela funciona como uma espécie de membrana de diferenciação que compreende os processos de troca do organismo com o meio. A cada processo de assimilação, algo novo começa a fazer parte do organismo, o que levará a sucessivas modificações (Perls et al., 1997).

O que é o crescimento? O “crescimento é a função da fronteira-de-contato no campo organismo/ambiente; é por meio do ajustamento criativo, mudança e crescimento que as unidades orgânicas complicadas persistem na unidade maior do campo” (Perls et al., 1997, p. 45). O processo de crescimento, portanto, está intimamente ligado ao ajustamento criativo, à autorregulação orgânica e à formação e destruição de figuras. Crescer acontece necessariamente pelo contato com o diferente, por meio do ajustamento criativo do organismo na interação possível *com* e *no* ambiente. Ou seja, só é possível haver crescimento onde há contato, onde o *eu* toca o *não-eu*, onde organismo e ambiente se encontram.

O organismo, pelo surgimento de uma necessidade, se ajusta criativamente ao seu meio, na busca por uma satisfação, a partir de uma negociação do que é possível nele e está disponível para tal. Nesse movimento, entende-se que a figura emergente se configura a partir de uma perturbação no organismo, que gera um estado de mobilização, delineando algo que se destaca de um fundo.

No dinâmico processo de formação de figura/fundo, as urgências e os recursos do campo progressivamente emprestam suas forças ao interesse, brilho e potência da figura dominante, dando-lhe limpidez, unidade, fascinação, graça, vigor, desprendimento etc. (Perls et al., 1997). A noção de uma vivacidade expressa na figura que se destaca do fundo expande para a possibilidade de se questionar quando esta não se coloca como tal, caracterizando-se como opaca, sem energia e nitidez. Nesse ponto, os autores parecem tocar no que poderia ser pensado como uma aproximação do modelo de saúde/doença: embora afirmem não considerar necessárias teorias do “comportamento normal”, declaram que figuras sem energia, confusas

e desleigantes sinalizam uma falta de contato que denuncia algo no ambiente, no qual uma necessidade vital não está sendo expressa.

As necessidades – de qualquer que seja a ordem – surgem como perturbações no organismo que, pelo processo de homeostase, levam ao contato em busca de reequilíbrio. A autorregulação orgânica diz de um processo natural, livre e espontâneo do organismo de se reequilibrar frente a uma inquietação (Perls et al., 1997). Quando uma necessidade desponta, como figura, o organismo entra num estado de perturbação que o moverá na direção de retomar sua condição de repouso. Para tanto, o movimento do organismo se guiará pela figura dominante, em busca de satisfação e do consequente retraimento.

Quando um bebê sente fome, ainda que não saiba cognitivamente nomear ou identificar como fome, seu organismo sai do estado de repouso e fica excitado frente a uma demanda que carece ser atendida. O excitamento crescente, sensitivo e interessado é contato e formação figura-fundo, ao passo que aquilo que não é de interesse não é psicologicamente real (Perls et al., 1997). A criança um pouco maior, por exemplo, que busca pela bola e já possui maturação biológica suficiente para tal, poderá ensaiar os primeiros passos diante da vontade de buscar o brinquedo que chutou para longe de si e que agora deseja, configurando assim uma figura emergente para ela.

O movimento, o contato que amplia a fronteira, ocorre em função de algo em questão (Perls, 1977). Isso reitera que “o interesse e o excitamento da formação figura-fundo são testemunhos imediatos do campo organismo/ambiente” (Perls et al., 1997, p. 48). A excitação é produzida quando o organismo demanda uma atividade, sobretudo, motora (Perls, 2002), como recurso indispensável para a ação direcionada a algo. Quando essa atitude encontra uma satisfação, o organismo se reequilibra e retorna a um estado de repouso. Caso contrário, experimenta a sensação de algo inacabado, não retomando o repouso, podendo gerar ansiedade e frustração.

O organismo que não cresceu, pelo contato com a satisfação e fruto da assimilação, repete a atitude para o mesmo esforço, sinalizando um organismo que tenta, novamente, encontrar uma solução (Perls et al., 1997). A atitude fixada, portanto, para esses autores, nada mais seria do que uma tentativa do organismo de se resolver em uma situação inacabada, que busca por uma solução satisfatória – movimento para o crescimento.

As tentativas repetidas podem virar hábitos, o que Perls (1979) descreve serem *gestalten* integradas e dispositivos econômicos da natureza. O que ele explica é que, se inicialmente uma tarefa é desempenhada de modo que demanda maior tempo e concentração, a repetição pode torná-la automática, tornando-se um hábito: “hábitos bons são parte de um processo de crescimento, a realização de uma aptidão em potencial” (p. 68). Do mesmo modo que um bebê, ao ensaiar os primeiros passos, experiencia o cair, até que comece a andar e em seguida correr: a repetição gerou um hábito que foi integrado nessa criança. Todo esse processo significa crescimento.

Em suma, compreendemos que, na fronteira, ocorre o contato do *eu* com o *não-eu*, do organismo com o ambiente. Desse contato, surge uma excitação no organismo que o retira do estado de repouso: uma figura começa a se energizar e se destacar do fundo configurando uma necessidade. Pelo processo de homeostase, visando reestabelecer seu equilíbrio, o organismo visa ajustar-se criativamente na busca por uma satisfação. Quando sua necessidade real é satisfeita, pode assimilar e crescer com a experiência. Nesse momento, sua energia cai e retrai. Quando não satisfeita, a *gestalt* fica aberta, configurando uma situação inacabada.

Em 1977, na obra *Gestalt-terapia Explicada*, Perls afirma que o objetivo dessa abordagem é amadurecer e crescer. E então, o que é amadurecer? Em suas palavras, “amadurecer é transcender do apoio ambiental para o autoapoio” (Perls, 1977, p. 49). Há, portanto, uma progressão do autoapoio que vai substituindo, cada vez mais, a ajuda de fora, afastando-a (Perls, 1979). Isso significa que, à proporção que uma pessoa cresce, aumenta a sua sustentação em si mesma e diminui, gradativamente, sua necessidade de amparo externo.

O apoio ambiental refere-se a todo apoio advindo de fontes externas. Isso permite afirmar que o crescimento pode ser compreendido como uma transição contínua do heterossuporte, quando o amparo provém do meio, para o autossuporte, quando esse lhe é próprio. Tendo em vista disso, Perls reitera que o objetivo da terapia é “fazer com que o paciente não dependa do outro” (Perls, 1977, p.50). Aqui cabe questionar se esse tem sido, de fato, um norte no trabalho dos gestalt-terapeutas atuais. Trata-se de um convite a meditar sobre essa proposição.

Ao refletir sobre dependência do outro, há de se tomar cuidado com os extremos, seja o de uma dependência absoluta ou de uma independência absoluta do outro e do meio. A completa ausência de dependência incorre no risco de subjetivismo, que isola o organismo em

si mesmo, como numa autossuficiência sedutora, porém ilusória. Mas o que o autor parece chamar atenção é para a conquista gradual de uma condição de amadurecimento que permita à pessoa sustentar a si próprio sem que precise manipular o ambiente para que sejam atendidas suas necessidades.

No ponto em que o apoio ambiental não é mais suficiente, e em que o autoapoio autêntico ainda não foi obtido acontece o impasse – ponto crucial da terapia e do crescimento (Perls, 1977). Ao encontrar-se nesse ponto, depara-se com a falta e essa torna-se uma grande oportunidade de mobilizar energia e os próprios recursos para buscar uma saída. Esse caminho envolve o risco do desconhecido, o novo, e o contrário dele é permanecer na segura mesmice, na qual a pessoa em nada é demandada a se movimentar. O crescimento se dá, justamente, fora do equilíbrio e na falta do apoio (Perls, 1977).

Isto posto, a imaturidade diz respeito a uma condição de resistência ao sofrimento que leva à manipulação do ambiente como evitação da dor do crescimento (Perls, 1977). O autoapoio tem a ver com a descoberta de que aquilo que se espera e se tenta obter do ambiente pode, por vezes, ser encontrado em si mesmo. Para tanto, é necessário assumir a responsabilidade pelo próprio processo, que não está dado e exige um movimento ativo de responsabilização.

Perls reconhece que a própria pessoa tem responsabilidade pela progressão no seu processo de crescimento. Para ele, autenticidade, maturidade, responsabilidade pelos próprios atos e pela própria vida são uma única e mesma coisa (Perls, 1977). O conceito de responsabilidade é um ponto central no pensamento de Perls e encontra-se bastante discutido nesta obra. Ele o define como uma habilidade se responder, de sentir, de ser totalmente responsável por si mesmo e por mais ninguém : “eu creio que esta é a característica básica da pessoa madura" (Perls, 1977, p. 141).

O neurótico, na concepção de Perls, diz respeito à pessoa que necessita de apoio vindo de fontes externas e que usa do seu potencial para manipular os outros em vez de crescer sozinho (Perls, 1979). Ainda que em qualquer momento da vida exista alguma demanda de suporte para além do *eu*, o que Perls parece sublinhar é que no neurótico há uma predominância de buscar sustentar no outro e no mundo sua necessidade – e não em si mesmo. Assim o faz “porque não pode sustentar as tensões e frustrações que acompanham o

crecimento” (Perls, 1979, p. 28). Há nele uma inabilidade para responsabilizar-se por si mesmo, posto que isso lhe impõe frustração e sofrimento.

A frustração, para Perls (1977), é uma força propulsora para o crescimento à medida que, sem ela, não existe necessidade nem razão para mobilizar os próprios recursos e para descobrir as próprias necessidades. Para ele, os pais são aqueles que podem ou não permitir a frustração de uma criança. Quando não é frustrada, ela aprende a manipular o próprio ambiente (Perls, 1977). Essa colocação traz à luz a relevância do ambiente, aqui em destaque, dos pais, de favorecer ou dificultar o processo de crescimento, o que põe em questão os recursos disponíveis deles próprios, que se colocam a serviço do processo de amadurecimento da criança. Sendo assim,

(...) cada vez que o mundo adulto impede a criança de crescer, cada vez que ela é mimada por não ser frustrada o suficiente, a criança está presa. Assim, em vez de usar seu potencial para crescer, ela agora usará seu potencial para controlar o mundo, os adultos. Em vez de mobilizar seus próprios recursos, ela cria dependências. Ela investe sua energia na manipulação do ambiente para obtenção de apoio. Ela controla os adultos começando a manipulá-los, ao discriminar seus pontos fracos. (Perls, 1977, p. 55)

Se a criança manipula em busca de apoio no ambiente, isso significa, impreterivelmente, uma inviabilidade de desenvolver o apoio em si mesma – o que seria, em Perls, o contrário de amadurecer. Podemos afirmar, com isso, que ao falar da frustração Perls fornece um elemento importante para pensar o adoecimento, isto é, o impedimento do crescimento. O autor discorre sobre tal imaturidade: “esta manipulação do ambiente pelo desempenho de certos papéis é a característica do neurótico – é a característica de nossa imaturidade que resta” (Perls, 1977, p. 58).

Imediatamente, a questão que se coloca é: por que é relevante aos clínicos saberem sobre as variáveis que podem interferir na maturação? Primeiro, porque reconhecer a relevância da família no desenvolvimento de uma pessoa alerta os profissionais sobre os cuidados que ela própria demanda diante do nascimento de um novo ser. A qualidade do cuidado ofertado à criança está intrinsecamente relacionada aos recursos dos quais esses pais ou cuidadores dispõem. Em alguns momentos, pais, babás, professores etc., em vez de facilitarem um desenvolvimento autêntico, acabam por interferir no desenvolvimento natural (Perls, 1977). É, portanto, fundamental olhar para aqueles que ocupam esse papel ao pensarmos numa perspectiva de desenvolvimento. Em outras palavras, fica explícita a

relevância do ambiente (aqui destacando a família) no processo de crescimento de um indivíduo.

Em segundo lugar, porque independentemente da idade, o clínico trabalha a todo momento com o crescimento de seu cliente, qualquer que seja o lugar em que se encontra: “o que buscamos é a maturação de uma pessoa, removendo os bloqueios que a impedem de manter-se sobre os próprios pés. Nós tentamos ajudá-la a fazer a transferência do apoio ambiental para o autoapoio” (Perls, 1977, p. 59). É papel do gestalt-terapeuta proporcionar ao cliente a oportunidade de crescer ao frustrá-lo de tal forma que ele seja forçado a desenvolver o seu potencial (Perls, 1977). É urgente que esse profissional avalie sua forma de se colocar no processo terapêutico pois, a exemplo dos cuidadores anteriormente citados, pode facilitar ou impedir o crescimento de seu cliente.

É preciso desromantizar a Gestalt-terapia, muitas vezes associada erroneamente a uma prática sentimentalista, e isso pode ser feito, em grande parte, retomando suas obras originais. Encontra-se nesses textos Perls dando ênfase em aspectos esquecidos por gestalt-terapeutas na atualidade, a saber, a importância da frustração e da responsabilização do cliente. Quando Perls enfatiza que a maturação da pessoa é um objetivo desta abordagem, põe luz na postura do psicoterapeuta de não mimar seu cliente e, com isso, impedir o contato com sua necessidade real. Se, por um lado, essa abordagem compreende uma postura acolhedora, por outro, também se faz por uma frustração habilidosa, tão fundamental para seu crescimento. Se não se atentar a isso, corre o risco de repetir com o cliente seu histórico que não fora suficiente para sua maturação e o desenvolvimento de seu autoapoio.

Perls acreditava que poucas pessoas chegam à terapia para se curar. Ao contrário, elas buscam aperfeiçoar suas neuroses (1977). Poucas delas buscam um terapeuta que as levem a si mesmas, que as frustrem e as questionem. É absolutamente mais confortável receber amparo de outrem e permanecer no *status quo*. Manter o cliente confortável ou fomentar o novo é uma responsabilidade do terapeuta da qual ele não pode se eximir. Para crescer, é preciso correr riscos, atravessar o impasse e buscar uma nova solução criativa. E, para Perls (1977), uma das mais importantes experiências de frustração no trabalho psicoterapêutico consiste justamente no psicoterapeuta frustrar o ato do cliente evitar contato com o que lhe é desagradável:

Então o terapeuta deve proporcionar a oportunidade, a situação na qual a pessoa possa crescer. E o meio é frustrarmos o paciente de tal forma que ele seja forçado a

desenvolver seu próprio potencial. Proporcionamos de maneira hábil a frustração para que o paciente seja forçado a achar seu próprio caminho, a descobrir suas próprias possibilidades, seu próprio potencial, e a descobrir que o que ele espera do terapeuta, ele pode conseguir muito bem sozinho. (Perls, 1977, p. 61)

Portanto, para Perls (1977), somente pelo processo de crescimento é possível mobilizar o potencial humano e isso incorre, necessariamente, em desprazer. Antes de mais nada, para favorecer isso no cliente, é necessário que o próprio psicoterapeuta tolere o enfrentamento dessa condição a ser mobilizada na relação terapêutica. É preciso que ele compreenda onde se torna fóbico ao tentar evitar a dor (Perls, 1977), e que então medite sobre sua real disponibilidade para esse tipo de conduta: isto é fazer Gestalt-terapia. Crescer é despertar o potencial que existe, o próprio suporte, a possibilidade de equilibrar-se nas próprias pernas. Para fazê-lo com o cliente, precisa o psicoterapeuta amparar a si mesmo. Isto posto, a questão que se desdobra (e fica sem resposta) é se a frustração e o desprazer são possibilidades únicas de crescimento.

Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo é uma obra biográfica publicada em 1979 na qual Perls ilustra suas influências, pensamentos e experiências ao longo da vida que o levaram, não sozinho, à construção do que denominou Gestalt-terapia. Um dado curioso é que neste texto, por exemplo, a palavra desenvolvimento é citada uma única vez, quando colocada ao lado dos termos crescimento e maturação, mas sem qualquer conceituação específica. Isso aponta uma paridade entre tais termos verificada em toda sua obra.

Dentre as influências relatadas por Perls, está Kurt Goldstein e seu pensamento, visto que fora seu assistente. Embora explicita sua atração pelo trabalho de Goldstein com os soldados com lesão cerebral, relata que não compreendia o modo como o professor compreendia a autorrealização. Ainda assim, uma influência da teoria organísmica fica evidente na asserção de Perls (1979) de que o “organismo é um todo; (...) qualquer modificação, em qualquer esfera, produz modificações em qualquer outro aspecto correspondente” (p. 148).

Como um todo que é, para compreender o processo de crescimento, é preciso tomar como ponto de partida a emersão de uma figura, que se apresenta como uma necessidade ao organismo. Para Perls, uma grande contribuição dos gestaltistas⁹ era a diferenciação da

⁹ Em referência aos psicólogos da Psicologia da Gestalt – e não da Gestalt-terapia.

Gestalt em termos de figura e fundo: em determinadas circunstâncias, algo se destaca de um fundo, tornando-se proeminente (a figura), enquanto o restante permanece em segundo plano (o fundo).

A necessidade emerge de um vazio fértil como um apetite e exige atenção e ação: "a vida é a consciência das suas próprias necessidades, dos seus próprios sentimentos, de autossustentação" (1979, p.26). A formação e destruição de figuras é um processo fundamental e contínuo que se inicia com o princípio da vida, desde o período intrauterino, e segue incessantemente até a morte. A formação da *gestalt* e a emergência da necessidade é um fenômeno biológico primário de modo que o organismo funciona numa condição de equilíbrio e que, quando experiencia um desequilíbrio, a necessidade deve ser corrigida (Perls, 1977). Sendo assim, a busca do organismo é pela retomada de equilíbrio, mas seria justamente a dinâmica de perdê-lo e buscar retomá-lo a engrenarem para o crescimento.

Quando uma figura emerge, uma necessidade prevalece sobre as demais circunstâncias, como uma emergência que grita por satisfação. Nesse processo, Perls (1977) destaca dois processos que se diferenciam: a finalidade-a-alcançar e os meios-pelos-quais. Para ele, a finalidade-a-alcançar é fixada por uma necessidade enquanto o meio-pelo-qual tem a ver com a livre escolha. Podemos pensar que, diante da emergência de uma figura, há duas questões preponderantes: *o que* o organismo necessita e *como* alcançar a satisfação desejada. Perls (1977) assim descreve: "(...) alguma coisa emerge dentro de você, vem à superfície, e então, ao mundo exterior, consegue o que queremos e volta, assimila e recebe. Alguma outra coisa surge e, mais uma vez, o processo se repete" (p. 41).

Sendo a autorregulação um processo contínuo, ininterrupto, próprio da condição humana, poderíamos pensar que o organismo cresce na sucessão do processo de necessitar e satisfazer, do que necessita e de como se satisfaz? Nesse caso, é possível também supor que, paradoxalmente, o organismo igualmente adoce pelo que necessita e como se satisfaz? Para além de uma compreensão do desenvolvimento, podemos pensar na própria perspectiva de adoecimento e de patologia na Gestalt-terapia.

Este ponto é relevante se considerado que a necessidade do organismo busca formas possíveis de satisfação no ambiente. Portanto, essa é uma dinâmica importante de interação entre a pessoa e seu meio. Perls (1977) diz que a autorregulação é muito importante na terapia, uma vez que é neste contexto em que situações inacabadas veem à tona. De fato, é

fundamental que o clínico observe essa dinâmica em seu cliente, no aqui-e-agora da relação psicoterapêutica. No entanto, é necessário expandir essa asserção para a afirmação de que o modo como uma pessoa vive a relação organismo/ambiente e necessidade-satisfação será fundamental para alcançar também suas interrupções, impedimentos ou dificuldades no fluxo de desenvolvimento.

Pode-se então propor que o organismo cresce e se desenvolve à medida que progride na satisfação de sua necessidade por meio do ambiente; e que, quando satisfeita, é assimilada e integrada ao *eu*. A sucessão deste processo gera crescimento e traduz uma perspectiva de crescimento. Indo mais um pouco, pode-se dizer que, para que o organismo se desenvolva, é preciso considerar os processos de percepção, hierarquização e satisfação de necessidade. Uma quebra ou interrupção em uma dessas partes poderá dificultar o crescimento do todo.

A neurose, em Perls (1979), é compreendida como um sintoma de maturação incompleta. Ele sugere, inclusive, que o termo neurose seja substituído por *desordem do crescimento*. E diz mais: “eu encaro cada vez mais a ‘neurose’ como um distúrbio do desenvolvimento” (p. 49). Aqui Perls menciona desenvolvimento explicitando a neurose em contraposição ao movimento de crescer, um impedimento a essa tendência natural.

Wilson Van Dusen, psicólogo existencialista de quem Perls era próximo, é citado por ele em razão de uma de suas contribuições: a descoberta, à época, de que o paciente esquizofrênico possui “buracos na personalidade” (Perls, 1979). O fato é que essa ideia de buracos foi ampliada por Perls, levando-o à formulação de que a maioria dos neuróticos não têm centro: “Wilson e eu alegamos que há muito mais buracos responsáveis pelo fato de o paciente estar incompleto” (Perls, 1979, p.127). De acordo com Perls (1977), a ideia de centro diz respeito às emoções e sentimentos. Para ele, todos têm furos e o gestalt-terapeuta deve preencher os buracos da personalidade do cliente, tornando-a novamente inteira e completa.

O que seriam esses “buracos na personalidade”? Em Perls (1979; 1977), eles parecem descrever um nível de adoecimento, uma condição contrária à tendência de completude, que decorre da satisfação e assimilação. Sendo assim, pode-se pensar que esses buracos sinalizam a inviabilidade da inteireza. Nessa direção, compreender ou, antes mesmo disso, reconhecer a existência de tais buracos incorreria não somente numa tarefa ao gestalt-terapeuta, mas, principalmente, na afirmação de que há buracos e falhas: sendo assim, poderiam eles ser

restaurados ou preenchidos ganhando uma nova configuração? Teria a psicoterapia esse alcance, essa tarefa?

Em 1973, é publicada a última obra de Perls, intitulada *A Abordagem Gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Nela, o autor discorre com maior clareza alguns conceitos e teorias basilares de seu pensamento – certamente fruto do amadurecimento de suas ideias. Para as delimitações desse estudo, interessa abordar alguns aspectos que não estão explicitamente correlacionados ao crescimento, mas são de algum modo, elucidativos para alcançar sua compreensão. De início, Perls (2012) declara haver duas tendências do indivíduo: a de sobreviver e a de crescer. Sabemos, que ainda que reconhecido esse curso natural, ele se depara com dificuldades em realizá-las. O modo como esses impeditivos acontecem e as escolhas decorrentes desse contato traduzem a caminhada de crescimento de uma pessoa.

A relação de reciprocidade organismo/meio é fundamental para compreender o comportamento do ser humano (Perls, 2012). Para ele, quando o relacionamento entre eles é satisfatório, o comportamento é considerado normal, caso contrário, anormal. A partir dessas noções, tece sua concepção de neurose: “todos os distúrbios neuróticos surgem da incapacidade do indivíduo de encontrar e manter o equilíbrio adequado entre ele e o resto do mundo” (Perls, 2012, p. 45). O indivíduo vive uma necessidade inata de contato com o grupo, que pode ser uma família, um círculo social, qualquer combinação de pessoas que tenha uma relação funcional em algum momento (Perls, 2012). Poderá enfrentar dificuldades quando sua necessidade pessoal não está em conformidade com esse meio, ou quando depende dele para se satisfazer. Neste texto de Perls, ele chama atenção para o fato de que um distúrbio isolado no equilíbrio organismo-meio não produz neurose, tampouco é evidência de um modelo neurótico. Mas, quando persistentes, crônicos, interferem no processo de crescimento (Perls, 2012).

Aqui vemos Perls, novamente, trazer à luz a discussão a respeito do processo de homeostase e da formação figura-fundo. Em Perls (2012), o neurótico é aquele que tem perturbações no seu sentido de orientação, com isso, tem dificuldade de discriminar e identificar sua real necessidade para poder satisfazê-la – seu senso de hierarquia está deficitário. Isso lhe coloca imerso à uma série de situações inacabadas e *gestalten* abertas. Em

consequência, seu processo de continuidade da vida apresenta buracos que o impedem de sentir-se uma totalidade, sente-se rasgado em pedaços (Perls, 2012).

Desenvolver e amadurecer requer uma delimitação clara entre o si-mesmo e o outro, o organismo e o ambiente. O contrário disso é confusão de fronteira e falta de contorno. Como pode um indivíduo crescer sem que seja possível diferenciar-se de seu meio? E o que é preciso, ou melhor, imprescindível, para que essas fronteiras se construam? Perls (2012) afirma que só podemos crescer se digerirmos e assimilarmos inteiramente algo do meio, já que, ao assimilar, torna-se nosso. As neuroses ou distúrbios de limites, para Perls (2012), se realizam em quatro mecanismos: introjeção, projeção, confluência e retroflexão. A introjeção é um processo contrário à assimilação. Se na assimilação, algo do meio é digerido, assimilado e torna-se parte do *eu*. Já na introjeção, não há qualquer assimilação, posto que é aceito indiscriminadamente, como um corpo estranho (Perls, 2012).

Numa clara correlação do alimento físico com o alimento mental/psicológico, Perls descreve de modo claro a semelhança desses processos no que tange à digestão de uma comida mastigada e a engolida por inteiro (sem qualquer processo de quebra e destruição). No primeiro caso, a comida é assimilada pelo organismo, nutrindo-o e proporcionando crescimento; no segundo, torna a digestão pesada, por vezes tóxica. Portanto, somente por meio de um processo de digestão um material pode ser verdadeiramente assimilado.

A introjeção é, portanto, um mecanismo pelo qual corpos estranhos, não digeridos – sejam eles modos de agir, sentir ou avaliar – são anexados à personalidade (Perls, 2012). Para o autor, esse mecanismo carrega dois riscos. O primeiro deles tem a ver com a impossibilidade, ao carregar o que é do outro, de fora, de descobrir o que é de fato seu. Em segundo lugar, contribui com a desintegração da personalidade quando leis introjetadas que são incompatíveis e inconciliáveis geram fragmentação (Perls, 2012).

A projeção, por sua vez, é o oposto da introjeção e se configura como uma tendência da pessoa de fazer o meio responsável pelo que é dela mesma – com isso, sente-se vítima das circunstâncias (Perls, 2012). Nesse mecanismo, aquilo que lhe é próprio é projetado no mundo ou em outrem, o que lhe exige da responsabilidade de apropriação de si mesmo e de suas partes projetadas. Em função disso, na projeção a barreira *eu-mundo* é deslocada demasiadamente a favor do *eu* e, para Perls, a paranoia, seria sua manifestação mais extrema desse funcionamento.

Na confluência, há um estado de fusão, de indiscriminação do *eu* em relação ao *não-eu*. Perls (2012) assim descreve uma ausência completa de barreira entre o indivíduo e seu meio, dentro e fora. Aqui Perls não está se referindo aos momentos temporários de confluência, que não só são naturais, como necessários a adultos em alguns momentos da vida, especialmente em episódios de interação em grupo ou com o outro. Ao contrário disso, ele se refere a um padrão cristalizado e, portanto, repetitivo e persistente.

Quando esse modo confluyente é crônico e o indivíduo torna-se incapaz de perceber esse limite que o diferencia do outro, ele está doente psicologicamente: “não pode vivenciar a si mesmo porque perdeu todo o sentido de si próprio” (Perls, 2012, p. 52). Esse mecanismo atravessa a possibilidade de um contato comigo mesmo e, de fato, de desenvolver um bom contato com o outro (Perls, 2012). Ele e o outro são um só. Com isso, suas necessidades reais não são identificáveis e, portanto, encontrarão dificuldades em atingir uma verdadeira satisfação. Em consequência, não havendo assimilação, o crescimento está impedido. Um bom contato, uma experiência satisfatória de aproximação e afastamento, seria resultante da condição de diferenciação *eu/não-eu*.

Um estado de confluência patológica é reconhecido por Perls (2012) como inter-relacionada a muitas das doenças psicossomáticas por estar relacionada justamente a uma confusão quanto às próprias necessidades. Compreender a própria necessidade lhe exige o contorno do que lhe é, portanto, próprio, relativo ao *eu* – e esse não existe. Nem o *eu*, nem o outro, o que existe é o *nós*. Ainda segundo o autor, socialmente, esse mecanismo pode traduzir uma intolerância às diferenças sob a forma de uma exigência pela semelhança.

O quarto mecanismo citado por Perls (2012), a retroflexão, trata de uma delimitação equivocada entre o *eu* e o mundo: nele o risco que divide do mundo é traçado estando ainda dentro do *eu*. Isso significa que, em certo nível, não está bem definido onde termina o *eu* e onde começa o mundo. Com isso, a pessoa direciona e faz a si mesmo aquilo que gostaria de fazer ao outro ao mundo. Para Perls, a pessoa vira o meio e, portanto, o alvo do próprio comportamento (2012).

Em cada um desses mecanismos neuróticos, vemos Perls enfatizar modos diferentes, e adoecidos, da relação organismo-meio:

O introjetivo faz com os outros o que gostariam que ele fizesse, o projetivo faz aos outros aquilo que os acusa de lhe fazerem, o homem em confluência patológica não sabe

quem está fazendo o que a quem, e o retroflexo faz consigo o que gostaria de fazer aos outros. (Perls, 2012, p. 54)

Seja engolindo o meio indiscriminadamente, seja usando-o para negar o que é seu, seja não se diferenciando dele ou mesmo fazendo ao outro o que gostaria de receber, há sempre uma distorção na relação *eu/não-eu*. Está instaurada, em cada um deles, uma dificuldade na fronteira de contato, no contorno, o que leva a Perls a denominá-los de “distúrbios de limites” (Perls, 2012). Isso indica que o processo de crescimento implica, inevitavelmente, uma construção de limites na fronteira de contato, na relação do *eu* com o mundo.

A confusão de identificação é o que Perls (2012) define como neurose e qualquer um desses mecanismos por ele descritos representa, à sua forma, uma desintegração da personalidade. Tomando essa sua asserção, pode-se supor fortemente que a neurose configura furos no curso de integração de uma pessoa. Desse modo, retomar o fluxo de crescimento tem a ver com apurar seu sistema de identificação, que se encontra “desregulado” pelas falhas na delimitação entre o si mesmo e o meio.

Algumas questões decorrem dessa elaboração. No processo de crescimento, como se constroem os limites, as fronteiras? Por conseguinte, o que as distorce? Qual o papel do meio nessa construção/desconstrução/reconstrução? E, por fim, qual o papel da psicoterapia perante essa identificação desregulada do cliente? Dando um passo atrás, há algo que possa ser ambicionado pelo psicoterapeuta no que diz respeito à neurose de seu cliente? Pode soar óbvio, mas responder a essas questões pode não ser tão simples. Mas há aqui o princípio de uma resposta:

Na terapia temos que reestabelecer a capacidade do neurótico de discriminar. Temos que ajudá-lo a descobrir o que ele é e o que não é... temos de guiá-lo para a integração... Compreendendo agora, como compreendemos, os mecanismos através dos quais o neurótico se impede de ser ele mesmo, podemos começar a tentar remover os obstáculos, um por um. Porque isso é o que deveria acontecer na terapia... (Perls, 2012, p. 56)

Nos estudos sobre neuróticos, Perls (2012) estabelece dois aspectos que são de extrema relevância ao tema dessa pesquisa. O primeiro deles diz respeito ao fato de que o cliente busca a psicoterapia quando não possui suporte suficiente em si para lidar com suas necessidades existenciais. O segundo aspecto, extremamente conectado ao primeiro, é sua asserção de que o terapeuta deverá facilitar o desenvolvimento necessário ao seu cliente para

que ele possa vir a sustentar por si só aquilo que lhe é significativo, seus objetivos e necessidades – sejam elas quais forem. A todo momento, Perls elucubra sobre o que deve ser feito com o cliente num processo psicoterapêutico de orientação gestáltica em relação à retomada de seu crescimento; no entanto, não desenvolve proposições de *como* fazê-lo. Certamente, para isso, precisaria se sustentar num modelo descritivo de como se dá o desenvolvimento como um todo, configurando, com isso, uma lacuna significativa em sua teoria.

Uma vez mais, vemos Perls trazer à luz um objetivo da Abordagem Gestáltica, que seja aspirar por uma condição de maturidade tal que o cliente possa gradativamente sustentar a si mesmo. Essa é uma caminhada complexa, desafiadora, mas que deve ser tomada pelo gestalt-terapeuta como um claro objetivo em sua atuação, em seu modo de olhar e de se colocar perante o outro. É preciso, antes de tudo, ter fé, no sentido de acreditar que há nele um potencial. Isso poderá nortear seu trabalho entre uma linha tênue que comporta o acolhimento e a responsabilização.

E, então, o que fica desse denso mergulho? O que foi possível digerir e assimilar dessa meticulosa investigação? A primeira coisa que se pode afirmar é que, a alimentação física, seus processos e desdobramentos, são a perspectiva pela qual o casal Perls se aproxima do que seria o processo de desenvolvimento à luz da Gestalt-terapia. Embora não esteja anunciada como uma teoria do desenvolvimento, como encontramos em outras escolas de psicologia, há na literatura perlsiana elementos conceituais que ajudam a pensar uma compreensão desse processo nessa abordagem, porém, insuficientes e pouco articulados entre si.

A metáfora do metabolismo mental não é suficiente como analogia ao crescimento; poderia no máximo, ser considerado um primeiro esboço, tímido e, aos olhos de hoje, por vezes equivocado. Considerando *Ego, fome e agressão* um pré-texto, o modelo em questão deve ser tomado como ponto de partida, e não como chegada, nessa abordagem. Isso significa reconhecer nessa obra sua condição de diferenciação da Psicanálise, que denuncia seu caráter incompleto, dotado de contradições - assim como reconhece o próprio Perls (2002). Pode-se, portanto, considerar a proposição do metabolismo, um passo inicial no percurso de amadurecimento teórico da própria Gestalt-terapia.

Certamente não havia um interesse da parte de Perls em propor de modo mais articulado uma compreensão do processo de crescimento, especialmente por seu viés mais prático que teórico, ou mesmo por sua epistemologia. Além disso, vinha do questionamento e rompimento com a Psicanálise, onde havia uma teoria estruturada por Freud, à qual fez incessantes críticas. O que, portanto, se desdobrou como uma necessidade a muitos gestalt-terapeutas – inclusive até os dias atuais – não era um propósito para Perls. Ele discorre sobre uma série de conceitos e processos à revelia, que podem germinar uma leitura do desenvolvimento quando dispostos de modo coerente, organizado e preenchendo as lacunas existentes. E, de fato, essa forma não representa Perls.

Não era uma característica de Perls a sistematização de seus textos, de suas ideias. Ao escrever, ele pensava alto, dava voz ao seu pensamento. Isso não é, em absoluto, uma crítica à sua teoria, mas um reconhecimento de seu modo de apresentá-la ao mundo – tão original como ele mesmo se propunha ser. Não se pode negar, no entanto, a progressão em sua argumentação que, com o passar do tempo, mostrou-se gradativamente mais clara e melhor apresentada – Perls reconhece e concorda com isso em um de seus seminários. Se inicialmente a busca por essa compreensão era acompanhada por uma sensação de vazio e ausência, quase de orfandade, o estudo de suas obras revelou que muitas sementes estão lançadas, mas, neste terreno do desenvolvimento, sem articulação e com lacunas importantes a serem trabalhadas. Em consequência, isso faz com que não esteja explicitado nas obras basilares dessa abordagem o que seria o caminho psicoterapêutico para o crescimento.

Os resultados encontrados também permitem afirmar que Perls usa de modo análogo os termos crescimento, maturação e desenvolvimento. Verificou-se, dentro deles, uma predileção pelas palavras *crecer* e *crescimento*. Todos eles se desdobram num processo de progressão ao longo do vida, marcado por novas capacidades que se traduzem, especialmente, na possibilidade de maior autonomia e responsabilidade. As dificuldades e impedimentos nesse *contínuum* são as chamadas neuroses. Com isso, podemos pensar num processo de saúde quando “tudo vai bem” e num processo de adoecimento quando há falhas ou interrupções que dificultam o ser humano a prosseguir em direção à sua integração. A seguir serão apresentadas algumas propostas de pesquisadores e estudiosos do tema que ou contemplam uma leitura própria do desenvolvimento nessa abordagem, ou discutem sobre o tema. Agora, com a palavra, outras vozes da Gestalt-terapia.

3.3 Pesquisadores e estudiosos do tema: ampliações da teoria original

O levantamento realizado nesta tese evidenciou alguns estudos dentro da Gestalt-terapia dedicados à discussão e ampliação do tema do desenvolvimento nessa abordagem. Fruto dos dados obtidos na busca em bases de dados e do estudo de outros trabalhos nessa área, serão apresentadas a seguir algumas perspectivas dessa compreensão sob diferentes olhares.

Após uma leitura exploratória de todo o material, optou-se por dar voz primeiramente aos trabalhos de pesquisadores e estudiosos que descrevem suas propostas sobre o tema em questão – Miller (2002), Spagnuolo (2012; 2013) e Poppa (2013; 2016; 2018). Nesta seção, eles serão abordados seguindo a ordem cronológica das publicações. Em seguida, diferentemente do critério cronológico, serão abordados os textos que discutem elementos de compreensão específicos, que contribuem para a abrangência desse processo, mas que não configuram em si a proposição de um modelo.

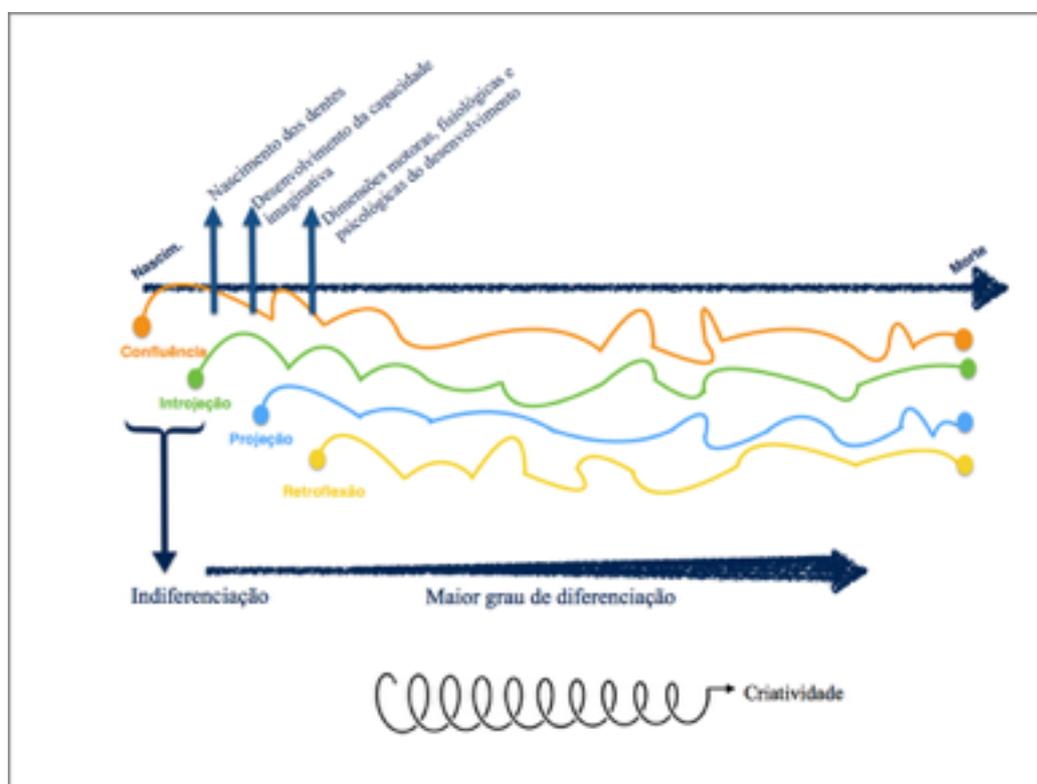
Michael Vincent Miller tece críticas sobre o modelo tradicional referido por Perls, o amplia e elucida sua concepção sobre o desenvolvimento (2002). O ponto de partida é sua proposição de que, na Gestalt-terapia, não podemos simplesmente tomar emprestada uma teoria do desenvolvimento; o que podemos é aprender com ela e transformá-la em algo que seja coerente a epistemologia dessa abordagem (Miller, 2002). Para ele, a Gestalt-terapia está enraizada na noção de campo e seu fundamento epistemológico e ontológico advém da Fenomenologia, o que delinea (ou deveria) o modo como se entende desenvolvimento humano nessa perspectiva.

Ao mencionar Perls, Miller (2002) reitera que a Gestalt-terapia tradicional era um modelo altamente individualista, com ênfase na realização pessoal, sem se atentar ao entre, ao campo da experiência: “o ideal era desenvolver o *self* às custas do outro” (p. 15). Diferente disso, o autor enfatiza que a Gestalt-terapia se distingue de outras perspectivas à medida que não perde de vista nem o *self* e nem o mundo: nela, ambos são considerados. Portanto, para ele, o conceito de *self* é útil para observar como uma pessoa cresce, se desenvolve e se relaciona, possibilitando representar como uma subjetividade se relaciona com outra (Miller, 2002).

Por outro lado, reconhece que, possivelmente, a maior contribuição de Perls para a teoria do desenvolvimento – talvez a única – consista no desenvolvimento dos dentes da criança (Miller, 2002). Confirmando e ampliando essa concepção, o autor sugere pensar esse processo como um caminho, uma passagem do nascimento até a morte, que se configura pela sequência: confluência, introjeção, projeção e retroflexão. Com isso, afirma haver uma sucessão de funcionamentos nesse processo.

A grande contribuição da proposta de Miller (2002) é a de que o delineamento de uma sequência do desenvolvimento, que inclui a confluência, introjeção, projeção e retroflexão, não significa que esses funcionamentos se limitem a um único momento do crescimento. Ao contrário disso, eles seguem acontecendo ao longo de toda a vida. O que ocorre é que eles se desenham como uma “forma de desenvolvimento dominante durante um período” (Miller, 2002, p. 23) e, com isso, caracterizam a predominância de um momento nesse fluxo contínuo – ver figura 2.

Figura 2: Perspectiva do desenvolvimento - Miller (2002)¹⁰



Fonte: Miller (2002).

¹⁰ Figura criada a partir da compreensão da autora sobre as proposições de Miller (2002).

As linhas sinuosas representam a não-linearidade das resistências, uma vez que retratam a presença delas ao longo de toda a vida, em diferentes intensidades, ora mais ou menos predominantes em cada organismo. Também é possível reconhecer que, em Miller (2002), o processo de desenvolvimento se dá numa crescente que parte da condição de uma percepção não diferenciada entre o *self* e o mundo para um maior grau de diferenciação. Sendo assim, a confluência e a introjeção compõem a primeira fase do desenvolvimento, na qual o bebê não se percebe diferente da mãe e do meio (Miller, 2002).

Progressivamente, com o surgimento do dentes, o introjeto pode ser mastigado, quebrado, e com isso, assimilado ou eliminado. Com o desenvolvimento da capacidade imaginativa, e agora num processo de percepção mais diferenciada que antes, torna-se possível projetar (Miller, 2002). Esse movimento exige minimamente uma percepção do outro, de não-eu, que se dá na construção da fronteira de contato. A retroflexão, por sua vez, requer o desenvolvimento de dimensões motoras, fisiológicas e psicológicas.

O ato de crescer repercute numa progressão de capacidades adquiridas. Isso significa que um funcionamento não destitui outro, anterior a ele, mas amplia as possibilidades, dada a complexidade que sua instituição soma para aquele organismo. Esse panorama implica a percepção de que não há um grau de valor entre esses estados, no qual um seria superior ou inferior aos demais, pois há sempre de se considerar uma análise da necessidade que se apresenta no aqui-e-agora. Exemplificando: há situações em que, mesmo provido da capacidade dentária de mastigar, o melhor a ser feito em dada condição é introjetar – e isso não significa uma imaturidade.

É possível concluir, tomando como base as proposições de Miller (2002), que o desenvolvimento é um processo contínuo que se guia por uma sequência (mas não se limita a ela) e que é regida majoritariamente por uma lei de complexidade. A que tipo de lei isso se refere? A de que o fluxo de acontecimentos se guia pela máxima da complexidade, na qual a aquisição de uma capacidade mais simples precede a de uma mais complexa, e assim sucessivamente. Isso significa que, qualquer funcionalidade já adquirida, continua sendo útil ao longo de toda a vida (Miller, 2002), como um recurso disponível àquele organismo.

Vamos a um exemplo prático disso. Estima-se que um bebê recém-nascido que mama não seja capaz de projetar, uma vez que isso lhe exigiria uma capacidade de diferenciação *eu/mundo* mais complexa da que ele tem disponível ainda nesse momento. Ele simplesmente

recebe e introjeta o alimento, sendo a possibilidade de mastigar o próximo passo em relação ao engolir. Por assim ser, o nascimento dos dentes ilustra a instauração da capacidade de quebrar o alimento. Isso reitera que o crescimento respeita uma sequência regida por uma ordem de complexidade progressiva: o mais simples precede o mais complexo.

Por outro lado, tomemos o exemplo de um adulto que começa a cozinhar nunca o tendo feito antes; mesmo já existindo a possibilidade de discriminação em seu processo de desenvolvimento, ele precisará lançar mão da introjeção se quiser aprender essa nova tarefa. Somente quando já tiver desenvolvido um saber, poderá prosseguir à possibilidade, agora mais complexa, de "mastigar" e se diferenciar daquilo que lhe foi ensinado. Há utilidade em um funcionamento em dadas circunstâncias, isto é, a introjeção é um recurso do qual pode-se lançar mão apropriadamente a qualquer momento, conforme a necessidade. Portanto, para Miller (2002), todas as capacidades de desenvolvimento – confluência, introjeção, projeção e retroflexão – são úteis ao longo de toda a vida. O que pensar, por exemplo, do materno sem a confluência? Da aprendizagem sem a introjeção? Da arte sem a projeção? Da civilização sem a retroflexão? São eles, portanto, funcionamentos que não são bons ou ruins, superiores ou inferiores, tudo depende da necessidade emergente e dos ajustamentos criativos em vigor.

O humano percorre essa miríade de funcionamentos a todo momento, por toda a vida, e isso, por si só, não configura um atraso no seu processo de desenvolvimento. Não há um padrão que se guie por idade, restringindo um ou outro funcionamento exclusivamente a um determinado momento da vida. Uma criança de dois anos introjeta assim como uma idosa próximo à sua morte: a capacidade de introjetar, uma vez desenvolvida, pode ser usada em qualquer momento. Nessa abordagem, pode-se pensar na disponibilidade, inclusive biológica, de gradualmente aposar-se de novas funcionalidades. Mas, ao considerar que o desenvolvimento se dá na fronteira de contato, o campo organismo-meio há de ser levado em conta na compreensão da expressão ou interrupção de uma aquisição do organismo.

Com o crescimento, a criança desenvolve habilidades mais coordenadas, diferenciadas e especializadas, e há sempre um processo dialético entre o que o mundo apresenta à criança e a habilidade da criança em responder àquilo que lhe é apresentado (Miller, 2002). Estamos diante de uma combinação de múltiplos fatores e variáveis em interação no campo da experiência organismo/ambiente. A aquisição da nova capacidade de morder, inaugurada com o nascimento dos dentes, não garante por si só que uma pessoa vá morder de fato, valendo-se

de sua energia agressiva disponível e do recurso físico do dente. Isso seria um raciocínio linear e causal: uma nova habilidade levando necessariamente ao seu exercício e, com isso, concluindo uma etapa do desenvolvimento com sucesso. Ou, dizendo de outro modo: o nascimento dos dentes produzindo o efeito de destruir o que é recebido. Não necessariamente. Há de se considerar como exemplo famílias que não permitem a diferenciação entre seus membros, e isso pode ser um desafio, mesmo quando já existe a capacidade de diferenciar-se.

O que está sendo posto é o fato de que o desenvolvimento não se faz unicamente pela disponibilidade cada vez mais complexa de habilidades, mas pelo resultado único da interação desses recursos com o meio. É, em último nível, um movimento na fronteira de contato, decorrente do ajustamento possível da função organismo-meio.

A mudança e os desapontamentos exercem uma propulsão fundamental para o crescimento (Miller, 2002). A vida, marcada por uma sucessão de desapontamentos, guarda neles a oportunidade do ser humano se recriar e buscar novas configurações. Isso porque o contato com o novo favorece a mobilização do potencial humano ao exigir que novos ajustamentos aconteçam na fronteira de contato organismo/ambiente. Pode-se pensar, portanto, uma correlação entre o que Perls denomina frustração e o que Miller nomeia como desapontamento. Em ambos os casos, a pessoa é forçosamente desviada de suas expectativas.

Em contraposição ao desapontamento, está a criatividade que, para Miller (2002), é o motor do desenvolvimento humano. É a criatividade que move o *self* em direção ao mundo, é o pontapé da descoberta, da abertura ao contato com o novo. Ela abre a porta para a novidade da experiência, diferente do já assimilado, do já integrado ao organismo. Miller (2002) afirma que ela é inata e que o aprendizado é não ser curioso:

Eu acho que a curiosidade é aquilo que nos permite fazer a ligação entre o desenvolvimento infantil e o adulto, devido ao fato de que continuamos nos desenvolvendo ao longo de toda nossa vida, ou por tanto quanto conseguirmos manter a capacidade de ser curiosos. (Miller, 2002, p.29)

Dando tamanho destaque à curiosidade no processo de desenvolvimento, Miller (2002) compreende que o processo de adoecimento pode ser entendido em termos de deformações ou restrições da curiosidade: o histérico, o obsessivo, o paranoia, o impulsivo, o narcisista, o borderline e todo a gama dos tipos de personalidade. E o autor alerta: é preciso prestar atenção ao quanto os clientes estão curiosos.

Uma outra perspectiva de desenvolvimento na Gestalt-terapia vem sendo desenvolvida por Margherita Spagnuolo-Lobb ao propor o conceito de desenvolvimento polifônico de domínios (2012; 2018). Em vez de uma teoria desenvolvimentista, a autora opta por denominar sua proposição de "perspectiva terapêutica desenvolvimentista" (2012). Isso porque, segundo afirma, seu interesse não é formular uma teoria do desenvolvimento. Na verdade, pretende oferecer um mapa a partir do qual o psicoterapeuta possa compreender o que se passa com seu cliente no contexto do contato atual de modo a intuir tanto a evolução de seus modos de contato quanto seu movimento interrompido.

O mapa do desenvolvimento polifônico de domínios permite ao psicoterapeuta olhar para o desenvolvimento de seu cliente aliando o frescor do aqui-e-agora e a sustentação da intencionalidade de contato que foi bloqueado no contato anterior do cliente. Seu interesse está voltado para o campo fenomenológico da sessão terapêutica, o que reflete sua preocupação com a coerência epistemológica nessa abordagem.

A perspectiva temporal, a interrelação passado/presente, é um dos elementos de maior discussão nos estudos sobre desenvolvimento na perspectiva gestáltica. Spagnuolo-Lobb (2012) faz menção ao que chama de "frescor do contato", enfatizando o quão indispensável é atentar-se ao contato presente entre o terapeuta e o cliente, no aqui-e-agora da relação psicoterapêutica. A ideia de frescor implica o exercício de não se prender ou perder no passado. Não se trata de desconsiderá-lo, abandoná-lo no horizonte de compreensão da experiência humana, mas de tomar a experiência presente como reveladora das anteriores.

O que nessa tese fora denominado como marcas das experiências passadas, Spagnuolo-Lobb (2012) descreve como contatos anteriores que estão refletidos na função *id*, no ser-com por meio do corpo. O corpo, na perspectiva de autores contemporâneos da Gestalt, é o órgão de contato por excelência, que acolhe tanto a memória dos contatos anteriores quanto a criação de contatos presentes" (Kepner, 1987/1993; Frank, 2001; Clemmens, Frank e Smith, 2008; Clemens, 2011 citados por Spagnuolo-Lobb, 2012, p.224). Tendo isso em vista, a autora enfatiza sobremaneira o olhar tanto para a pessoa quanto para seu campo fenomenológico, atentando-se especialmente aos sinais não verbais que, para ela, indicam uma ressensibilização da fronteira de contato.

Além das inscrições no corpo-em-relação, na função *id* do *self*, essas experiências de contato vividas no passado também estão presentes na função personalidade, na qual se

constrói a definição de si mesmo e tendem a se revelar em contatos das situações aqui-e-agora (Spagnuolo-Lobb, 2012). Por que isso é relevante numa leitura de desenvolvimento alicerçada na Gestalt-terapia? Porque supera a dicotomia passado-presente localizando-os num *continuum* de interrelação em que um é revelador do outro.

O que se pode observar na proposição de Spagnuolo-Lobb a todo momento é o delineamento de uma compreensão sobre o desenvolvimento: 1. que tenha coerência epistemológica com a abordagem; 2. que não tome o desenvolvimento em termos de estágios ou metas a serem cumpridas; 3. que não incorra numa comparação entre clientes por parte do terapeuta e; 4. que não sequencie os modos de contato como etapas a serem alcançadas para a maturação. No que diz respeito a tais modos (introjeção, projeção etc.), propõe:

Eles podem ser vistos como domínios. Enquanto as etapas são cumulativas, de forma de cada uma pressupõe as competências da anterior, o conceito de domínio está atrelado a competências claramente diferenciadas, que têm seu próprio desenvolvimento ao longo de todo o curso da vida, e que interagem mutuamente dando origem à harmonia (podemos dizer à gestalt) da competência presente da pessoa [tradução nossa]. (Spagnuolo-Lobb, 2012, p.226)

O desenvolvimento polifônico de domínios implica pensar o desenvolvimento como uma multiplicidade de domínios, isto é, de processos e capacidades de contatar que habitam o pano de fundo da experiência (Spagnuolo-Lobb, 2012). Logo, podem a qualquer momento se tornar figura, destacando-se de tal fundo, e interagir com outros domínios coexistentes. Essa concepção sustenta a complexidade do desenvolvimento que se faz num contato sustentado por várias competências harmonizadas entre si (Spagnuolo-Lobb, 2012).

É imprescindível, em se falando do desenvolvimento, situar a experiência de modo a considerar não só a pessoa, mas também o campo fenomenológico no qual está inserida (Spagnuolo-Lobb, 2012) – essa é uma perspectiva que coaduna com a epistemologia da Gestalt-terapia. Com isso, a experiência do campo é radicalizada, situada sempre no aqui-e-agora: não existe algo que seja o desenvolvimento individual por si só, o que há é o organismo/ambiente em ação, em sua trama autorreguladora de ajustamentos criativos no e do campo.

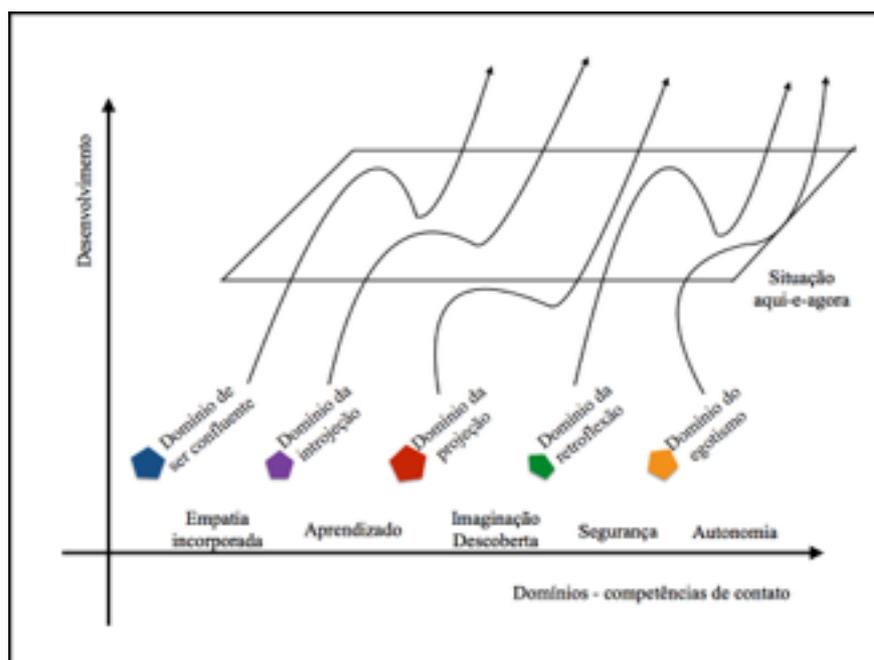
As situações da vida vão acontecendo e, à medida que o contato se dá no campo fenomenológico, fruto dos recursos disponíveis, as experiências decorrentes dele vão se somando ao fundo de experiências do organismo. Spagnuolo-Lobb (2012) diz que novas

aquisições geram, por conseguinte, códigos experienciais que vão sendo inseridas ao modo de ser-com no aqui-e-agora. Essa progressão de conquistas experienciadas possibilita que esse fundo se organize, gradativamente, num nível de maior complexidade – disponível para o organismo.

Do mesmo modo que a psicopatologia contemporânea compreende o comportamento num pêndulo entre a normalidade e gravidade, a experiência de contatar é tomada num *continuum* que progride da espontaneidade à excitação bloqueada (Spagnuolo-Lobb, 2012). Em se tratando dos domínios como capacidades de contato, a autora discorre sobre sua proposta de desenvolvimento valendo-se dos domínios de ser confluyente, da introjeção, da projeção, da retroflexão e do egotismo.

O mapa gestáltico do desenvolvimento polifônico de domínios, de Spagnuolo-Lobb (2012), propõe uma intersecção entre o desenvolvimento e os domínios, na qual a experiência se dá na junção da situação aqui-e-agora. Nele estão contidos os modos de contato e as capacidades deles decorrentes (ver figura 3). Este mapa propõe a ser um modelo que oferece elementos que norteiam o terapeuta sobre os modos de contato do cliente, possibilitando observá-los na experiência presente do campo fenomenológico terapeuta-cliente.

Figura 3: Mapa do Desenvolvimento Polifônico de Domínios - Spagnuolo-Lobb (2012; 2018)



Fonte: Spagnuolo-Lobb (2012).

Todas as modalidades de contato não se restringem a um único momento e se desenvolvem ao longo de toda a vida (Spagnuolo-Lobb, 2012). Isso quer dizer que fazem emergir habilidades que poderão ser requeridas em outras situações que se fizerem necessárias. Ao tomar os modos de contato como competências que ficam à disposição do aqui-e-agora, essas habilidades podem (ou não) entrar em ação conforme o ajustamento criativo possível na interação organismo-meio. Isso marca uma ampliação consistente na teoria de Perls e na proposição do metabolismo mental.

Cada domínio sinaliza uma característica própria que desdobra uma capacidade. Em contraponto, guarda um risco quando a fronteira de contato é dessensibilizada – isso acontece pela ansiedade gerada e leva a um contato com pouca consciência – Spagnuolo-Lobb (2012). Com isso, a autora faz um paralelo com a psicologia contemporânea, na qual o comportamento vai da normalidade à gravidade, afirmando que a experiência de contato é tomada num *continuum* entre espontaneidade e excitação bloqueada. A figura 4 aborda os domínios, suas excitações, as habilidades de vida desenvolvidas e os respectivos riscos.

Figura 4: Descrição dos domínios - Spagnuolo-Lobb (2012)¹¹

Domínio	Excitação	Processo	Habilidade	Risco
Confluência	Ser parte do ambiente	Percebendo o ambiente como se não houvesse fronteiras, surge a capacidade de intuir subjetivamente o outro	Empatia	Leucemia Confusão
Introjeção	Assimilar o ambiente	A assimilação dos estímulos ambientais faz com que o self esteja dirigido a aprender com o mundo e absorvê-lo	Aprender	Depressão
Projeção	Mergulhar no mundo	A criança tem curiosidade e é capaz de mergulhar no mundo, confiando energia ao outro e ao ambiente	Imaginação, descoberta, coragem e confiança	Experiência paranoica
Retroflexão	Confinar em si mesmo	Sente sua energia seguramente confinada dentro do corpo; a criança agora adquire a capacidade de ficar sozinha	Segurança	Solidão
Egoísmo	Prazer e orgulho em si mesmo	Capacidade de eegulhar-se de si mesmo e de se oferecer ao mundo com sua própria individualidade	Autonomia	Controle; compulsão; tédio; vazio

Fonte: Spagnuolo-Lobb (2012).

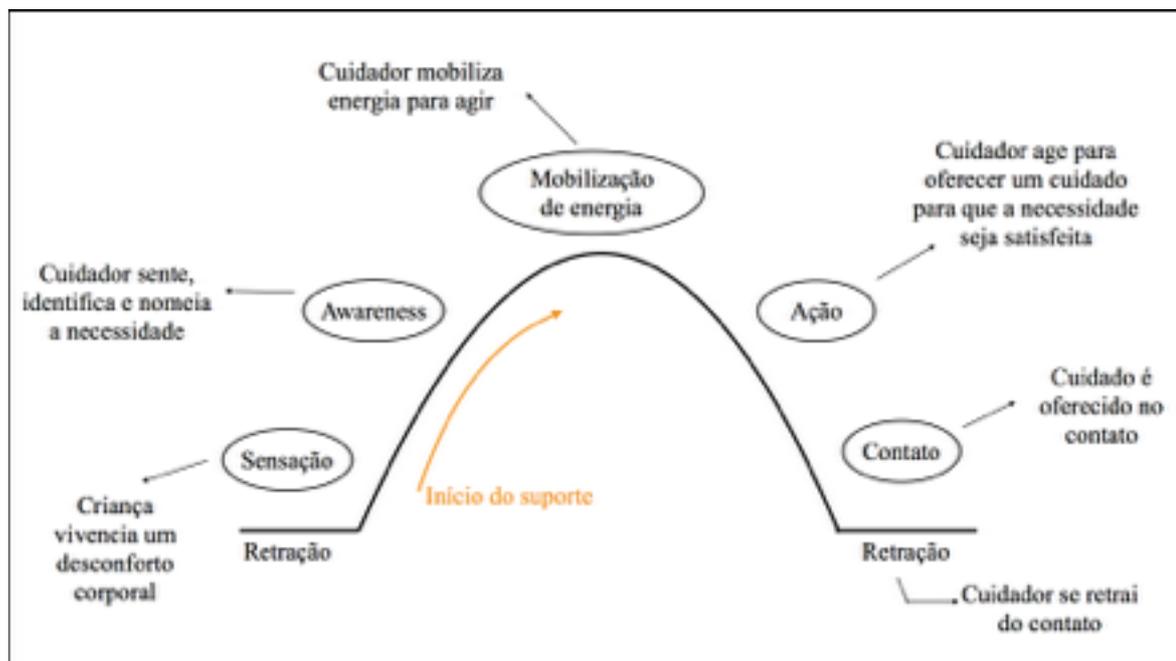
¹¹ Figura elaborada com base no artigo de Spagnuolo-Lobb (2012). Não retrata a figura proposta pela autora na íntegra (no artigo, figura 2), visto que, aqui, optou-se por acrescentar partes do texto em sua composição que ampliassem a compreensão do leitor.

Quando surge uma excitação, poderá haver o contato ou sua interrupção/dessensibilização – a depender do suporte disponível na situação aqui-e-agora. O que é vivido gera uma aprendizagem. Todas as habilidades desenvolvidas ficam disponíveis no fundo de experiências e podem ser requeridas a depender do contato organismo/ambiente. A articulação das habilidades, bem como a perda do contato espontâneo que não pôde ser sustentado, podem ser observadas e identificadas nessa perspectiva e possibilitam ao terapeuta que ofereça suporte justamente onde esse faltou: o terapeuta entra no mesmo domínio no qual se encontra o cliente no contato terapêutico e dá o suporte específico para que seu cliente chegue a uma nova percepção, como um parceiro que sustenta as intencionalidades interrompidas (Spagnuolo-Lobb, 2012).

A necessidade de haver suporte para que o contato aconteça é uma proposição presente nas discussões de Poppa (2016; 2018). De acordo com sua contribuição, que se desdobra do diálogo com a neurociência, quando uma criança tem suporte para o seu contato e o realiza de modo satisfatório, ela assimila uma maneira flexível e constitui a base dos ajustamentos que realizará. Assim, anterior ao contato propriamente dito, está a condição para que ele aconteça, isto é, o suporte que o antecede e lhe dá sustentação.

As experiências constitutivas da criança, para Poppa (2016; 2018), são aquelas que contribuem para a constituição do autossuporte. Para a autora, a base de tais experiências está centrada na capacidade de um outro reconhecer, nomear e o oferecer o cuidado que atenda à necessidade identificada. Tomando como base o ciclo de contato de Zinker (2007), Poppa ilustra o papel fundamental do ambiente, no papel do cuidador, de dar suporte a tais experiências constitutivas (figura 5). Assim, o que é primeiramente ofertado pelo ambiente poderá ser desenvolvido e aprendido pela criança.

Figura 5: Suporte para as experiências constitutivas no ciclo de contato da criança - Poppa (2018)



Fonte: Poppa, 2018, p. 64.

O ciclo de contato das experiências constitutivas, em Poppa (2016; 2018), é basilar no desenvolvimento de como essa criança sustentará seu próprio contato. Quando esse ambiente é suportivo e atende às suas necessidades, ela aprende a confiar nele. Quando é assimilado de modo precário, o processo de diferenciação e construção da fronteira é interrompido (Spagnuolo-Lobb, 2013). Assim, Poppa (2016) defende a tese da primordialidade do suporte para o contato – seja ele advindo do meio, seja do *self*. Suas considerações são relevantes tanto para compreensão do desenvolvimento quanto para a atuação clínica. Seja ao chamar atenção para as experiências constitutivas e a relevância do ambiente nessa fase, seja para alertar os gestalt-terapeutas sobre a possibilidade do trabalho psicoterapêutico se direcionar a um passo anterior ao contato, demandando que eles sejam o suporte necessário.

Para fechar essa seção, serão abordados os resultados advindos dos demais pesquisadores e seus artigos incluídos na pesquisa. A leitura desse material permitiu identificar elementos de compreensão, sejam eles conceitos ou processos, que contribuem com a pergunta sobre o que é e como se dá o desenvolvimento na perspectiva da Gestalt-

terapia. Na tabela 4 é possível visualizar os conceitos e processos destacados pelos autores em suas publicações, que serão melhor discutidos a seguir.

Tabela 4 - Elementos de compreensão/ conceitos correlacionados ao desenvolvimento discutidos nos artigos resultantes da busca em bases de dados

Elementos de compreensão	Referência
Agressividade	Karpen, 2018
Ajustamento criativo	Karpen, 2018
Auto/ heterossuporte	Gaspar & Abreu, 2018; Campos & Maia, 2020
Autorregulação organísmica	Karpen, 2018
Limites e frustrações	Gaspar & Abreu, 2018
Organismo - ambiente	Gaspar & Abreu, 2018; Karpen, 2018; Campos & Maia, 2020
Segurança	Gaspar & Abreu, 2018; Campos & Maia, 2020

Pensar o desenvolvimento em função dos ajustamentos criativos decorrentes do processo de autorregulação organísmica (Antony, 2006; Karpen, 2018) é uma verdade, porém, do nível da obviedade. Embora seja uma realidade, é somente a ponta de um *iceberg* que sustenta uma estrutura mais complexa e profunda. Ela retrata a inegável interação organismo/ ambiente (Gaspar & Abreu, 2018; Karpen, 2018; Campos & Maia, 2020) da qual emergem necessidades e na qual se busca satisfazê-las.

Assim como Perls et al. (1997) realça, Karpen (2018) destaca a agressividade como energia fundamental investida no estabelecimento do contato com o ambiente e, conseqüentemente, no processo de crescimento. Como uma força motriz, a agressão impulsiona o organismo em direção à ação no mundo, na busca por um contato satisfatório a tal ponto que sua experiência possa ser assimilada ao *self*. Portanto, sem essa energia, o organismo encontrará dificuldades em manipular o ambiente conforme sua necessidade, dificultando seu crescimento.

A relevância da frustração, amplamente explorada em Perls (1977, 1979), é retomada por Gaspar e Abreu (2018) sob o enfoque da relação pais e filhos. As autoras chamam a atenção para o papel dos pais de ofertar a experiência de limites como um fator fundamental ao desenvolvimento saudável dos filhos. Nessa seara, elucidam a função dos pais, como

ambiente, de ajudarem na passagem do hetero ao autossuporte e favorecerem experiências exploratórias embebidas de segurança e suporte por parte deles.

Tendo em vista o aspecto da segurança, Campos e Maia (2020) tecem reflexões sobre o binômio segurança-risco e sua correlação com o processo de crescimento. A segurança, na sua acepção de evitação de contato e resistência a correr riscos, pode levar a pessoa a escolher por ajustamentos que lhe sejam mais seguros. Sem expansão rumo ao novo, esta enfrentará obstáculos ao seu crescimento e satisfação (Campos & Maia, 2020). Tendo isso em vista, os autores afirmam que evitar correr riscos implica numa interrupção do crescimento.

Na primeira menção, em Gaspar e Abreu (2018), a segurança é abordada em seu caráter suportivo, no sentido de conceder ao outro o amparo necessário, as melhores condições possíveis para que algo seja alcançado. Já no sentido abordado por Campo e Maia (2020), ela é tomada em sua valência negativa, quando impede o contato com situações que convidam à novidade, permanecendo no comodismo. O processo de crescer, de fato, envolve as duas valências da segurança: quando suporte, impulsiona o crescimento; quando resistência ao novo, o interrompe.

Havendo segurança e confiança no ambiente, o organismo pode experimentar gradativamente mergulhar nele, num movimento exploratório de descoberta, que lhe trará novos contatos e a aprendizagem de novas habilidades. O ambiente cumpre um papel fundamental ao compor o campo fenomenológico no qual se dá o processo de crescimento de uma pessoa. Sendo suportivo às necessidades do *self*, contribui para a sucessão de habilidades, cada vez mais complexas, que desaguam na construção da autonomia – base do autossuporte.

Na mesma direção, desenvolvimento é conceituado por Fernandes, Nogueira, Lazaros, Zinker, Ajzenberg & Maffei (1998) como processos circulares sucessivos de ajustamentos criativos que só podem ser compreendidos sob o enfoque relacional, e que evoluem em níveis cada vez mais complexos. Com a integração decorrente, completam as autoras, é possível a construção do autossuporte. Portanto, o crescimento se constrói em paralelo à construção da relação com pessoas significativas. Essas serão, para o bebê, o primeiro espelho do mundo.

Uma criança que vive a experiência de poder se jogar no mundo e sente-se amparada pode confiar no mundo e, gradativamente, poderá confiar em si mesma. O contrário disso é lançar-se e ter a experiência de cair no vazio, no desamparo. Esta compreensão conversa com

a proposição de Spagnuolo-Lobb (2012) de que a base da segurança e da autonomia se constroem em decorrência dos domínios de projeção (confiança); retroflexão (segurança) e egotismo (autonomia).

Embora haja um processo decorrente do surgimento de uma necessidade no organismo, que mobiliza e pede por um contato que a satisfaça, a negociação possível com o meio será sempre uma premissa fundamental para que se alcancem novas conquistas. À medida que o ser humano passa por determinadas experiências ao longo da vida, caminha em processos gradativos com episódios de desorganização e reorganização que o levam, progressivamente, ao suporte necessário para as fases sucessivas do desenvolvimento (Fernandes, 1995). Assim, temos autorregulação orgânica e ajustamento criativo em ação.

Como um processo que se dá de modo amplo e em uma totalidade, Yontef (1998) descreve o desenvolvimento em função da maturação biológica, das influências ambientais, da interação entre o indivíduo e o meio e do ajustamento criativo feito pelo indivíduo. Campos e Maia (2020) defendem que organismo e ambiente são mutuamente constitutivos, o que afirma a indissociabilidade de um todo indivisível: são abstrações de uma realidade originária, o contato. Logo, organismo e ambiente estão de tal modo imbricados que não se pode conceber, a não ser em relação ao outro (Perls et al., 1997).

Quando o humano se defronta com o novo e o enfrenta, entra em contato com seus próprios recursos, apodera-se e se movimenta em direção ao futuro, tomando como base sua experiência vivida (Zinker, 1995). Quando ocorre um contato de modo satisfatório, essa mesma experiência é assimilada e integrada ao fundo de experiências, fazendo com que o organismo cresça. Isto é explicitado por Perls et al. (1997) quando ele reitera que a assimilação não é simplesmente e meramente um agregamento de situações inacabadas do organismo, mas uma configuração que contém a novidade do ambiente.

As conceituações aqui apresentadas corroboram para a compreensão em comum de que o desenvolvimento, na Gestalt-terapia, é um processo contínuo que, diferentemente da perspectiva de adulecer, acontece do nascimento até a morte. Também é consenso que ele se dá pelos ajustamentos criativos decorrentes do processo de autorregulação despertado pela emergência de uma necessidade. Sendo assim, a dinâmica figura-fundo reflete a interação organismo-meio. Tudo isso está confirmado nas proposições apresentadas.

A grande novidade parece estar na ideia de domínios (Spagnuolo-Lobb, 2012; 2018) por ampliar a proposição do metabolismo mental de Perls, quando contraria a concepção de sequência e traz os modos de contato como propulsores de habilidades cada vez mais complexas. As habilidades conquistadas em cada domínio podem ser desenvolvidas ao longo de toda a vida. As já adquiridas retornam ao fundo e ficam disponíveis como recursos do organismo.

Podemos, portanto, pensar no processo de desenvolvimento à luz da Gestalt-terapia com base na metáfora de uma colcha de retalhos. Os retalhos são as experiências vividas ao longo de toda a vida e que vão sendo costuradas na colcha, isto é, as novas figuras e experiências de contato que, quando satisfatórias, são como pedaços de tecido que são incorporados à trama já existente. Quando pensamos nessa imagem, é importante considerar que a colcha é diferente de retalhos simplesmente somados: ela tem uma configuração própria como um todo e se atualiza na totalidade sempre que um novo retalho é adicionado. Podemos pensar o mesmo do humano: a cada nova experiência vivida, a história de vida como um todo se atualiza com base no processo de assimilação, integração do novo e, conseqüentemente, crescimento.

Essa concepção é fundamental para pensarmos o desenvolvimento sob a ótica de um processo ininterrupto ao longo de toda a vida. Isso é diferente de conceber o desenvolvimento como um processo de adulecer da criança em direção ao adulto, visto que considera igualmente relevante os processos que se iniciam com o bebê dentro do útero materno e que se finalizam somente com a morte da pessoa. Desde a década de 80, as próprias teorias da psicologia do desenvolvimento vêm sofrendo uma mudança significativa ao transitar do enfoque da criança se tornar adulto para uma perspectiva de “psicologia do ciclo de vida” na qual considera que as mudanças acontecem durante toda a vida (Spagnuolo-Lobb, 2012).

Ao enfatizar um modelo relacional de desenvolvimento, tendo a interação *eu-outro* como primordial para a dimensão humana, é oportuno pensarmos o início de todo esse processo, uma vez que ele deixa marcas em todo o processo subsequente. Ainda que não determine o curso da vida, o começo da vida é constitutivo, inclusive, do ponto de vista cerebral: "quando nasce um bebê, antes mesmo que a mãe o abrace, o olhe ou o toque, já se iniciou neste novo indivíduo um célere processo de desenvolvimento. Principalmente em seu cérebro" (Cunha, 2018, p.1).

Para a autora, a experiência vivenciada desde os primeiros momentos, pelos cuidados, tem um impacto tão grande na arquitetura do cérebro a ponto de se estender às capacidades do futuro adulto (Cunha, 2018). Isso traduz que processos muito importantes para o desenvolvimento presente e seu desenrolar futuro acontecem desde esse momento inicial da vida. Isso justifica um olhar atento sobre os fenômenos desse período que compõem, de modo relevante, o curso de desenvolvimento inteiro e total de uma pessoa. A seguir serão apresentados os achados teóricos do levantamento dessa pesquisa que dizem respeito a essa fase de vida.

3.4 As primeiras experiências da vida sob a perspectiva gestáltica

E então a vida se inicia. Como um acontecimento atravessado pela história dos ancestrais, pelo encontro com os contemporâneos, e em direção àqueles que virão (Safra, 2004): é passado, presente e futuro acontecendo. Havendo vida, está inaugurado o processo de desenvolvimento – desde o feto até a morte.

Desde a condição de feto, já existem ajustamentos criativos acontecendo: com base na maturação biológica e na herança genética, assim como nos estímulos ambientais, ele se adapta, se reorganiza e já vive o processo de crescimento (Zinker, 1995). Para a autora, ainda que essas vivências sejam eminentemente sensoriais, são aprendidas e registradas como pano de fundo. São marcas da experiência, da historicidade humana. A relação está presente desde o princípio e até o fim.

No início da vida, ressalta Perls (1979), o homem recebe todo o seu sustento dentro do útero da mãe: ali nada, escuta, chuta em busca de espaço vital para mobilização de seus músculos. Se anteriormente a mãe respirava por ele ao lhe fornecer o oxigênio, nutrindo-o de vida, agora é vital que ele o faça por si só, o que marca não somente uma ruptura significativa como necessariamente um crescimento. Pensar nesse ato como crescimento apoia-se na premissa de crescer como um movimento ativo e contrário à estagnação e mesmice, posto que o que é seguro não transforma (Perls, 1979).

Perls (1979) reconhece tanto a existência de uma predeterminação genética quanto de um processo ativo do bebê dentro útero. Com isso realça a força dos genes e, também, das

trocas com a mãe que já estão acontecendo desde então. Para ele, o nascimento é vivido como uma grandiosa mudança que marca um movimento ativo em direção à sobrevivência.

Como homem se iniciando,
Recebe sustento – sim, todo sustento
Dentro do útero da mãe
(...)
Nascimento doloroso, tremenda mudança;
Acabou-se o abrigo, calor e oxigênio
Agora é preciso respirar
Pois a vida é respiração.
E surge a primeira necessidade
De se autossustentar
Você quer viver, então respire
(...)
Pois haverá morte se você não se arriscar
Começando a respirar sozinho.
(Perls, 1979, p. 27)

O nascimento para Perls (1977; 1979) marca o primeiro momento, o princípio da possibilidade de se autossustentar – para dizer em seus termos. No entanto, marca também, uma etapa de extrema dependência desse bebê para com seu meio externo: é primordial um meio que lhe ofereça condições de sobreviver. Portanto, podemos pensar no movimento primordial necessário para que um bebê seja sustentado pelo ambiente semeando a viabilidade de que, futuramente, ele possa sustentar a si mesmo.

O recém-nascido vive uma condição de confluência (Perls, 2012). Nesta condição, vivencia um estado de suposta união, no qual o ambiente materno circundante e o bebê são um; nela, todas suas necessidades são atendidas e não há fronteira de separação (Miller, 2002). Nessa fusão, não há percepção do outro, do externo, do diferente, não há fronteira; ele e o mundo são experienciados como uma coisa só.

Quando neste estado confluyente, “a probabilidade de sobrevivência física do indivíduo é quase nula, se ele for deixado inteiramente por conta própria. O homem necessita dos outros para sobreviver fisicamente. Suas probabilidades de sobrevivência fisiológica e emocional são ainda menores se for deixado só” (Perls, 2012, p.39). Para o autor, o homem precisa de contato, em termos de necessidade emocional, como precisa de comida, em termos fisiológicos – ambos imprescindíveis à sua sobrevivência.

Ao considerar o processo de identificação de necessidades fundamentais no processo de crescimento, se faz importante contextualizar o papel do ambiente nesse processo. Perls et al. (1997) reitera que o campo organismo/ambiente significa que qualquer teorização sobre impulsos ou instintos se refere sempre a um campo interacional, e nunca a um animal isolado. Por assim se configurar, qualquer estudo de ciências do homem deve considerar o campo no qual interagem pelo menos fatores socioculturais, animais e físicos (Perls et al., 1997).

O ambiente do campo organismo/ambiente pode ser uma família, uma escola, um casal, um grupo, dentre outros (Yontef, 1998). Como exemplo de ambiente, o qual constitui e é mutuamente constituído, está o cuidador ou aquele que exerce a função materna no início do ciclo de desenvolvimento de uma pessoa, colocando esse como ponto inicial de seu processo de desenvolvimento. É justamente a concepção e a gravidez o início da existência do humano, momento esse em que já há a presença da interação e da relação (Ajzenberg et al., 1995). Portanto, é nessa fase em que o ambiente começa a existir para o organismo, nessa incessante troca mútua, o qual oferecerá (ou não) o suporte necessário para que o crescimento aconteça.

As experiências iniciais são basilares e marcantes no processo de desenvolvimento. Elas acontecem desde o período intrauterino, quando o feto já tem os órgãos sensoriais desenvolvidos e o neocórtex está em condição disponível para o contato (Ajzenberg et al., 1995). É exatamente neste momento que o ambiente é indispensável e exerce uma função constitutiva ao ofertar as possibilidades de contato. Desde o primeiro momento, as experiências vivenciadas organismo/ambiente começam a constituir o fundo, a história de vida, o modo de contato desse bebê.

A relação está presente desde o princípio. O papel desempenhado pelos pais ou cuidadores ganha protagonismo no enredo da nova história que começa a ser vivida. O cuidador é aquele quem tece o elo do bebê com o mundo, viabilizando o projeto de torná-lo humano. Anteriormente centrada fundamentalmente sobre a figura da mãe biológica, a concepção dos cuidados essenciais foi ampliada para qualquer pessoa capaz de ofertar cuidado e exercer a função materna. Esta é uma função organizadora para o bebê e diz respeito ao movimento realizado por um cuidador de sustentar seu ciclo de contato (Ajzenberg et al., 1995).

No princípio, sustentar o ciclo de contato significa a existência de um outro que reconheça, nomeie e satisfaça as necessidades do bebê quando ainda não é possível que ele

faça isso por si só (Ajzenberg et al., 1995; Poppa, 2018). A criança pequena, em especial o bebê, vive um estado de descoberta em relação ao que se passa consigo mesmo. A princípio faz contato com sensações, mas não compreende o que elas significam, pois as experiencia como perturbações em seu organismo. Não sendo capaz de identificá-las, demanda um ambiente que seja capaz de decodificar o que se passa e, tão importante quanto, que dê conta de atender sua necessidade manifesta.

Quando a criança, que não tem noção da totalidade da mãe, tem uma necessidade e é satisfeita pela mãe ou cuidador, a criança completa o ciclo e associa a figura da mãe boa à sensação de bem-estar e, então, sua figura retorna ao fundo (Fernandes, 1995). Diferente disso, esclarece a autora, a criança se agita e pode sentir ansiedade pela não satisfação que impede o repouso do organismo.

O bebê começa a crescer e precisa ainda de cuidado, aos poucos desenvolve novas capacidades que o levam a mobilizar cada vez mais o seu potencial e recursos internos (Perls, 1977). Concordando com Perls, Miller (2002) afirma que à medida que este bebê vai descobrindo sua separação do ambiente, suas capacidades vão tomando forma e lhe auxiliando a atravessar essa separação: "quando a fusão da confluência não pode mais operar então precisamos ser criativos" (Miller, 2002, p.8). Valendo-se dos recursos disponíveis, o afastamento da separação começa a tornar-se tolerável.

As experiências de frustração são necessárias, em diferentes doses, ao longo de toda a vida. Há, no entanto, famílias ou meios em que a frustração da criança também é vivida como uma frustração pelo responsável, que trabalha contra esse acontecimento (Perls, 1977). Isso faz considerar que o modo como os pais se colocam depende sobretudo da sua qualidade de contato: pais precisam de um bom contato, na identificação e satisfação (Gaspar & Abreu, 2018).

Quando é reconhecido o lugar essencial dos pais ou cuidadores e da família, sobretudo nos primeiros anos de vida, fica evidente que, valendo-se especialmente da introjeção, são eles quem apresentam o mundo ao bebê e à criança. O mundo que será por eles engolido – por inteiro. Em contrapartida à importância dessa influência, pouco se discute em relação às condições nas quais a família se encontra com a chegada do bebê.

Possivelmente o passo seguinte a uma compreensão de desenvolvimento em Gestalt-terapia cada vez mais difundida seja o início da discussão sobre pais e cuidadores. É urgente

voltar-se para esse ambiente, sobretudo à sua reconfiguração perante o nascimento. Trata-se de um nascimento duplo: do bebê e daqueles que o cuidarão. Portanto, o campo é povoado de recém-nascidos de idades e condições maturacionais diferentes.

É fundamental lembrar que a mãe, que é quem recebe o bebê e é a intermediária dele com o mundo, também está passando por transformações e desorganizações físicas, hormonais e afetivas (Zinker, 1995). Se nos afastarmos um pouco mais, de modo a ampliar o alcance da percepção, veremos outras pessoas significativas no entorno dessa mulher também vivendo alterações importantes com a chegada do novo integrante. Isso reafirma a premissa de que, quando uma parte do todo muda, todo o campo se reconfigura.

O nascimento é um momento de intensas e, possivelmente, de uma das mais profundas reconfigurações que acontecem ao longo da vida. No entanto, ainda hoje, pouco é enunciado sobre tais transformações e, ainda menos, sobre os cuidados que são demandados nessa fase. Zinker (1995) afirma que temos dois seres humanos em transformação e que, na verdade, essa transformação incide sobre o ambiente como um todo, que vivencia trocas e se ajusta a cada novidade que surge.

O suporte de quem suporta, ou o autossuporte do heterossuporte: esse chão precisa ser construído na Gestalt-terapia. Mas de fato apoiando-se numa compreensão que lhe dê sentido – e ele se sustenta na compreensão do desenvolvimento. Se é de fato tão importante que os pais ofereçam condições de suporte, a questão que se atravessa é: eles as têm? Qual o processo eles mesmos atravessam nesse momento? Precisariam eles de alguma espécie de cuidado para que ofertem isso a seus filhos? Podemos pensar em melhores condições de crescimento tendo em vista os cuidadores (e não somente os que demandam cuidados)? Este caminho precisa ser asfaltado, mas, a exemplo de como o desenvolvimento se dá, a integração se faz do básico ao mais complexo.

É impossível questionar sobre a relevância do outro significante na vida do bebê. E, nesse sentido, uma diálogo com Winnicott tem muito a contribuir. Portanto, para contemplar os objetivos propostos neste trabalho, serão descritos a seguir os pontos fundamentais da obra e pensamento de Winnicott. Cabe ressaltar que, diante de uma teoria extensa e profunda, fora necessário fazer um recorte dando destaque aos aspectos que se interrelacionam com a pergunta norteadora da tese, isto é, o aspecto da relação organismo/ambiente para a compreensão do processo de desenvolvimento.

Após uma breve contextualização de seu pensamento, será explorada com mais especificidade a teoria do desenvolvimento emocional e o jogo de espátulas, elementos chaves para o diálogo aqui proposto. A questão que norteia esse intercâmbio de saberes deve ser sempre o questionamento sobre de que forma outro conhecimento contribui para pensar um dado fenômeno sem que haja uma transposição irrefletida ou indiscriminada, de modo que essa abordagem se atualize e cresça. Deste modo, ao debruçar sobre os estudos de Winnicott e sua extensa obra sobre os primeiros anos de vida do bebê, tem-se por objetivo realizar uma troca que possa fomentar novas perspectivas e reflexões ainda inexploradas.

A despeito dessas trocas, Miller (2002) reitera que a Gestalt-terapia pode aprender com a Psicanálise, tomando emprestado alguns conceitos, desde que possa transformá-los em algo que seja de sua própria epistemologia. Ginger & Ginger (1995) consideram Winnicott um dos psicanalistas contemporâneos cujas teses mais se aproximam das teses da Gestalt. Delacroix (1984) citada por Ginger & Ginger (1995) observa algumas semelhanças importantes presentes no pensamento winnicottiano: sua influência da Fenomenologia; uma clínica baseada nas relações entre a criança pequena e o seu meio; o espaço que concede às necessidades; o valor significativo que dá à experiência e ao processo; o privilégio ao jogo e à criatividade; entre outros. Essa proximidade, ainda que fundamentadas em alicerces díspares, dá sentido às interlocuções já existentes encontradas, por exemplo, em Karpen (2018) e Poppa (2013; 2016; 2018).

4. Questões sobre o desenvolvimento: diálogos com D. Winnicott

4.1 Os estudos sobre o bebê

Até a década de 70, o bebê era concebido como um ser passivo, depositário das falhas maternas, dotado das capacidades de alimentar e evacuar. Ao final dessa década, novas pesquisas, fundamentadas em observações microscópicas da relação mãe-bebê, evidenciaram – e revolucionaram o conhecimento – ao atribuírem ao bebê uma dimensão ativa e intersubjetiva, alicerçada na existência de uma disponibilidade inata para a relação.

Historicamente, após a segunda guerra mundial, e em função do crescente número de bebês e crianças acometidas pelo abandono decorrente das mortes de seus responsáveis, iniciou-se a observação das reações infantis frente a tais perdas (Guerra, 2014). René A. Spitz, psicanalista austríaco, fora o primeiro a identificar nas condições institucionais do pós-guerra a qualidade dos cuidados e do investimento na relação como fatores fundamentais para a sobrevivência e saúde psíquica do bebê (Crespin, 2016). Os estudos e observações realizadas neste contexto, enfatiza Guerra (2014), levaram a uma mudança na mentalidade e concepção acerca do bebê, agora concebido como uma pessoa em construção, ativa e, principalmente, dotada de potencialidade interativa.

Pensar o bebê como coparticipante de seu processo de subjetivação é algo relativamente novo, pois, desde o início da Psicanálise, fora tomado em sua impotência, como portador de uma dependência absoluta do outro (Guerra, 2014). Freud enfatizava que o bebê só poderia constituir-se graças ao encontro com o outro, realçando, assim, necessidades além do aspecto biológico. O realce freudiano sobre a existência de uma instância psíquica atribuía, no entanto, pouca participação do bebê em seu processo de constituição (Saboia, 2006).

Alvarez e Golse (2009) enunciarão o bebê como portador de um aparelho fisiológico e psicológico que lhe permitirá, desde a vida fetal, estabelecer uma rede de comunicação com o seu meio ambiente. Aversa à metáfora de “aparelho”, a literatura da Gestalt-terapia enuncia o bebê como um ser de contato desde a vida intrauterina, quando “o contato existe enquanto estimulação sensorial e resposta motora ao ambiente” (Ajzenberg et al., 1995, p. 91), sem um aparato cognitivo desenvolvido. Por assim ser, segundo as autoras, não só o bebê, como também o feto, dispõem de um processo peculiar de formação e destruição de figuras, em

uma dinâmica eminentemente sensorial (diferente do indivíduo mais desenvolvido). O ponto de intersecção entre os olhares descritos diz respeito à constatação do potencial de contato do bebê em relação ao seu meio.

Donald Winnicott, pediatra e psicanalista inglês no século XX, teve importantes contribuições não só para a compreensão da relação mãe-bebê, como também para a relação analista-paciente (Silva, 2016). Winnicott (1993) defende a ideia de que muita coisa acontece no primeiro ano de vida de uma criança, quando seu desenvolvimento já está acontecendo. Tomando o feto e o bebê, Winnicott (2012) afirma a importância de reconhecer o fato da dependência:

A dependência é real. É tão óbvio que os bebês e as crianças não conseguem se virar por si próprios, que as simples ocorrências de dependência passam despercebidas. (...) Devido ao fato de os bebês serem criaturas cujas dependência é extrema no início de suas vidas, eles são necessariamente afetados por tudo o que acontece. (p. 73/74)

À medida que vai crescendo, a criança pequena amplia sua condição de autonomia, reduzindo, assim, a condição de dependência. O aspecto da condição inerente de dependência progressiva é o ponto de partida plausível para uma "conversa" com a teoria do desenvolvimento emocional do ser, de D. Winnicott. Segundo Fulgencio (2018), Winnicott se opõe à ideia de que existe uma predisposição inata à relação (Teoria do Attachmant- Bowlby) por uma questão biológica, pois acredita que o apego é carregado de significações ligadas ao outro como possibilidade de ser e continuar sendo. Para Winnicott, “todos os processos de uma criatura viva constituem um *vir-a-ser*, uma espécie de plano para a existência” (Winnicott, 1983, p. 82).

Dentre as razões para se conhecer sobre o desenvolvimento emocional, para Winnicott (1993), está a importância de que profissionais que trabalham com o início da vida saibam, desde o primeiro momento, em que seu trabalho está interferindo e de que forma, sobretudo de posse de informações decorrentes do avanço do conhecimento nos últimos anos. Além disso, reconhecendo a dificuldade de muitas mães em fornecerem condições suficientemente boas, o profissional deverá ter conhecimento específico que o possibilite reconhecer o que está acontecendo, não só com a mãe, mas também com seu bebê – o que aumenta a chance de diagnósticos e intervenções precoces.

Pensando em termos de saúde e doença, é fundamental debruçar-se, não somente sobre o processo como um todo, mas especialmente sobre o primeiro ano de vida que, para

Winnicott (1993) é o momento que "lança as fundações da saúde mental do indivíduo humano" (p.5). Esse é um período de grande dependência do ambiente e, por isso, aquilo que cada bebê encontrará disponível apresentará maior impacto sobre o bebê quanto menor for sua idade. Isso justifica a relevância de, em se tratando de desenvolvimento, voltar-se com especial atenção ao início desse processo, isto é, aos primeiros estágios que um lactente atravessa.

4.2 A "teoria do desenvolvimento emocional do ser" de D. Winnicott

Winnicott desenvolve uma teoria na qual descreve o complexo percurso do indivíduo que tem como ponto de partida sua condição original de dependência e que segue em direção ao estado de independência, progredindo gradualmente da imaturidade à maturidade (Winnicott, 1983). Quando diz sobre maturidade, Winnicott considera não somente o crescimento pessoal, como também a socialização, isto é, a capacidade de identificar-se numa sociedade, de fazer parte dela sem isolar-se – a independência nunca é absoluta – pois abarca a habilidade humana de se relacionar e se satisfazer no ambiente (1983).

Pode-se notar, em Winnicott, uma correlação entre maturidade, crescimento, socialização e saúde: maturidade implica crescimento e socialização, e saúde é quase sinônimo de maturidade (Winnicott, 1983). E esse é um aspecto predominante da abordagem winnicottiana: a possibilidade de considerar, ao mesmo tempo, fatores pessoais e ambientais (Winnicott, 1983). De acordo com o seu pensamento, não é possível considerar saúde sem debruçar-se sobre essa interrelação entre o *eu* e o *não-eu*, entre o bebê e seu ambiente, entre a pessoa e o mundo.

Tendo em vista sempre a perspectiva do ambiente, ainda que o desenvolvimento seja movido por uma tendência inata que compreende o crescimento do corpo e o desenvolvimento de algumas funções, o mesmo não acontece na ausência de condições que lhe sejam favoráveis, isto é, "suficientemente boas" (Winnicott, 1993). Considerando todos esses elementos, Winnicott define o desenvolvimento:

O desenvolvimento, em poucas palavras, é uma função da herança de um processo de maturação, e da acumulação de experiências da vida; mas esse desenvolvimento só pode ocorrer num ambiente propiciador. A importância deste ambiente propiciador é absoluta no início, e a seguir relativa; o processo de desenvolvimento pode ser descrito em

termos de dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar rumo à independência. (Winnicott, 1993, p.27)

Não se pode negar o que é herdado, como, por exemplo, as tendências patológicas, mas toda a evolução do processo de maturação está interligada à provisão do ambiente (Winnicott, 1983). E esse é um ponto central da discussão, o lugar do ambiente no processo de desenvolvimento de uma pessoa: “podemos dizer que o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial” (Winnicott, 1983, p. 81).

O que Winnicott afirma, portanto, é a premissa de um ambiente que possibilite o crescimento da criança, posto que o contrário disso seria interrompê-lo ou bloqueá-lo. E esse é o ponto crucial de interesse nessa tese: discutir a relação organismo/ambiente. Obviamente, a teoria de Winnicott é mais extensa e mais profunda do que tal recorte adotado nesse estudo: a compreensão desenvolvida pelo autor acerca da relevância que ele atribui ao ambiente no processo de maturação é a interlocução pretendida nessa pesquisa.

A maturação é um processo impulsionado pelo sentido da integração de algo cada vez mais complexo à medida que o lactente cresce (Winnicott, 1993). Não é viável pensar na maturação de uma pessoa sem pensar no que isso repercute em termos de realização e das condições mínimas necessárias para tal. Tomando a dependência como um fluxo contínuo, em maior ou menor grau, a progressão para uma maior complexidade – como, por exemplo, a percepção de si mesmo e do outro – são decorrentes de integrações cada vez mais complexas.

A integração não é algo automático, vai se desenvolvendo pouco a pouco, e manifesta-se gradualmente, partindo de um estágio primário não-integrado e seguindo para a constituição de um *self* (Winnicott, 1993) – *self* na conceituação psicanalítica representa a totalidade da própria pessoa. Com o crescimento, impulsionado por condições ambientais que o favoreçam, o nível de dependência gradativamente diminui e, à mesma proporção, as integrações tornam-se possíveis.

Como numa jornada que é preciso ser percorrida de um ponto a outro, segundo a perspectiva winnicottiana, o processo de desenvolvimento compreende três estágios: 1. da dependência absoluta, que compreende do nascimento até os quatro primeiros meses; 2. da dependência relativa, que abarca da última fase até aproximadamente um ano e meio e; 3. período rumo à independência, que segue da fase anterior até a morte (Winnicott, 1983). Em

cada um deles está descrito um nível de dependência e modo de percepção, tomando o bebê como ponto de partida e a morte como ponto final dessa caminhada.

Na fase de dependência absoluta, há a completa dependência do bebê em relação à sua mãe, seguindo a mesma dinâmica de quando ainda estava no útero e sem qualquer vestígio de uma consciência dessa dependência (Winnicott, 1983; 1993). Entretanto, diferente do período da gestação, o bebê não é mais atendido automaticamente e depende de algo além dele que seja capaz de atendê-lo – o que demanda uma série de ações do ambiente. Exige, então, de alguém uma interpretação/compreensão das necessidades da criança, como uma necessidade existencial. Nessa fase, o bebê não existe sozinho (ele morre se assim estiver) e é quando se começa a dar sentido ao corpo-psique por meio de registros sensoriais (Fulgencio, 2018).

Nesta etapa de absoluta dependência, o bebê não tem a capacidade afetiva e cognitiva de desejar algo, mas possui necessidades urgentes que traduzem o querer algo em algum lugar. Ao sentir fome, por exemplo, Fulgencio (2018) elucida que, do ponto de vista do bebê, o seio aparece como se derivasse da sua necessidade, como um processo natural – ilusão/experiência de onipotência (a necessidade é criada e encontra a satisfação). Segundo o autor, neste ponto, não há lugar para uma realidade não-*self*, isto é, não é capaz de perceber algo como diferente dele.

Quando nesse estado, o ambiente representado especialmente pela figura da mãe precisa sintonizar-se ao lactente como numa frequência em que se conectam e, então, a necessidade do bebê pode ser percebida e atendida por ela. O modo como Winnicott percebe e descreve a mãe é importante para pensar a nova realidade que se instaura com o nascimento de um bebê. Para o autor, a mãe também experimenta a condição de estar dependente e vulnerável e, assim como o bebê, precisa de cuidados num momento em que ela sozinha é o ambiente. Ela consegue se conectar ao bebê de tal modo, por já ter sido um, vive as lembranças de já ter sido cuidada e isso pode ajudá-la ou atrapalhá-la em sua própria experiência como mãe (Winnicott, 2012).

No que tange à própria mãe, Winnicott descreverá o que denomina como “preocupação materna primária”, isto é, um estado de extrema identificação, devoção, preocupação e cuidado dessa com seu neném, no qual a mãe desvia o interesse do seu próprio *self* para o bebê (Winnicott, 1983; 1993). Essa condição se inicia ao final da gravidez e se estende até as primeiras semanas de vida. É justamente essa condição que permite à mãe a capacidade de

captar as nuances de seu filho, colocando essa mãe numa condição de vulnerabilidade e de recíproca dependência em relação a ele (Winnicott, 1983; Fulgencio, 2016).

Em complemento à noção freudiana, Winnicott corrobora com a concepção de que o bebê e sua mãe vivem um processo de constituição mútua: o bebê constitui sua mãe do mesmo modo em que é por ela constituído, como um o par que realiza uma dança, no qual a mãe segue o ritmo apresentado pelo bebê (Safra, 1999). Sendo assim, não há um sem o outro, o que há é a relação, isto é, uma “dupla dependência” (Winnicott, 1993). Essa fusão inerente, caracterizada pela dependência, demanda que o ambiente seja suportivo às necessidades do bebê que, quando atendidas, configuram o que Winnicott denominou de “ambiente suficientemente bom”, o que reitera a primordialidade do cuidado por ele ofertado.

Para engajar na tarefa de cuidar, a mãe necessita de apoio – seja do pai da criança, de sua mãe, da família ou social – visto que é ela quem apresenta continuamente o mundo à criança (Winnicott, 1983). Haveria, portanto, tanto o ônus da mãe de apresentar o mundo ao bebê, quanto daqueles que a auxiliam, de proteger esse processo (Phillipis, 2006). Nesse sentido, garantir a melhor devoção do mãe para com seu bebê implica dar a ela as condições e cuidados necessários para que ela possa cuidar. Uma vez mais, o ambiente se faz presente como suporte.

Winnicott enfatiza sobremaneira o potencial da mãe¹²: descreve uma experiência na qual ela sabe muito bem das necessidades de seu bebê e que é capaz de segurá-lo; mas isso exige um alto grau de adaptação (Winnicott, 1983; 2012). Ele diferencia que nos primórdios da psicanálise o termo adaptação dizia respeito a satisfazer as necessidades instintivas da criança, mas que, diferente disso, está em jogo a capacidade de satisfazer, para além de tensões instintivas, as necessidades de desenvolvimento do ego (Winnicott, 1983).

O que parece ser explicitado por Winnicott é a proposição de que essa mãe se adapta não somente às necessidades instintivas, mas às necessidades desse bebê como um todo. Como no exemplo por ele citado, está a mãe que não é boa em dar de mamar, mas que rapidamente é capaz de suprir com a mamadeira e fórmula (Winnicott, 1983). Tomando tal exemplo, pode-se conceber uma mãe adaptada a seu bebê a ponto de captar sua fome, sua

¹² Será preservada a terminologia original da obra de Winnicott, na qual o autor se refere à palavra e pessoa *mãe* (Winnicott, 1983; 1993; 2012). Ainda que nos últimos anos essa noção tenha sido expandida para qualquer pessoa capaz de exercer essa função – função materna – optou-se por manter a originalidade da perspectiva winnicottiana. Também se refere à mãe por *lactante*, e ao bebê por *lactente*.

necessidade, e mesmo não podendo satisfazê-la de um modo, busca outra alternativa que lhe proveja satisfação. Portanto, adaptação desdobra da possibilidade de captar esse bebê em suas necessidades de toda ordem.

A mãe é capaz de proteger o vir-a-ser do bebê, seu plano existencial. Não se trata de perfeição – “perfeição pertence a máquinas” (Winnicott, 1983, p. 83) – pois isso seria incoerente com qualquer construção de humanidade. Em sua perspectiva, não há a possibilidade de não falhar nunca, e a falha ocupa um lugar importante no próprio desenvolvimento do lactente. No entanto, o autor faz referência às falhas de adaptação recorrentes, que naturalmente desencadeiam reações no bebê; sua preocupação é quando as irritações consequentes a elas são o padrão daquela criança e colocam em risco sua tendência de se tornar uma unidade integrada, o seu vir-a-ser e as bases para sua saúde mental futura (Winnicott, 1983).

O conhecimento materno não se trata de um conhecimento formal, mas é fruto de uma atitude sensível adquirido na medida em que a gravidez avança, e vai se perdendo à proporção que a criança cresce, se desenvolve e afasta (Winnicott, 1993). A "mãe suficientemente boa" é aquela que pode devotar-se ao seu bebê, se conectando a ele, captando suas necessidades e atendendo-as num prazo suportável para ele: somente na presença dessa "mãe suficientemente boa" a criança pode iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real (Winnicott, 1993). Para o autor, a mãe é a cuidadora com maior potencial para essa conexão.

Na fase da dependência relativa, Winnicott (1983) dirá que o lactente começa a se tornar consciente de sua dependência em relação à mãe ao senti-la como necessária – noção essa que faz referência ao início de um processo de percepção e diferenciação. O bebê começa a ter a experiência de que nem tudo é subjetivo, isto é, de que nem tudo advém dele (Fulgencio, 2018), como no momento anterior. O objeto deixa de ser algo criado e encontrado pela criança, existindo mesmo quando não há necessidade de sua parte.

Quando o lactente se torna uma unidade, uma pessoa completa, com uma delimitação entre *eu* e *não-eu*, seu crescimento toma forma de um intercâmbio contínuo entre a realidade interna e externa, uma enriquecendo a outra (Winnicott, 1983). Havendo realidade externa e objetos externos, configura-se uma fase de uso do objeto, na qual existe um modo de relação “sou-diferente-de”: a realidade externa surge ao mesmo tempo em que surge o *eu* (Fulgencio, 2016). Em torno dos dois anos, em decorrência de todo esse processo, a criança começa a ter

condições de lidar com a perda, uma vez que desenvolve a compreensão da mãe como tendo uma existência pessoal e separada – isso faz com que a criança permita gradativamente sua falta de controle frente os acontecimentos (Winnicott, 1983).

Ainda neste estágio, vive-se a adaptação à falha na adaptação (Winnicott, 1983). O que Winnicott quer dizer com isso é que aquela mãe, anteriormente altamente adaptada a seu bebê, precisa prover uma desadaptação gradativa (Winnicott, 1983), uma vez que seu processo de desenvolvimento lhe permite agora que ele possa suportar a espera por não ser prontamente atendido como antes. O que o autor chama de uma desadaptação gradativa pode ser compreendido como um processo de afastamento da mãe no que diz respeito à sua devoção ao seu bebê. Deste modo, o mundo começa a ocupar mais espaço.

O terceiro período enunciado por Winnicott diz respeito à fase “rumo à independência”, caracterizada pela introjeção da noção de cuidado, na qual a criança se sente gradativamente capaz de se defrontar com o mundo (Winnicott, 1983; Fulgencio, 2016). Nesse momento ganha espaço o processo de socialização e vemos a criança de fato se colocando no mundo. Esse processo perdurará até o final da vida, em seus diferentes momentos: da idade pré-escolar à adolescência, passando pela vida adulta até a velhice.

O ponto central que merece destaque é a asserção de que “o processo maturativo depende para a sua evolução da provisão do ambiente” (Winnicott, 1983, p.81). Winnicott, ao longo de sua experiência com bebês, crianças, suas mães e famílias, estava atento ao que o ambiente poderia fornecer como condição para a jornada de maturação e desenvolvimento do ser.

A ênfase na importância do outro merece especial destaque em na obra winnicottiana por realizar o próprio modo de ser humano: ser-com-o-outro-no-mundo (Fulgencio, 2016). A noção de um potencial herdado para a relação, considera a existência de um apetite não só fisiológico, mas um “apetite pelo outro” (Winnicott, 1988, citado por Saboia, 2006). Tal aspecto ratifica a importância dos cuidados ambientais, das relações primárias que se desenvolvem, no estabelecimento da saúde emocional dos indivíduos (Fulgencio, 2016). Assim discorre Winnicott (2015):

Para que os bebês se convertam, finalmente, em adultos saudáveis, em indivíduos independentes, mas socialmente preocupados, dependem totalmente de lhes seja dado um bom princípio, o qual está assegurado na natureza, pela existência de um bom vínculo entre a mãe e seu bebê: amor é o nome desse vínculo. (p. 17)

Por fim, pode-se perceber em Winnicott que o desenvolvimento se dá numa progressão do estado de não-integração para a integração – e isso varia conforme o momento de vida em que se encontra, assim como a sustentação ofertada pelo ambiente. No começo, em que há a identificação da criança com a mãe, ainda não há um *self*, ele é apenas potencial (Winnicott, 1993). Tendo em vista isso, Winnicott intui a existência de um processo de construção da pessoa, de uma conexão entre o corpo, as funções corporais e a psique. Assim, essa construção da pessoa levaria à integração – neste ponto começa a existir um *eu*.

4.3 O jogo de espátulas de Winnicott

Em seu longo período atendendo bebês acompanhados de suas mães e/ou cuidadores, Winnicott pôde observá-los em sua prática clínica como pediatra. Para a discussão desta seção, será dada especial ênfase ao texto winnicottiano que retrata o jogo da espátula. Nele, é descrita uma situação que se repetia nas consultas Winnicott: ele dispunha de um objeto brilhante (uma espátula) sobre sua mesa no consultório ao iniciar a consulta com as mães e seus bebês. Estava especialmente interessado em observar a sequência de eventos que aconteciam quando lactantes, de 5 a 13 meses, entravam na sala e viam tal objeto. Isso lhe permitiu observar o movimento natural do bebê e daquele que o acompanhava na consulta perante aquele estímulo (Winnicott, 1978; Safra, 1995).

No momento das observações, diante da espátula na mesa e o bebê ali presente, Winnicott cuidava para que ele e a mãe interviessem o mínimo possível na situação, aguardando um período de tempo pela reação espontânea do bebê (Winnicott, 1978). Essa espera possibilitava permitir que o seu ritmo natural do lactente emergisse, assim como o jeito e o funcionamento natural de seu cuidador (na maior parte das vezes a mãe). Uma situação clínica que revelava o funcionamento da dupla mãe-bebê.

Winnicott percebeu, de modo geral, que os bebês vivenciavam uma inevitável atração pelo objeto e descreveu uma sequência de três estágios desse processo. No primeiro deles, há um movimento de interesse do bebê em direção à espátula, atraindo-se por ela, e dando origem a um conflito provocado pelo seu desejo. O estágio dois é marcado pelo dilema entre o surgimento do impulso e sua inibição, configurando o chamado período de hesitação. Nesse momento o corpo experimenta um estado imóvel, que só pode ser transposto pela aceitação da

realidade. Quando acontece, faz surgir um estado de autoconfiança vigorosa que leva a criança a brincar e manipular o objeto (Winnicott, 1978).

O estágio três acontece quando, manuseando a espátula, o bebê a deixa cair por engano e alguém lhe devolve. Ao jogá-la repetidamente, sinaliza a vontade de descer até o chão e, lá estando, manifesta interesse por um novo objeto (Winnicott, 1978). Nesse ponto, Winnicott correlaciona o ato da criança de jogar a espátula com o jogo do carretel descrito por Freud. Compreende que, ao livrar-se da espátula (semelhante a jogar o carretel), o bebê demonstra a relação com sua mãe interna e, de modo mais amplo, exprime suas relações com coisas e pessoas dentro e fora de si mesmo (Winnicott, 1978).

A sequência dos três estágios refere-se a um processo contínuo e descreve um comportamento normal até por volta dos 13 meses de vida. Neste mesmo trabalho, Winnicott ilustra casos de alguns bebês que, na mesma situação clínica, reagem de formas diferentes ao esperado e, com isso, evidencia a suscetibilidade da criança em relação aos fatores do seu ambiente (Winnicott, 1978). Destaca que a mais significativa variação acontece em relação à hesitação inicial, pontuando alguns casos em que a espátula é agarrada em segundos, e outros em que há hesitação por um grande intervalo, podendo inclusive retratar um desinteresse persistente. Essas são variações extremas e opostas para o que o autor compreende como normal.

O jogo da espátula descrito por Winnicott pode ser compreendido como uma interface entre o impulso, sinalizado pelo desejo do bebê de levar o objeto à boca, e sua inibição, representada pelo período em que hesita em fazê-lo, experimentando um estado de corpo imóvel que precede a entrega a tal prazer, quando sua boca saliva e ele então manipula a espátula de modo a levá-la até sua boca.

A hesitação é uma manifestação do superego e configura um passo anterior e necessário ao ganho de confiança para o movimento de posse. Indica um conflito, ou mesmo uma fantasia – já presente nessa idade. Dizem respeito não somente ao ambiente externo, mas aos fragmentos de pessoas que estão sendo incorporados pelo bebê que também já é capaz de absorver as qualidades de coisas boas ou más em sua realidade interna (Winnicott, 1978).

A criança em seus estágios mais iniciais vivencia uma significativa condição de vulnerabilidade: se sua condição inicial faz com que o bebê seja mais sensível aos riscos de fatores ambientais negativos (Winnicott, 1978), na mesma proporção ela é suscetível aos

impactos das intervenções realizadas em seu ambiente. O que Winnicott elucida por meio de suas observações do jogo da espátula é que elas lhe fornecem uma base importante para a compreensão do desenvolvimento emocional do bebê, uma vez que evidencia a relação desse com o seu ambiente, em seu movimento exploratório.

O primeiro ano de vida é fundamental para o desenvolvimento da capacidade da criança de construir sua relação com outras pessoas para além de sua mãe, central na possibilidade de estabelecer tríades, o que desdobra em sua inserção familiar e relações futuras (Winnicott, 1978). Portanto, algumas aquisições que se tornam ou não possíveis nesse momento tão inicial da vida de um bebê influenciam no curso de seu desenvolvimento subsequente e impactam no mundo interno da pessoa, isto é, no seu modo de sentir e perceber o mundo, assim como no modo em que estabelece relação consigo mesma e com o outro.

As complexas aquisições que permeiam o desenvolvimento emocional do bebê envolvem um fundo voraz de sentimentos contraditórios e impulsos que se apresentam e demandam serem satisfeitos. Isso compreende o processo em que emerge uma excitação e, em contrapartida, defesas que a controlam gerando a hesitação (Winnicott, 1978). Isso significa que, quando num ambiente que tolera tais contradições experimentadas pelo bebê, é possível vivenciar o que Winnicott (1978) denomina como lição de objeto, isto é, quando sua experiência tem um valor mais amplo que o puro imediatismo, constituindo um valor terapêutico mais amplo para a criança:

Não apenas na idade considerada, como através de toda a infância, uma tal experiência não tem um poder apenas temporário de renovar a confiança: o efeito acumulativo de experiências felizes e de uma atmosfera estável e amistosa à volta de uma criança é o desenvolvimento de sua confiança nas pessoas e no mundo externo e de seu sentimento geral de segurança. (...) Não será surpreendente, portanto, se eu fizer a reivindicação de que, ao fazer minhas observações, também provoquar algumas mudanças na direção da saúde. (p. 158)

De posse de tal experiência, podemos destacar algumas contribuições à clínica psicanalítica, a partir das quais pode-se também fomentar reflexões que dialogam com a clínica gestáltica. Safra (1995) desdobra a compreensão de que tais apontamentos advindos da experiência de observação de Winnicott permitem compreender o *setting* clínico como a situação na qual o paciente estabelece seu ritmo de processo e vive a possibilidade de ter experiências transformadoras em seu mundo interno.

Na perspectiva Winnicottiana do processo psicanalítico, a lição de objeto diz respeito a um conhecimento inconsciente do paciente a respeito de aspectos de sua personalidade que precisam ser integrados e que se valem da relação transferencial para poder representar uma relação conflitante com o objeto e então elaborá-la (Safra, 1995). As marcas da historicidade do paciente se fazem presentes na relação com o analista ou psicoterapeuta, podendo ali se manifestarem e, em alguns momentos, recebem um novo contorno, um novo desdobramento, e com isso, favorecendo mudanças.

Neste texto em específico, Winnicott relata e revela a dimensão do cuidado com a dupla mãe-bebê em vários trechos. Interessante perceber, por exemplo, quando ele descreve o percurso da sala de espera das mães até seu consultório, revelando que a grande sala na qual espera para recebê-los permite que ele observe todo o percurso da chegada: “a escolha de uma sala grande permite que muito seja visto e feito no período de tempo que a mãe e criança levam para chegar até mim” (Winnicott, 1978, p. 139). Essa descrição revela um ato de cuidado, que é a abertura para conhecer aquele que chega carregado e estampado de sua historicidade viva, em movimento.

Esta é uma dimensão relevante, um exercício de humanidade, fundamental ao clínico: a capacidade de ver. De acordo com o dicionário Houaiss (2021), ver é compreendido como a capacidade de captar uma imagem e diferenciar pela visão, como encontrar e entrar em contato com alguém, como ação de *servir como testemunha e presenciar algo* [itálico nosso]. Ver é, portanto, uma atitude ética de cuidado para com o outro. É testemunhar, para além da palavra, tudo aquilo que os olhos são capazes de enxergar e que o corpo é capaz de perceber; é conceber ao outro a possibilidade de ser visto por alguém. Por vezes, o psicoterapeuta é o primeiro a ver verdadeiramente a pessoa de seu cliente e acaba por tornar-se a maior testemunha de sua vida.

O próprio processo psicoterapêutico parte da possibilidade de ver, observar e perceber uma infinidade de fenômenos antes mesmo da chegada propriamente dita do cliente ao consultório. Isso significa que todas as nuances que se apresentam antes mesmo do primeiro encontro presencial permitem sim que o psicoterapeuta encontre alguém, que se revela no tom de voz ao marcar um horário, no modo como entra em contato, como chega (antes mesmo de chegar), como toca e o que provoca como ressonância do encontro.

No atendimento infantil, mas não somente nessa modalidade, ressalta-se sobremaneira a importância do resgate desse olhar curioso pelo outro, pelo fenômeno:

Estar-com crianças é expandir os sentidos... (...) Expandir os sentidos é pedir licença à escuta pelos ouvidos e ampliá-la para o corpo todo, é compartilhar a percepção com os olhos e o que ele enxerga, com o olfato e o que ele cheira, com o toque e o que ele sente... é sair do ouvido, como parte, e afinar o todo, colocando-se por inteiro na presença da criança. (Pajaro, 2020, p. 49)

Winnicott tinha razão em se atentar ao modo como as mães e seus bebês chegavam até ele, naquele longo percurso do corredor da sala de espera até seu consultório. O trajeto lhe permitia estabelecer contato visual com a mãe e com seu bebê, recordando-o de sua história ou mesmo reconhecendo se era um paciente novo. Todas as suas observações foram a base para a construção de sua teoria e lhe possibilitaram atentar-se para as sutilezas que se revelavam nas crianças, nos bebês, nas mães e na relação entre todos esses elementos entre si, e com ele.

A compreensão do desenvolvimento emocional de Winnicott, portanto, oferece subsídios para pensar não só o processo de constituição psíquica em si, bem como possibilita refletir sobre os desdobramentos dessa compreensão na prática clínica. Assim ele ressalta:

Minha tese é que, na terapia, tentamos imitar o processo natural que caracteriza o comportamento de qualquer mãe em relação à sua criança. Se a tese estiver correta deduz-se que é o par mãe-criança que pode nos ensinar os princípios básicos sobre os quais deve fundar-se nosso trabalho terapêutico, quando estivermos tratando de crianças cuja primeira relação com a mãe não foi "boa o suficiente", ou foi interrompida . (Winnicott, 1993, p. 28)

Portanto, este é um ponto chave para a perspectiva clínica: pensar de que modo o conhecimento desse processo pode ser útil com pacientes em diferentes pontos do processo do desenvolvimento, em qualquer idade e momento da vida.

5. Contribuições para uma compreensão do desenvolvimento na Gestalt-terapia

Hoje não penso em preencher o grande vazio de elaborar uma teoria sobre o desenvolvimento na Gestalt-terapia, mas convido a todos talvez a estudar mais o que já existe em outras abordagens, refletir, comparar ao que encontramos em nossa experiência clínica, observar sistematicamente crianças em todas as idades e trazer os dados obtidos e as hipóteses que levantamos para discussão em nossa comunidade. Creio que só assim estaremos criando um clima fértil para evoluirmos na direção de um amadurecimento teórico consistente da Gestalt-terapia (Fernandes, 1995, p. 72).

Percorrendo as obras originais de Fritz Perls, os aqui chamados elementos de compreensão da temática foram assim denominados nessa tese para, no processo de pesquisa do tema, descrever os conceitos encontrados na teoria da Gestalt-terapia que se correlacionavam ao que seria uma compreensão de desenvolvimento nessa perspectiva. Eles demonstram não haver, para além da metáfora do metabolismo mental, uma proposta estruturada em Perls sobre o processo de desenvolvimento. Sua maior contribuição, de fato, está na proposição do crescimento como uma transição do hetero ao autossuporte – reflexo do amadurecimento. Essa parece se ser uma ideia fértil e passível de maior exploração.

Os demais achados demonstraram existir um conjunto de artigos, capítulos e livros que abordam o tema do desenvolvimento sob o enfoque da Gestalt-terapia, mas sem avanços significativos em relação à literatura original de Perls. A hipótese é que isso pode estar ligado, em partes, ao fato de não ser consenso na comunidade gestáltica a necessidade de se pensar uma teoria ou uma compreensão do desenvolvimento e, em partes, à real complexidade de pesquisar e teorizar sobre esse processo. Ademais, parece haver uma associação ultrapassada, porém ainda enraizada, entre desenvolvimento humano e clínica infantil. Deste modo, não se tratando de psicoterapia com crianças, esse conhecimento seria, por assim dizer, dispensável aos demais clínicos. Grave equívoco, rançoso de uma perspectiva de desenvolvimento obsoleta que desconsiderava os demais ciclos de vida no desenvolvimento, limitando-se somente à infância e adolescência.

O que se observa é que essa é uma construção que caminha e necessita de uma melhor sistematização conceitual – o que pode caracterizar um desafio, dada a herança de pouca pesquisa e estudo que, por vezes, persiste nessa abordagem. Muitos desses trabalhos exploram conceitos específicos da teoria da Gestalt-terapia ligados ao desenvolvimento, mas sem muito avançar sobre o que já está posto. Por outro lado, alguns autores e pesquisadores das gerações seguintes a Perls mostraram-se inclinados a discutir e ampliar o tema.

Dentre os pesquisadores do desenvolvimento na Abordagem Gestáltica, merece destaque o trabalho de Spagnuolo-Lobb, com o conceito de desenvolvimento polifônico de domínios (2012; 2018). Observa-se em sua proposta um avanço consistente, permeado por um cuidado epistemológico constante de adequação à Abordagem Gestáltica, que fornece ao gestalt-terapeuta uma compreensão do processo de crescimento baseado nos modos de contato e defende uma aplicação clínica desse conhecimento. Isto é, a autora fundamenta sua proposta e elucida porque um clínico precisa saber sobre desenvolvimento, tornando esse conhecimento aplicável. Dentre os achados, essa teoria pautada em domínios é uma contribuição significativa e inédita nesta temática.

Pode-se observar como ponto comum que muitas das proposições sobre o desenvolvimento em Gestalt-terapia se fundamentam no princípio do contato. Assim, tomam um modo de contato e ilustram uma espécie de caminho de crescimento à medida que se avançam para os modos de funcionamento seguintes. Isso implica que haveria uma certa “ordem natural” de funcionamento, em que um modo sucede o outro, superando o anterior, e avançando no processo – equivale a pensar, por exemplo, que a confluência antecede a introjeção. Entretanto, não está clara a ocorrência ou a recorrência, ao longo da vida, numa idade mais avançada, de um modo mais “primitivo”¹³ de contato.

Facilmente encontra-se como ilustração o exemplo do recém-nascido em confluência com sua mãe, entretanto, pouco se discute, em termos de desenvolvimento, casos em que se verifica um adulto em intensa confluência com seu cônjuge. Nos dois casos temos a confluência como modo de contato, porém, o fato de se darem em momentos de vida completamente distintos pode contribuir – ou mesmo bagunçar – a reflexão sobre o crescimento. Isso significa que esse adulto não cresceu? Que é emocionalmente similar a um

¹³ Primitivo no sentido de primeiro, inicial; relativo aos primeiros modos de contato de uma sequência.

bebê de poucos dias de vida? Um bebê num corpo de adulto? Seria a confluência uma espécie de estágio inicial a ser superado nos primeiros anos de vida?

Tendo em vista o processo de crescimento de uma pessoa, os modos de contato não são restritos a um único momento da vida. Em que pese a ideia de uma progressão em termos de complexidade, é fundamental afirmar que o desenvolvimento não é um processo linear – o que seria uma equivocada simplificação. Ainda que os diferentes modos de contato aconteçam por toda a vida, pouco se discute sobre a continuidade e/ou recorrência deles ao longo da vida e o que isso tem a ver com crescimento. Parece óbvio afirmar que a pessoa amadurece desde o nascimento até a morte, mas nem tão óbvio assim atentar-se que o processo de desenvolvimento segue seu curso para além dos primeiros anos.

Em relação a uma perspectiva de desenvolvimento na Abordagem Gestáltica, Spagnuolo-Lobb (2012) defende a ideia de que, em vez de pensar fases, poderíamos pensar em domínios como processos e competências para fazer contato que habitam o pano de fundo da experiência; por assim ser, está pronto para se tornar uma figura em determinados momentos e interagir com outras capacidades ou domínios existentes. E, se estão de fundo e podem tornar-se figura, existe uma dinamicidade que interessa ao gestalt-terapeuta não só de crianças, mas de qualquer público, pois é ele uma testemunha desse processo. Porém, não poderá ele somente testemunhar, é preciso conhecer, lançar um olhar sobre o que acontece e refletir sobre os desdobramentos clínicos dessa compreensão. O próprio psicoterapeuta é, em dado momento, o ambiente a favorecer ou não o processo de crescimento de seu cliente.

É preciso reconhecer que todo o caminho asfaltado até aqui sobre leituras do desenvolvimento à luz da Gestalt-terapia é fundamental para que seja possível refletir ou mesmo fazer novas conjecturas nessa seara. De algum modo, eles refletem e até mesmo exemplificam, a dificuldade em avançar num conhecimento tão complexo, permeado por nuances que desafiam a apreensão de sua totalidade. Deste modo, “conversar” com Winnicott, com parte de sua teoria, vislumbra que se possa avançar um pouco mais ou, no mínimo, formular novas perguntas, inquietar-se com inéditos questionamentos. É lançar novas sementes, sem garantias do que irá florescer.

5.1. Gestalt e Winnicott: um diálogo possível?

Começaremos essa interface tomando como ponto de partida pensar o desenvolvimento com base na relação organismo/ambiente na Gestalt-terapia e na relação mãe-bebê segundo a teoria do desenvolvimento emocional do ser, de Winnicott. Em ambas as perspectivas, há um ponto de convergência: o papel do ambiente no processo de desenvolvimento, de maturação ou de crescimento de uma pessoa. Posteriormente, será discutida a repercussão desse conhecimento para a atuação do gestalt-terapeuta, refletindo sobre as contribuições dessa compreensão para o processo psicoterapêutico propriamente dito. De certo modo, para além da teoria, interessa a esta tese questionar de que forma o conhecimento sobre o processo de desenvolvimento pode contribuir diretamente com a prática clínica e até mesmo fundamentar novas perspectivas de atuação.

Uma conversa entre a Gestalt-terapia e a teoria do desenvolvimento emocional do ser, de Winnicott, desdobra uma infinidade de questionamentos... Como uma pessoa cresce? Como amadurece? Como se desenvolve? Há pontos em comum entre esses dois saberes? Em que nível as semelhanças, e também as diferenças entre eles, podem contribuir com uma atualização criativa do que já está posto na Abordagem Gestáltica? Como se dá a relação com o ambiente? Que impactos ou interferências ela tem sobre o desenvolvimento ao longo de toda a vida?

Para pensar a inter-relação organismo/ambiente para a Gestalt-terapia, tomemos Perls (1977):

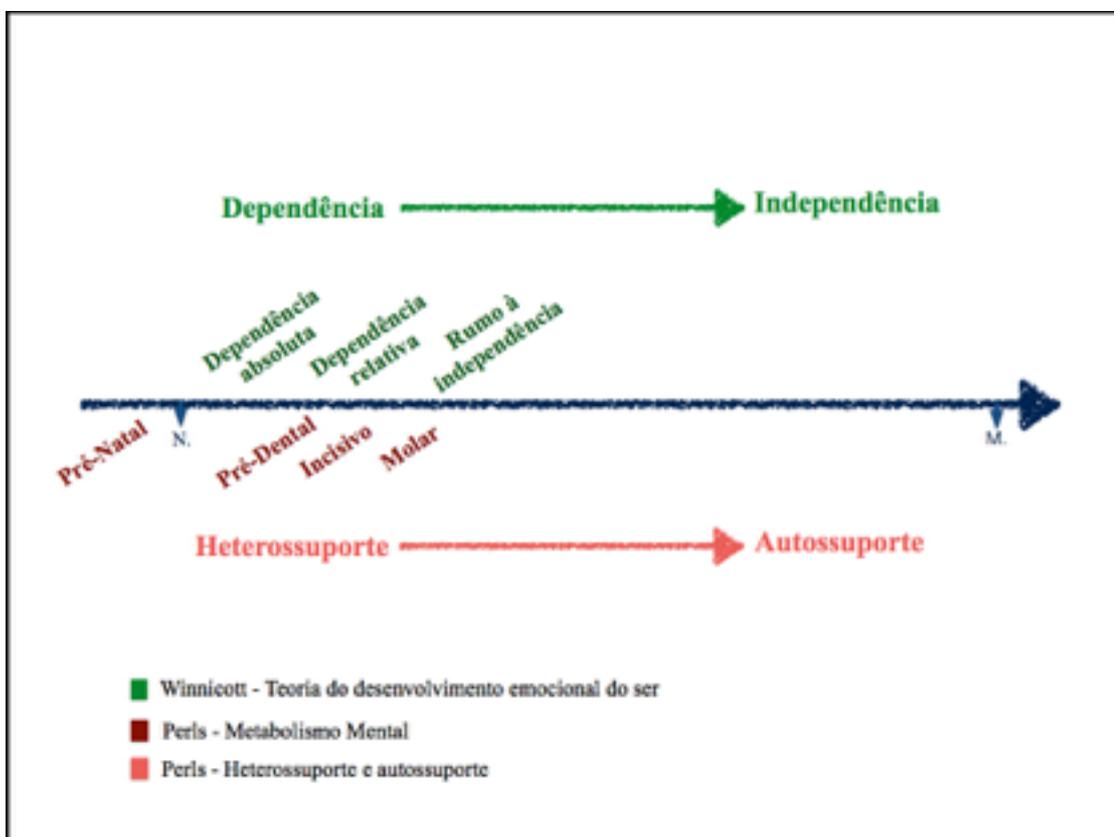
O que é um organismo? Chamamos organismo qualquer ser vivo que possua órgãos, que tenha uma organização e que se autorregule. *Um organismo não é independente do ambiente* [itálico nosso]. Todo organismo necessita do ambiente para trocar materiais essenciais, e assim por diante. (...) Não se pode separar o organismo do ambiente. (Perls, 1977, p. 19-20)

Organismo e ambiente não são a mesma coisa, ao passo que são inseparáveis. Essa diferença delimita-se pela fronteira, isto é, um contorno flexível que se expande e recua no contato com o ambiente, a própria diferenciação entre o *self* e o outro (Perls, 1977). Isso evidencia que há uma diferenciação entre um e outro, embora não exista um sem o outro. O campo organismo/ambiente significa que qualquer teorização sobre impulsos ou instintos se refere sempre a um campo interacional, e nunca a um animal isolado (Perls et al., 1997).

De modo análogo, em Winnicott, o bebê nunca é tomado em si mesmo, isoladamente: ele descreve o bebê sempre em relação à sua mãe, numa condição de dependência mútua – aqui também se considera que são diferentes, porém não há um sem o outro. A mãe representa o ambiente que provê (ou que falha) na satisfação desse bebê e é considerado de tal modo imprescindível que, na sua falta, o lactente é, literalmente, incapaz de sobreviver por si só – isolado, morre.

Embora em alguns momentos Perls faça referência ao bebê e sua mãe, não enfoca essa relação com ênfase semelhante à de Winnicott. Partem de lugares diferentes, no entanto, se aproximam quando, cada um a seu modo, tomando seus respectivos objetos, destacam a relevância do ambiente no processo de crescimento e maturação: o ambiente impacta o organismo de modo a favorecer seu desenvolvimento ou a dificultá-lo. Partindo da noção de desenvolvimento como um fluxo que se inicia antes mesmo do nascimento e finaliza com a morte, tomemos as perspectivas enunciadas por Perls e por Winnicott – ver figura 6.

Figura 6: Perspectivas do desenvolvimento - Winnicott X Perls



Como numa jornada, está posta uma progressão semelhante entre Winnicott e Perls. Se Winnicott descreve uma caminhada da condição de dependência rumo à independência, Perls a caracteriza como sendo do estado de heterossuporte ao autossuporte. Para Perls (2012), o suporte diz respeito às formas de contato adquiridas ao longo da vida. Define maturação como "a transferência do apoio ambiental para o autoapoio" (Perls, 1977, p.50). Já Winnicott (1983) define o amadurecimento como uma mudança gradual que parte da dependência em direção à independência. A esse respeito, reitera que "a independência nunca é absoluta. O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se possa dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes" (Winnicott, 1983, p. 80). A paridade entre essas perspectivas consiste no reconhecimento da relação de dependência do ambiente, que vai se diferenciando ao longo da vida, ora maior, ora menor.

De acordo com Andrade (2014), o indivíduo saudável desenvolve seu autossuporte em contato com o ambiente. Partindo desse ponto, é importante questionar de que modo o ambiente pode favorecer a construção desse autossuporte? O que está na base de sua constituição? Como ele se desenvolve? Certamente estamos falando de um processo contínuo, que se dá ao longo de toda a vida, mas que tem um princípio, e perguntas como essa não estão respondidas no campo da Gestalt-terapia. Tomando o processo de crescimento, o desenvolvimento do autossuporte é mencionado, mas parece ainda não ter sido explorado a fundo, deixando sem respostas provocações sobre como se constitui, o que o favorece, o que o interrompe, isto é, como ele começa a ser construído na vida de uma pessoa.

Nesta discussão, é oportuno questionar: como alguém chega ao ponto de sentir ser capaz de confiar em si mesmo e nos próprios recursos frente a uma situação que lhe desafia? Yontef (1998) dirá que o autossuporte inclui autoconhecimento e autoaceitação, e Andrade (2014) assinala que, numa situação de psicoterapia, nem sempre o cliente conseguirá entrar em contato com tais aspectos sem a ajuda do psicoterapeuta. Quando a autora menciona a dupla, incluindo o clínico na tarefa de desenvolvimento do autossuporte de seu cliente, elucida a participação de alguém para além do si mesmo, do "auto", havendo um outro capaz de acompanhá-lo nessa construção na qual ambos têm um papel ativo. Tem destaque o outro, como ambiente, num papel primordial no crescimento do *eu*. Para Winnicott, esse é o princípio fundamental do desenvolvimento emocional de uma pessoa.

Promovendo um diálogo entre os saberes, os estudos de Winnicott deixaram à mostra um aspecto fundamental que necessita ser melhor explorado na Gestalt-terapia: o reconhecimento de que há um momento no desenvolvimento, basilar, a que Winnicott nomeia "dependência absoluta", e do qual Perls se aproximou com a descrição de "estágio pré-natal" e "pré-dental", e mesmo com a noção de introjeção, no qual o ambiente, numa dada condição de imaturidade, tem um papel primordial de prover, seja por meio de cuidados, do olhar e da presença. Nesse processo, o ambiente guarda a possibilidade de propiciar o nascimento de uma existência, de um *eu*, do que virá a ser as bases do autossuporte.

Se encontramos em Miller (2002) a confluência, e em Spagnuolo-Lobb (2012) o domínio de ser confluyente, como indicativos de uma condição de extrema fusão inicial, há de se considerar que no princípio da vida a constituição do *eu* fundamenta-se na relação desse *eu* com o *outro*. É preciso alguém disponível, com quem o bebê possa vivenciar tal simbiose. Winnicott enfatiza que, para o bebê, ele e a mãe são percebidos como sendo a mesma coisa e, na mesma direção, Spagnuolo-Lobb (2012) descreve um ambiente percebido como se não houvessem fronteiras. Sendo assim, por que dizer que esse aspecto precisa ser ampliado na Gestalt-terapia? Porque é necessário que essa abordagem reflita possibilidades de atuação, e não só de compreensão, que enfoquem essa relação primordial *eu-outro*, caracterizada pela condição de profunda dependência.

A palavra *depend* tem origem no latim “*pendere* de”, como algo que está preso, pendurado e que carece de sustentação. Do mesmo modo podemos pensar a condição inicial de vida, na qual o bebê “pendura-se” no ambiente para que não caia no vazio – necessita por ele ser sustentado para que sobreviva. Nesse sentido, para que se desenvolva o autossuporte, é imprescindível a existência, primeiramente, de um suporte externo que sustente o indivíduo. Em Winnicott, isso é chamado de provisão ambiental, e esse é o ponto de partida sobre o qual todo o processo de crescimento evolui.

Com isso, podemos afirmar que a condição de extrema dependência, característica do início da vida, não é automaticamente superada no sentido de findar exclusivamente em função do avanço na idade biológica. Tal dependência é fundante e intrínseca a esse momento marcado por uma extrema imaturidade do organismo, mas nem sempre essa necessidade do outro é satisfeita e esse processo acontece a contento. Poderíamos, então, em termos gestálticos, pensar numa condição estendida de dependência significativa como uma *gestalt*

aberta que não se fechou? Como uma necessidade basilar não satisfeita? Haveria uma condição de dependência necessária de ser atendida para que, então, deixasse de ser figura? Uma pessoa poderá transitar, durante toda a sua jornada de vida, em busca da realização dessa sua necessidade, numa condição de maior ou menor dependência, de acordo com sua história de vida e com a situação presente, demandando maior ou menor suporte externo.

Uma contribuição fundamental da teoria do desenvolvimento do ser de Winnicott diz respeito à primordialidade das experiências iniciais para o fluxo de crescimento que se segue ao longo da vida. O homem é indissociável de sua história e de seu ambiente. Não há um aqui-e-agora desconectado de um passado (nem de um futuro), tampouco um homem isolado em si mesmo. Em ambos os casos, estamos sublinhando a correlação intrínseca que o constitui como homem-no-mundo e homem têmporo-espacial. Há momentos em que as fronteiras do passado e do presente se dissolvem, e ambos se encontram como uma experiência concreta e real no aqui-e-agora. Acessar a história de vida, o fundo do qual se destacam novas figuras, é fundamental no contexto clínico, visto que revela o fio de vida e a existência única de uma pessoa.

É preciso superar o passado como determinista e linear, recolocando-o no seu lugar de história, de fundo que sustenta a figura atual e, como tal, tem interferências em sua configuração, tem sua marca, seu registro. Diferente da maior parte das teorias (sobretudo psicanalíticas), não há uma relação causal entre o passado e o presente, e tampouco um caráter de obviedade entre esses elementos (Miller, 2002). Uma diferenciação significativa entre essas perspectivas é apontada por Perls em sua crítica:

O grande erro da psicanálise é assumir a lembrança como realidade. Todos os assim chamados traumas, as supostas raízes das neuroses, são invenção do paciente para preservar sua autoestima. Nunca foi provada a existência de nenhum trauma. Eu nunca vi um caso de trauma infantil que não tenha sido falsificação. São mentiras às quais se apega firmemente para justificar a falta de vontade de crescer. Amadurecer significa assumir a responsabilidade pela própria vida, de ser por si só. A psicanálise promove o estado infantil considerando que o passado é responsável pela doença. O paciente não é o responsável, não; o trauma é o responsável, e assim por diante. (Perls, 1977, p. 67)

A subdivisão temporal é mera abstração, mas do ponto de vista clínico é relevante que o psicoterapeuta se sinta curioso e interessado pela história de vida de seu cliente. Não se trata de acessar uma outra dimensão pois aconteceu há longínquos anos, mas de uma abertura às experiências que constituem aquele que se encontra diante de si, compreendendo-o em sua

continuidade, na qual uma experiência impacta a outra, num eterno movimento de preservação e crescimento.

Para a Gestalt-terapia, todo passado e todo futuro se apresentam no presente como possibilidade única de contato, experimentação e, conseqüentemente, de atualização. Somente no aqui-e-agora é possível que se façam presentes todas e quaisquer marcas do vivido, sejam elas originárias das primeiras relações ou referentes a qualquer outro momento da vida. Todavia, a relevância desse período consiste na condição de maior dependência do ambiente, na relação entre o feto ou o bebê e seu cuidador e do campo no qual estão inseridos, condições tão relevantes à formação do sistema de contatos, o *self*. Aqui *self* é tomado sob a perspectiva descrita por Philippon (2018) como sendo “inerente e gratificadamente mutável” (p. 358).

Tomando o fluxo de crescimento, podemos encontrar em ambas as perspectivas a correspondência na premissa de amadurecer como uma dependência cada vez menor do ambiente, devido à ampliação do suporte em si mesmo. O que se propõe em cima disso é que essa dinâmica não é linear e pode oscilar ao longo da vida, a depender das experiências singulares de uma pessoa no enredo de sua vida. Uma vez mais, estamos diante da relação organismo/ambiente. Nesse sentido, o desenvolvimento é sempre um processo em curso, acontecendo, inacabado. O intercâmbio organismo/ambiente acontece desde o princípio e se dá em graus e situações distintas (Andrade, 2014).

De acordo com Perls (1977), o crescimento se dá fora do equilíbrio e na falta de apoio, e a resistência ao sofrimento levaria à manipulação do ambiente como modo de evitar a dor de crescer. Com isso, é questionável uma pseudoideia de equilíbrio que tomou conta das narrativas. É justamente o movimento entre a novidade e a rotina que resulta em assimilação e crescimento (Andrade, 2014). O que Winnicott contribui nesse sentido é com a perspectiva de que, para que haja a possibilidade de lidar com a falta de suporte externo, ou mesmo para que haja suporte em si mesmo, seria preciso, antes disso, uma experiência satisfatória de suporte no ambiente. Isto significa dizer que, sem uma experiência satisfatória de heterossuporte, fica inviável o desenvolvimento do autossuporte – e a progressão nessa caminhada rumo à independência.

O que não está explicitado na teoria de Perls é de onde parte o processo de desenvolvimento e como ele se dá. Isto é, não há uma compreensão clara de como tais

elementos se articulam no fluxo de desenvolvimento que se inicia ainda na vida intrauterina e segue até a morte. Também não está claro em suas proposições o papel do ambiente no processo de crescimento para além da noção de transição de um estado para o outro: é preciso amadurecer de uma condição a outra, mas como? Em Winnicott, isso está posto por meio da conceituação da "mãe suficientemente boa".

Ainda que com perguntas sem respostas, Perls traz alguns elementos importantes que auxiliam na compreensão do fluxo de crescimento, tal como o papel da responsabilidade e da frustração para que uma pessoa amadureça: "(...) o meio [*de crescer*] é frustrarmos o paciente de tal forma que ele seja forçado a desenvolver seu próprio potencial. Proporcionamos de maneira hábil a frustração para que o paciente seja forçado a achar seu próprio caminho (...)" (Perls, 1977, p. 61). Logo, todo crescimento se dá pela frustração? Ou melhor, somente frustrando se cresce? Isso serve a alguns clientes, em alguns momentos, mas definitivamente não é algo unânime.

Uma amostra de que a base do processo de crescimento não foi desenvolvida nessa perspectiva de Perls fica evidente se fizermos uma analogia com a frustração em bebês, por exemplo. No começo da vida, o bebê precisa infinitamente mais de suporte do que de frustração – ainda que seja importante que ela aconteça em alguma dose suportável para ele. Se o suporte lhe for suficiente, haverá, inclusive, melhor condição de tolerar as frustrações e crescer a partir delas. O mesmo não acontece na falta dele. Com a integração da experiência de suporte, poderá então desenvolver o autossuporte.

Um bebê também não pode se responsabilizar integralmente pelo seu processo de crescimento – ainda que não seja tomado como um ser passivo – pois experimenta uma condição inerente de imaturidade. Em contrapartida, uma pessoa que não se responsabiliza pela sua vida poderá estar com seu crescimento interrompido. Façamos agora uma transposição dessa mesma realidade para o contexto clínico: há clientes que não têm condições de se responsabilizar, parecem estar numa condição mais "primitiva"; outros, ainda que havendo essa possibilidade, se eximem dessa postura em função do desconforto, do desprazer em tomarem a rédea de suas vidas. O que os diferencia? O grau de complexidade que conquistaram. E isso pode ser observado independentemente da idade biológica.

Por vezes, deparamo-nos no contexto clínico com "bebês" (de todas as idades) que nunca puderam sequer serem acolhidos em suas necessidades primordiais. Carecem do colo,

do afeto, do aconchego que seus corpos outrora não puderam experimentar. Apresentam falhas acentuadas em seu senso de *eu*, pois não tiveram a oportunidade de se sentirem vistos e reconhecidos como um *eu*. Demandam integrações primárias que desencadeiam significativas interrupções em seus modos de contato. Neste caso, o trabalho será no sentido de resgatar a possibilidade de se desenvolver. Sem essa compreensão, que passa tanto pela via humana quanto teórica, corre-se o risco de negligenciar o verdadeiro sentido de cuidado.

Toda dependência é patológica? Se não, como diferenciar? Como intervir? A que tipo de dependência não pode o terapeuta responder e a que tipo de dependência, sem responder, impedirá esse o crescimento do cliente? Podemos pensar numa dependência que denuncia uma não integração? Nesse caso, não responder a tal necessidade seria uma omissão do profissional? A máxima de não se deixar manipular pelo cliente perante um sinal de dependência não deixaria o terapeuta míope para a identificação de uma necessidade real que demanda ser olhada? Para isso, seria preciso ter uma concepção mais clara de dependência em relação ao processo de crescimento.

Está evidente que há uma relação direta entre desenvolvimento e dependência. O que Perls (1977) evidenciou foi uma certa "dependência neurótica" que, segundo ele, é criada para evitar o crescimento, numa tentativa de manipular o ambiente para obtenção de apoio, como forma de controle. Nesse caso, está posta como um impedimento de crescer, um sinal de imaturidade. No entanto, o que Winnicott nos permite ampliar é a clareza de que nem toda dependência é patológica – em dados momentos, ela é extremamente saudável e, sobretudo, vital. Sendo assim, uma generalização nessa seara pode confundir e aniquilar o que está se revelando ser algo ainda mais complexo. Pode-se questionar, então, em relação à dependência: quando ela é condição *sine qua non* do desenvolvimento e quando ela é sua própria interrupção?

Esse questionamento guarda uma difícil e desafiadora sutileza do contexto clínico. Com frequência, nos deparamos com casos em que se verifica uma condição de dependência do cliente em relação ao ambiente. Dentre eles, é possível notar uma diferença importante: há clientes que demandam sustentação enquanto outros demandam responsabilização. O que os difere? A clareza de que, em dado momento, suas necessidades são distintas. E uma questão norteadora fundamental ao psicoterapeuta é responder: qual é a necessidade real emergente daquele cliente no seu aqui-e-agora.

É fundamental compreender em que momento do fluxo contínuo do desenvolvimento o cliente se encontra para que lhe seja ofertado o cuidado correspondente que, de fato, satisfaça à sua necessidade emergente. É curioso prestar atenção nas demandas de um bebê em relação às de uma criança maior: elas obviamente são diferentes e, como tal, requerem intervenções distintas do ambiente. Se um bebê precisa que o alimento lhe seja ofertado, uma criança precisa tomar posse da autonomia possível necessária ao ato de buscar alimento. Se no primeiro caso o ambiente precisa oferecer o próprio alimento, no segundo precisará oferecer os recursos necessários para que desenvolva a habilidade de buscar formas criativas de satisfação.

O exemplo anterior exprime claramente que momentos diferentes do desenvolvimento exigem posturas distintas do ambiente em relação ao organismo ou ao *eu*. Na clínica, a transposição acontece igualmente: onde essa pessoa se encontra nesse momento? O que ela demanda como intervenção para que possa retomar seu crescimento? O que está interrompido poderia ser pensado como o que não está sendo ofertado e é necessário para o fechamento da *gestalt*? Como no jogo de espátulas, quando Winnicott espera pela manifestação primeira do bebê para compreender seu lugar, sua manifestação espontânea, o gestalt-terapeuta também deve estar atento, curioso pela experiência de seu cliente.

Para Spagnuolo-Lobb (2012), os gestalt-terapeutas não se interessam por um teoria de desenvolvimento em si mesma, mas como um mapa mental que permite compreender como o passado se revela no presente. No entanto, para a autora, essa compreensão permitiria a esses profissionais intuir o modo de contato de seus clientes e seus movimentos interrompidos que clamam por serem liberadas no momento presente. Com isso, afirma-se que as experiências do passado não só marcam a vida humana, como são o pano de fundo sobre o qual se desenvolvem novas experiências num processo ininterrupto de acomodação. As experiências iniciais e todas as demais vividas ao longo da vida se presentificam e dão sentido ao modo com que a pessoa faz contato em seu aqui-e-agora.

O consultório está cheio de “bebês” e “crianças”, isto é, de pessoas em momentos “iniciais” de seus processos de crescimento, caracterizados por uma considerável imaturidade. Quando um dos objetivos da Gestalt-terapia é descrito por Perls (1977) como sendo fazer com que o cliente não dependa do outro e cresça, transcendendo do apoio ambiental para o autoapoio, poderíamos pensar, num diálogo com Winnicott, que isso só será possível se já

tiver havido, em algum momento da vida, uma dependência satisfatória do outro, do ambiente. Isso representaria a assimilação e a integração dessa experiência ao *eu*.

Logo, se um dos elementos primordiais da maturação é o ambiente, e se um dos objetivos da Gestalt-terapia é trabalhar pelo crescimento do cliente, estamos diante de uma questão fundamental: de que modo o próprio terapeuta, na relação que estabelece entre ele e seu cliente, sendo parte de seu ambiente, pode trabalhar visando favorecer (e não interromper) seu fluxo de desenvolvimento? Certamente isso dependerá da possibilidade de alcançar em que ponto do processo de desenvolvimento aquela pessoa está em seu aqui-e-agora. Esse será o norte de compreensão e de intervenção clínica.

Ora uma pessoa precisa ser mais sustentada do que qualquer outra coisa, ora, a responsabilização e/ou a frustração atendem à sua real possibilidade de crescer. Isso explica por que, em determinados momentos e contextos, e para determinados clientes, um suposto cuidado, pode se tornar, na verdade, um veneno. O ajuste da dose dependerá de uma compreensão situada do psicoterapeuta que, no aqui-e-agora da interação com seu cliente, deve conseguir compreender o que está acontecendo com ele e em que momento do fluxo de desenvolvimento ele se encontra.

Pessoas que não se integraram como um *eu* e que permanecem numa condição de imaturidade não possuem qualquer condição de se responsabilizar por algo, por exemplo. Demandam, antes disso, cuidados de sustentação, independentemente de sua idade biológica. Do ponto de vista do desenvolvimento emocional do ser proposto por Winnicott, podem estar interrompidos na condição de dependência absoluta, numa completa indiferenciação *eu-outro* ou *eu-mundo*. Nesse caso, a possibilidade única de crescer consiste no psicoterapeuta colocar-se de modo a favorecer sua integração como unidade, o que permitirá progredir para níveis mais complexos.

Quando Perls diz que é preciso remover os bloqueios que impedem uma pessoa de manter-se sobre os próprios pés (Perls, 1977), é preciso reconhecer que há pessoas que sequer sentem ter pés e, sendo assim, não há sentido trabalhar com elas para se sustentar sobre o vazio. A possibilidade de integrar a existência dos próprios pés é anterior à de se sustentar sobre eles. O psicoterapeuta e seu modo de colocar-se com o cliente devem sintonizar-se com o grau de complexidade alcançado pelo cliente para que possa trabalhar pelo seu real crescimento.

A necessidade do indivíduo sinaliza ao psicoterapeuta a possibilidade de contribuição com seu processo de crescimento. No que tange à psicoterapia, o processo de identificação da necessidade do cliente é que permite ao terapeuta colocar-se como um ambiente suportivo para seu crescimento. Se o psicoterapeuta não se atentar a todo esse processo que se faz presente, trabalhará de modo desconectado do reestabelecimento do fluxo de crescimento do cliente. Muitas vezes, o que se vê é a dificuldade do psicoterapeuta em compreender o processo de crescimento de seu cliente, o que dificulta nortear seu trabalho e intervenção.

Um cliente que, independentemente de sua idade, goza de uma condição de extrema imaturidade não possui recursos suficientes para se responsabilizar por si mesmo. É, do ponto de vista do desenvolvimento, um bebê que carece sobremaneira do outro – nessa situação, o psicoterapeuta poderá ser esse outro. Poderá ajudar na continuidade de seu processo, colocando-se no ponto em que ele está interrompido, frente a frente com a necessidade emergente. Precisarà olhar, numa postura de total acolhimento, dando-lhe uma espécie de colo, de sustentação, de uma experiência de não vazio. É como humanizar, dando-lhe a segurança de que ele está ali a postos pronto para acolhê-lo em seu lançamento no vazio. Esse cliente, como um bebê, não enxerga caminhos, pois tem um fundo pobre e estéril. Precisa receber do terapeuta: cuidado, possibilidades, segurança e suporte. Há casos, portanto, que o cliente não coloca tais recursos à disposição do seu processo pelo simples fato de não os ter ou de não estar em condições de acessá-los.

Não há garantias nessa postura do psicoterapeuta, tudo o que há são apostas, possibilidades semeadas. Atuar com esse cliente na direção de responsabilizá-lo ou frustrá-lo é como dar um tiro no vazio, sem alvo, sem alcance. Seria demandar-lhe para além daquilo que suporta. Com clientes que se encontram nesse lugar, é preciso trabalhar na direção de fecundar primeiramente uma condição humana primordial de heterossuporte para que possa, possivelmente (e não certamente), vir a se sustentar em si mesmo, podendo futuramente – aí sim – responsabilizar-se por si mesmo. Nesse sentido, Winnicott (2012) afirma que, para alguém que já dispõe de mecanismos que lhe permitem conviver com as frustrações, vivenciar o sentimento de raiva – que não é transformado em desespero – pode, inclusive, trazer muita satisfação e crescimento.

A depender de onde se encontra o cliente em relação à jornada que vai da falta de suporte integrado em direção à possibilidade de responsabilizar-se por si e por suas escolhas,

diferentes serão os modos de intervenção do psicoterapeuta. Dar-se conta disso é transcender a máxima de que há um estilo próprio a cada psicoterapeuta – o que é verdade – e ir além: é preciso que o profissional, respeitando seu estilo que lhe é peculiar, se desenvolva de tal modo que possa transitar entre a possibilidade de acolher, a de frustrar e a de responsabilizar o cliente. Ainda que tenha mais facilidade em um ou outro lugar, é preciso que ele se desenvolva para que possa oferecer ao cliente aquilo que ele lhe demanda e que, de fato, lhe propiciará a retomada de seu crescimento.

Em situações como essa, de um autossuporte precário ou inexistente, é exigido do clínico uma postura ativa de cuidado: precisando o cliente de ajuda, o terapeuta deve lhe oferecer o suporte do qual necessita, facilitando que ele amplie suas possibilidades (Andrade, 2014). Deste modo, é preciso intervir em sintonia com o ponto em que o cliente se encontra em relação à sua condição atual de maturidade. Acolher quando é preciso responsabilizar ou frustrar quando é preciso oferecer suporte certamente impedirá a possibilidade de que o cliente amadureça na relação terapêutica. Por isso, ajudar no desenvolvimento do outro requer um avanço no próprio processo de crescimento, o que deve ser feito por meio de psicoterapia pessoal, formação, supervisão, *workshops* e experiência de vida pessoal. Sem cuidar de si mesmo, do próprio processo de crescimento, será inviável, trilhar o processo do outro, o cliente.

5.2 "Modelo processual de integração do eu": uma nova proposta de compreensão do desenvolvimento na Abordagem Gestáltica

Esta pesquisa evidenciou que Perls enfatiza os conceitos de hetero e autossuporte, de frustração e responsabilização como cruciais para o crescimento do organismo. Entretanto, não sendo a metáfora do metabolismo mental uma proposta sustentável de compreensão do desenvolvimento, não há nenhuma descrição desse processo em suas obras originais que esteja sistematizada de modo claro e coerente, e que elucide o que, como e quando ele acontece. Sendo assim, foi possível confirmar que, embora Perls cite o processo de crescimento como um dos objetivos da Gestalt-terapia, esse processo não foi amplamente desenvolvido em sua teoria. Essa parece ter sido uma herança que se estendeu por anos, até

que entra em choque com o avanço dos estudos sobre o bebê e, posteriormente, da neurociência, que decorrem dos últimos 50 anos.

Como um terreno fértil que é o estudo sobre o processo de crescimento na Abordagem Gestáltica, bem como seu impacto na perspectiva clínica, essa tese se propõe a apresentar uma lente sobre a qual se possa olhar para o desenvolvimento, alicerçada numa articulação pessoal da autora fundamentada nas obras originais de Perls, no trabalho de outros pesquisadores da Gestalt-terapia com esse enfoque e nos diálogos com Winnicott. Não pretende com isso, encerrar a discussão, mas, ao contrário, lançar sementes que possam ser férteis para o avanço dessa discussão à luz da Gestalt-terapia. Esta pesquisa, e a proposição de um novo modelo, tem por objetivo responder à questão inicial dessa tese: de que modo a relação organismo/ambiente corrobora com uma compreensão do desenvolvimento à luz da Gestalt-terapia?

Reconhecemos que a compreensão de domínios polifônicos, proposta por Spagnuolo-Lobb (2012; 2018), é uma contribuição significativa para a Gestalt-terapia, posto que organiza e sistematiza de modo criativo e coerente uma proposição – ou, dizendo em suas palavras, um “mapa mental” – que auxilia o clínico a se situar sobre o processo de seu cliente manifestado no aqui-e-agora do atendimento clínico. A autora enfatiza sobremaneira como o campo fenomenológico, como palco onde o contato organismo/ambiente acontece, gerando experiências que se somarão ao fundo já existente e irão interagir com outros domínios lá já coexistentes (Spagnuolo-Lobb, 2012). No entanto, esta proposta não explora de que modo esses domínios se articulam desde o nascimento, descrevendo um caminho de crescimento ao longo da vida.

A teoria do desenvolvimento emocional do ser, de Winnicott, por sua vez, nos brinda com a clareza de que a provisão ambiental é fundamental para o processo de desenvolvimento humano (Winnicott, 1983, 1993, 2012; Fulgencio, 2016; Phillips, 2006). Portanto, não se pode pensar no desenvolvimento de uma pessoa sem considerar o campo organismo/ambiente, que se traduz pela experiência de contato entre o *eu* e o *não-eu*. Antes mesmo do nascimento físico propriamente dito, o processo de desenvolvimento tem início, ainda no útero da mãe. Ali já há uma relação, já existe interação e troca com o mundo. Com isso, delineia-se um processo interação organismo/ambiente que é anterior ao próprio nascer, quando já se configuram as primeiras experiências da vida de uma pessoa.

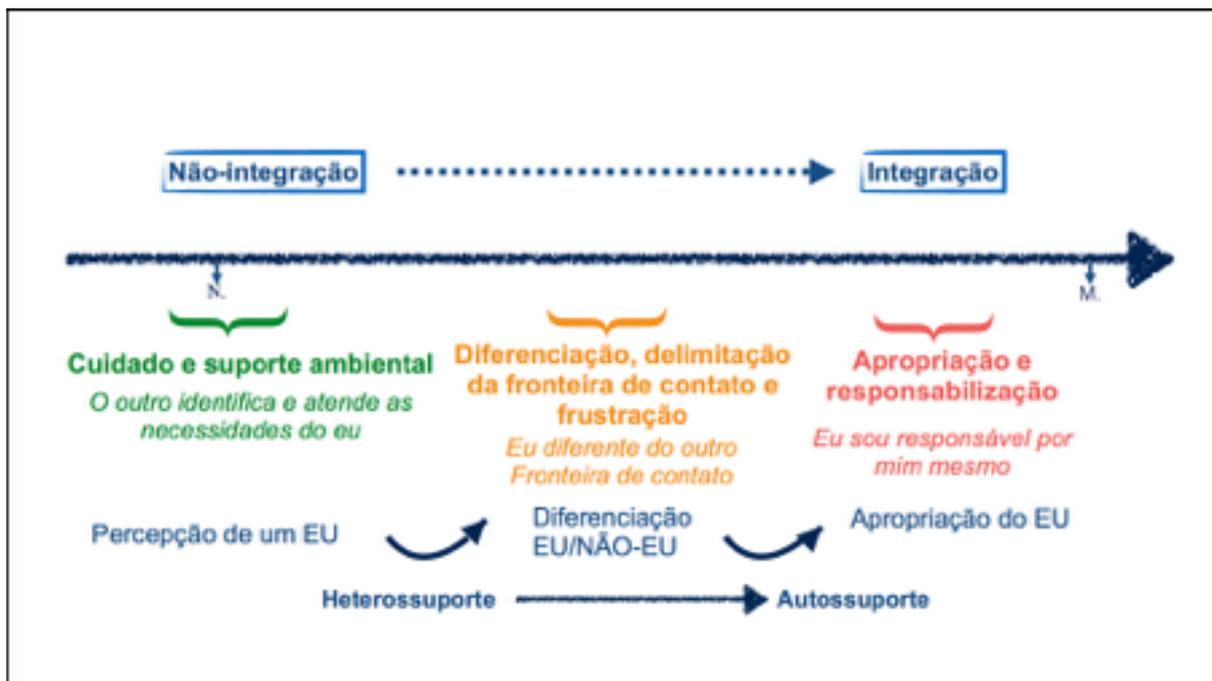
De acordo com a teoria da exterogestação, do antropólogo Ashley Montagu, ao longo da evolução, o *homo sapiens* desenvolveu um cérebro maior que os demais mamíferos; isso faz com que o bebê humano precise nascer antes que seu sistema nervoso central esteja completamente amadurecido para que ele possa passar pelo canal vaginal da mãe (Guevara, 2020). Portanto, essa teoria afirma que o bebê continua sendo gestado fora do útero por uma média de 100 dias, até que se complete o desenvolvimento de seu sistema nervoso, e que nesse momento, carece de condições de cuidado extremas. Já o pediatra Harvey Karp (citado por Guevara, 2020) nomeou essa condição de “quarto trimestre”, vivido fora do útero, momento que requer significativo zelo no que tange à transição do bebê da condição de gestação para o mundo externo.

Ora, essa teoria vem de encontro à condição de dependência absoluta enunciada por Winnicott: "muita coisa acontece no primeiro ano de vida da criança: o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio; num estudo da evolução da personalidade e do caráter é impossível ignorar as ocorrências dos primeiros dias e horas de vida" (1993, p.3). Para o autor, devido à condição de extrema dependência à qual vivencia nessa fase, o que acontece por volta do primeiro ano de vida, “lança as fundações mesmas da saúde mental do indivíduo” (Winnicott, 1993, p. 5). O que retrata, com isso, é que esse momento combina uma condição extrema de necessidade do outro para uma sobrevivência não só física como de sua condição essencialmente humana, em um momento que está se desenvolvendo, inclusive no âmbito cerebral. Todas essas características demarcam e afirmam a relevância dessa circunstância tão primitiva para a “fundação” do indivíduo e para a continuidade de seu processo de crescimento.

O nascimento do *eu* não se dá automaticamente pelo nascimento na vida; ele é fruto de uma integração possibilitada e suportada pelo ambiente, partindo o organismo de uma condição não-integrada rumo à integração. Deste modo, a proposta do modelo processual de integração do *eu* se apresenta como uma lente de compreensão do processo de crescimento humano na perspectiva gestáltica. Aqui tomamos integração como sinônimo de unidade, de um todo unificado, de um senso de *eu*. Propõe-se que o desenvolvimento possa ser pensado em níveis de complexidade progressiva, alcançadas à medida que novos contatos são assimilados e, conseqüentemente, integrados ao *eu*. Nessa dinâmica, em condições ambientais que sejam favoráveis à continuidade do crescimento, a integração do *eu* possibilitará que ele

se diferencie do outro, numa experiência contínua que leva à diferenciação e apropriação do *eu* – ver figura 7. Ela representa uma perspectiva pela qual se pode guiar o olhar no sentido de compreender como uma pessoa cresce tornando-se autônoma e sustentada pelo autossuporte.

Figura 7: Modelo processual de integração do *eu*



Fonte: própria autora.

Todo o processo de crescimento parte de uma caminhada da condição de não-integração rumo à possibilidade (não garantida) de integração. Nessa jornada de crescimento, ou de amadurecimento, o ambiente cumpre um papel fundamental de oferecer cuidado e suporte suficiente para que, de uma condição de total ausência de percepção de si, possa vir a emergir um *eu*, um si mesmo. Tomemos, inicialmente, o processo figura-fundo com a emergência de uma necessidade do organismo que encontrará sua resolução na fronteira organismo/ambiente, por meio de um ajustamento criativo. Quando, em decorrência do contato, encontra satisfação, a experiência é assimilada e integrada ao *eu*. A sucessão e repetição desse fluxo gera crescimento. Ao contrário, quando tais experiências são vividas e repetidas sem satisfação, interferirá no fluxo e tendência natural de crescer.

Para Perls (1979), o adoecimento é compreendido como um sintoma de maturação incompleta, um distúrbio do desenvolvimento, que leva a pessoa a não ter um centro ou ter “buracos na personalidade”. Segundo o autor, tais buracos e a falta de centro denunciam uma incompletude da pessoa e seria papel do gestalt-terapeuta preenchê-los de modo a ajudar a pessoa a tornar-se inteira e completa. Para ele, são justamente esses buracos que impedem a pessoa de se sentir uma totalidade, uma vez que ela se sente rasgada em pedaços (Perls, 2012).

Em Winnicott (2012), integração tem a ver justamente com um senso de unidade. Segundo esse autor, com o tempo, o bebê torna-se capaz de afirmar sua própria individualidade e até mesmo de experimentar um sentimento de identidade pessoal (Winnicott, 2012). Podemos tomar então que, havendo condições favoráveis ao crescimento, o bebê vai gradativamente alcançando um sensação de *eu*, cada vez mais integrado. Diferente disso, discorre Winnicott:

O oposto da integração é a deficiência de integração, ou uma desintegração, a partir de um estado de integração. Trata-se de algo intolerável. É uma das ansiedades mais inconcebíveis e básicas da infância, que é evitada através dos cuidados do tipo que comumente quase todos os bebês recebem de um ser humano adulto. (Winnicott, 2012, p. 9-10)

A integração, ressalta Winnicott (1993) não é algo automático. Deve-se desenvolver em cada criança que sai de uma condição de não-integração rumo à possibilidade de se integrar – conforme o ambiente possa favorecer essa tarefa. A figura da mãe, na teoria de Winnicott, é enfatizada como sendo esse ambiente capaz de prover o suporte que é necessário para o crescimento do bebê. Hoje em dia, de modo mais amplo, pode-se ampliar essa noção do ambiente representado em grande parte por alguém que possa oferecer o cuidado e o suporte principal a uma criança. Em Perls, estamos falando justamente do heterossuporte. Sem isso, por si só, uma pessoa não encontra esse caminho inicial de integração sozinha, portanto, o outro tem um papel primordial nessa caminhada pois sustenta este crescimento. Por isso também Winnicott relata ter presenciado, na situação da terapia infantil, o surgimento de uma criança pela primeira vez como um indivíduo. Podemos ser testemunhas desse nascimento do *eu* no contexto clínico, ainda em idades mais avançadas.

No princípio, dadas as condições fisiológicas humanas, o bebê nasce sem qualquer recurso para se sustentar, sendo assim, necessita de uma intervenção externa (que não é

percebida por ele) para que atenda às suas necessidades vitais físicas e emocionais. A integração do *eu* vai acontecendo necessariamente na relação com o outro, no campo organismo/ambiente. O cuidado e o suporte não são e não podem ser tomadas como ações mecânicas, puramente automáticas; há algo para além de puramente sanar a fome ou esse tipo de necessidade, que diz respeito ao ato de uma mãe *segurar* o seu bebê (Winnicott, 2012). Sobre tal relação, Robine (2006) enuncia:

O bebê tem um certo número de necessidades, desejos, apetites cuja característica é serem vagos. Antes de ser um "objeto" de contato, a mãe será aquilo que dará sentido às mensagens do bebê, que criará formas a partir do pouco material formal emitido. (p. 143)

As chamadas experiências constitutivas são assim denominadas por Poppa (2016; 2018) pois contribuem para a constituição do autossuporte já que se referem à base de como a criança sustentará o próprio contato. Desse modo, segundo a autora, aquilo que o cuidador oferece de suporte às necessidades da criança poderá ser por ela aprendido. Nesta condição de grande dependência experimentada no início do vida pelo bebê, não há qualquer fronteira de separação (Miller, 2002), e Perls (2012) a define como sendo um estado de confluência marcado pela extrema fusão e indiferenciação. As trocas organismo/ambiente nesse momento estão em pleno funcionamento, mas elas não são percebidas do ponto de vista do bebê, senão unicamente pela sensação do fim (ou pela continuidade) da perturbação por ele vivida, quando entra novamente (ou não) em condição de repouso.

Os cuidados e suportes do ambiente, sobretudo da mãe ou daquele que exerce a função materna, envolvem a possibilidade desse outro reconhecer no bebê a existência de um *eu*, de uma pessoa: "o primeiro espelho da criatura humana é o rosto da mãe: a sua expressão, o seu olhar, a sua voz. (...) É como se o bebê pensasse: olho e sou visto, logo, existo" (Winnicott, 1971). A existência é assim por ele colocada como advinda da possibilidade de ser visto e reconhecido por outrem. Assim, o olhar dotado de reconhecimento parece ser o ponto de partida da verdadeira existência, a semente necessária à possibilidade de fundar um *eu*. Quando a Gestalt-terapia se lança como uma teoria fundamentada num paradigma de campo, podemos tomar essa experiência de emersão do *eu* como um fenômeno da fronteira de contato, o *entre* a mãe e seu bebê, onde ocorre a experiência.

Há clientes (de todas as idades) que se encontram fixados nesse momento em que não se sentem inteiros, não possuem a experiência de completude, de unidade, e não sustentam

um suporte em si mesmos. Quando se sentem assim, a dependência não diz respeito a uma resistência, ou mesmo a uma manipulação do ambiente pura e simplesmente, como Perls por vezes comentou ao se referir sobre a neurose. Pessoas que estão fixadas pois não ultrapassaram essa condição, demandam vivenciar o processo de se sentirem seguramente sustentadas pelo seu psicoterapeuta, de modo que favoreça a possibilidade de um senso de totalidade, de unidade. Metaforicamente, do ponto de vista do crescimento, é como se o clínico estivesse diante de um bebê – independentemente de sua idade cronológica. Não parece razoável que sua intervenção seja alheia a esse fato, ou do mesmo modo quando diante de uma pessoa que se sinta inteira. Assim sendo, é preciso que o gestalt-terapeuta se localize em relação ao aqui-e-agora do cliente, que se revela no campo da relação terapeuta-cliente, para que possa semear a possibilidade de crescimento – ou de sua retomada.

A ideia de Winnicott (1993), que coaduna com o que está sendo defendido nesta tese, é de que, na psicoterapia, o psicoterapeuta tenta imitar o processo natural que caracteriza o comportamento de qualquer mãe em relação à sua criança. Não se trata de grosseiramente colocar-se no lugar de mãe de um cliente, mas de, quando necessário, guiar-se por intervenções que sejam suportivas o bastante para propiciar a possibilidade de crescimento do cliente. Ele precisa sentir-se sustentado ao menos por esta pessoa, seu psicoterapeuta, pelo menos no tempo em que se encontram durante a sessão. O clínico deve olhá-lo de modo verdadeiramente interessado, curioso, como quem ali busca um *eu* a florescer. Quando o cliente se encontra nessa posição em relação ao fluxo de desenvolvimento, introjeções lhe podem ser úteis, visto que têm por objetivo dar a ele uma espécie de "repertório" que ainda não possui, apresentando-lhe possibilidades.

A dinâmica figura-fundo representa que o organismo experimenta uma excitação referente ao surgimento de uma figura, instaurando, uma necessidade. Quando o ambiente, por meio da figura da mãe ou de um cuidador, sustenta o ciclo de contato, identificando e atendendo a necessidade emergente, a satisfação gera assimilação e pode ser integrada. Ao contrário, quando persiste no excitação que não encontra um caminho, uma possibilidade sustentada pelo ambiente, faz com que essa *gestalt* permaneça aberta. Quando esse organismo é satisfeito, sente satisfação e assimila o cuidado como experiência e começa a perceber que há algo que lhe é diferente. E isso, gradativamente, favorecerá sua chegada ao momento seguinte, quando começará a perceber-se. A não satisfação repetida, isto é, sucessivas

experiências de não satisfação, levam a uma situação inacabada que poderá gerar interrupções e dificuldades no processo seguinte – o de diferenciação.

Sim, afirmamos com isso a existência de uma sequência no processo de crescimento, e ela é inegável quando considerado que o organismo caminha assimilando graus de complexidade cada vez maiores. Parece lógico pensar que um bebê não pode se responsabilizar por si mesmo – o que lhe exigiria um grau avançado de autonomia que ainda não possui. Essa perspectiva guarda em si um padrão de que o organismo, à medida que cresce, evolui de níveis menos para mais complexos. E neste caso, a complexidade é diretamente proporcional à condição de autossuporte, ou seja, a complexidade traduz o grau de maturidade alcançado e representa a busca pela autossustentação.

Quando acontece a percepção do *eu*, inaugura a possibilidade de diferenciação daquilo que é não-eu. Este é o cerne do desenvolvimento da fronteira de contato, quando o organismo começa a construção da delimitação entre ele e o mundo. A fronteira de contato é o “contorno” que protege e delimita fatores psicológicos, delimitação entre o *eu* e o *não-eu*. Para Perls et al. (1997), o *self* é a fronteira-de-contato em funcionamento; por assim ser, o *self* é o integrador. Este momento talvez marque a primeira grande frustração quando, percebendo-se como um *eu*, percebe também a existência “separada” do outro. Instaura-se com isso a possibilidade de sustentar essa diferenciação, pela constituição da fronteira.

Quando em um momento de diferenciação, uma pessoa pode se defrontar, então, com a frustração, fruto da diferença *eu-outro*. É bastante comum que crianças que se percebem como um *eu*, e que comecem a se perceberem diferentes do outro, lutem pela afirmação de si mesmas por meio da prevalência de suas vontades. Para Perls (1977) a frustração é uma força propulsora de crescimento à medida que mobiliza no organismo os próprios recursos. Ao passo que denuncia um sinal de crescimento, requer inevitavelmente uma intervenção ambiental de contenção, de colocação de limites pela experiência de frustração: quando uma criança, por exemplo, não é frustrada, aprende a manipular o próprio ambiente (Perls, 1977). Podemos desdobrar dois movimentos comuns à delimitação da fronteira: na ausência do contorno *eu-outro*, poderá colocar esse limite demasiadamente recuado em si mesmo, vivendo uma condição de ser invadido, ou demasiadamente para além de si, numa posição de invasor do outro.

Clientes que estão vivendo esse movimento de limites para “dentro de si” estão em vias de delimitar os próprios contornos em relação a si mesmos e ao mundo, alicerçados em questionamentos de “quem sou eu”, “o que eu gosto”, “o que eu não gosto”, “o que permito ou não”, “o que me invade”... Em todas esses questionamentos há sempre a possibilidade de emergência de um *eu*. Neste caso, o psicoterapeuta deve fomentar uma postura que instigue o cliente sobre suas percepções, construindo um caminho no qual possa ficar curioso sobre seus limites e extensão, conforme suas experiências de contato no campo organismo/ambiente. Aquele que, por sua vez, se coloca com a fronteira expandida em relação ao mundo, invadindo-o, precisa experienciar a frustração no sentido de limite, de contorno e contenção, de modo a construir por meio da relação terapêutica a percepção da demarcação em relação a si mesmo, ao outro e ao mundo. Nesse percurso, inicia-se com isso, uma transformação da extensão do heterossuporte em relação ao autossuporte, na qual o primeiro começa a diminuir enquanto o segundo realiza uma expansão.

À medida que tais delineamentos vão sendo postos, esse *eu* começa a se apropriar, com contornos cada vez mais claros e cada vez mais nitidamente desenhados sobre si. Essa apropriação, agora possível, possibilitará que uma pessoa possa se responsabilizar por si mesma e por suas escolhas. Para Perls, isso significa uma habilidade em responder, de sentir e ser totalmente responsável por si mesmo (Perls, 1977) – aqui está o que ele descreve como a “pessoa madura”. Podemos tomar “madura” aqui, no sentido de que pôde alcançar um nível de crescimento que a possibilitou se autossustentar, o que de fato não é um percurso dado, tampouco, simples de ser conquistado. Nessa construção, a pessoa se sentirá cada vez mais livre para fazer suas escolhas à medida que puder se responsabilizar por elas, bancando sustentá-las. Nessa construção, transcendendo a si mesma, poderá inclusive conquistar a capacidade de responsabilizar-se de modo diferenciado também pelo outro e pelo mundo, integrando-se cada vez mais a ele.

A atuação do psicoterapeuta deverá ser no sentido de trabalhar tal responsabilização, como via de fortalecimento do próprio autossuporte. Diferente de responsabilizar um bebê pelo seu crescimento como um todo – o que é absolutamente inapropriado e humanamente impossível – quando um cliente se encontra nesse ponto de amadurecimento, o gestalt-terapeuta falhará se não trabalhar sua autorresponsabilização. Neste ponto do processo, o cliente não só tem condições de se sustentar, como deve ser provocado e instigado pelo seu

terapeuta a fazê-lo – cada vez mais. Essa condição de maior autossuporte não significa uma condição de independência absoluta, uma vez que esse lugar é irreal, mas quer dizer que há autonomia suficiente para se sustentar na própria vida, com bases nas próprias escolhas. Repetindo Perls, essa é uma pessoa madura, em crescimento, capaz de sustentar-se nas próprias pernas que tem – e que, neste instante, sabe que tem.

O "modelo processual de integração do *eu*" é uma perspectiva que tem a integração do *eu* como ponto central do processo de crescimento. Fundamenta-se na premissa de que a leitura de onde o cliente se encontra orienta o gestalt-terapeuta em sua compreensão sobre a figura e o fundo de experiências que se revelam e presentificam no aqui-agora da relação psicoterapêutica. Ao evidenciar uma progressão no nível de complexidade que atravessa o desenvolvimento de uma pessoa, elucida haver um fluxo de crescimento que, no entanto, não é linear à medida que pode ser vivenciado em qualquer momento da vida.

Como ondas, são experiências que vão e vem, de acordo com o que se apresenta na fronteira organismo/ambiente, e evocam do fundo as experiências que ali estão disponíveis. Na prática, isso significa que um *eu* integrado pode, em dada situação, sentir-se sem suporte para lidar com algo que se lhe apresenta circunstancialmente. Mas, já havendo tal integração, certamente não recairá sobre um funcionamento tão inicial, posto que sua integração é uma experiência assimilada e que compõem sua história de vida. Essa constatação por si só diferencia a compreensão, os caminhos e as intervenções.

6. Considerações finais

O objetivo desta pesquisa foi refletir sobre a interação organismo/ambiente, com ênfase na relação eu-outro, sob as perspectivas da Gestalt-terapia e da teoria do desenvolvimento emocional de D. Winnicott, e seu consequente desdobramento no curso do desenvolvimento humano. Posteriormente, em diálogo com outros autores da Gestalt-terapia, enunciou uma proposição teórica própria do processo de desenvolvimento à luz da Gestalt-terapia, denominado “modelo processual de integração do eu” aspirando uma interlocução que pudesse contribuir e ampliar a compreensão do desenvolvimento humano na Abordagem Gestáltica.

Para a apreensão do termo *desenvolvimento*, o caminho primeiro se deu por um mergulho nas obras originais de Fritz Perls, por ele ser considerado o principal fundador da Gestalt-terapia. Muito embora não tenha sido o único, fora escolhido devido ao fato de que seus textos são basilares para a compreensão primária dessa abordagem. Essa busca foi motivada pelo questionamento se Perls de fato abordava o desenvolvimento e, se sim, em que obra e de que forma desenvolveu tal ideia. Posteriormente, a busca teórica avançou por outros estudos e pesquisas que conciliassem o tema em questão com a Abordagem Gestáltica. Os achados apresentados nesta tese evidenciaram que não há um consenso na Gestalt-terapia a respeito de como se dá o desenvolvimento humano. Por isso, apresentou-se aqui um compêndio com a descrição das perspectivas encontradas na investigação conceitual realizada.

O primeiro dado de realce na pesquisa foi o resultado da busca nas bases de dados de duas das principais bibliotecas virtuais que indicaram o total de três artigos que contemplaram os critérios de inclusão dessa pesquisa. Puderam também ser apresentados, como complemento a esse cenário, os dados obtidos pela pesquisa de mestrado da mesma autora, quando uma busca sobre um tema mais amplo abarcou revistas impressas e, dentre os achados, se encontram alguns artigos que abordam o tema do desenvolvimento humano na Abordagem Gestáltica. A fim de referenciá-los e ampliar o escopo dessa temática, esses artigos puderam ser citados no corpo deste trabalho, em uma tabela específica na qual foram listados os títulos de fonte impressa, dado que muitos deles não estão disponíveis atualmente na internet.

No que se refere a Fritz Perls, os achados demonstraram que o autor de fato não se debruçou amplamente sobre uma conceituação ou teorização acerca do desenvolvimento humano. Há de se considerar que, como um psicoterapeuta de adulto, possivelmente não tenha sido de seu interesse explorar mais à fundo essa seara. Ainda assim, muito importante foi a clarificação dos termos por ele adotados que mais se aproximam desta conceituação: os resultados permitem inferir que Perls usa *crescimento* de modo análogo a *desenvolvimento* e se refere a *amadurecimento* como o processo dele decorrente. Esta nomenclatura fora pesquisada na língua original das publicações para que fosse verificada a possibilidade de qualquer interferência da tradução, o que não se confirmou. Estes são, na tradução literal, os termos destacados por ele.

A herança do casal Laura e Fritz Perls, por meio da proposição do metabolismo mental, mostrou-se incipiente e, por vezes, equivocada para uma compreensão desse fenômeno. Tendo em vista a premissa de que toda abordagem cresce e se desenvolve na crítica, a defesa dessa leitura na tese intenciona contribuir com o engrandecimento da Gestalt-terapia, resguardando a pluralidade de compreensões que lhe são possíveis. Isso posto, evidencia-se aqui o caráter inicial de tal proposição, fruto de um pré-texto que é a obra *Ego, Fome e Agressão*, como uma perspectiva do crescimento que não se sustenta atualmente, principalmente por não abarcar em seu escopo a complexidade do processo de crescer e amadurecer. Quando enfatiza a capacidade de morder, por meio do surgimento dos dentes, parece sinalizar, no máximo, uma possibilidade de ação, de não-passividade, decorrentes da energia agressiva.

A proposição da mastigação torna evidente o movimento de diferenciação deste pensamento em relação à teoria freudiana, tendo em vista que fora apresentada especialmente em um momento de clara reformulação e ruptura dele com a Psicanálise. Evidência disso é o fato de que essa proposta foi abandonada por Perls posteriormente em sua caminhada teórica, não mais sendo desenvolvida e referenciada em suas obras seguintes, e sem quaisquer avanços que lhe dessem maior robustez. Sendo assim, o metabolismo mental pode ser citado como um primeiro esboço sobre a noção de desenvolvimento, ponto a partir do qual as discussões devem avançar.

Quando Perls sinaliza o caráter incompleto deste texto de entrada (Perls, 2002), abre espaço para que avanços sejam feitos em relação à diferenciação dele mesmo e de seu

pensamento. Trata-se, portanto, do próprio processo de mastigar sua conceituação, assim como na quebra de um alimento, delineando o que será assimilado e o que será alienado, por não estar de acordo com as perspectivas mais atuais decorrentes do avanço de estudos e pesquisas. Espera-se aqui tê-lo questionado de modo respeitoso mas suficientemente não-passivo, visando, pela concordância ou oposição de olhares, suscitar novos questionamentos e debates na comunidade gestáltica.

Se Perls não é representante único da fundação da Gestalt-terapia, é, no entanto, o nome de maior destaque no estudo da base dessa abordagem. Sendo assim, a leitura crítica de seus textos, naquilo que apresenta de divergente, obsoleto ou mesmo de mais genial, não pode ser confundido com a Gestalt-terapia como um todo, que muito foi ampliada desde então, e extrapola esse autor. Em razão disso, é dada voz a outros autores e pesquisadores dessa abordagem, lançando luz não somente sobre o nascimento e primeiros passos da Gestalt-terapia, como também sobre a trajetória de crescimento percorrida no amadurecimento teórico desse saber.

Dentre os elementos encontrados em Perls, merece destaque sua enunciação do crescimento como passagem do apoio ambiental, o heterossuporte, ao apoio em si mesmo, o autossuporte (Perls, 1977). Esse foi justamente o principal ponto de diálogo com Winnicott em relação à sua teoria do desenvolvimento do ser que pontua o amadurecimento como a passagem da condição de dependência rumo à independência (Winnicott, 1983). Cabe destacar que tanto as condições de autossuporte quanto de independência, citadas por esses autores, não podem jamais serem tomadas em absoluto, sob o risco de decair num isolamento irreal do homem, numa falsa ideia de autossuficiência que aniquilaria o princípio interacional de sua existência.

Respeitadas as diferenças, há de demarcar que ao longo da pesquisa foi encontrada uma aproximação surpreendente e frutífera entre Perls e Winnicott no que tange à relação ambiental, uma vez que ambos afirmam a relevância do ambiente para o processo de crescimento e maturação de uma pessoa, confirmando a hipótese inicial desta pesquisa. Essa confirmação amplia para a possibilidade de se pensar clinicamente o impacto retrospectivo das relações e do ambiente ao qual o cliente vivenciou em seu passado, bem como considerar seu aqui-e-agora como possibilidade de atuação para o psicoterapeuta – que também compõe seu campo. O clínico é um outro que se coloca diante do *eu* do cliente, e esse fato reverbera

não somente no modo como vai compreender as figuras e o fundo que se revelam na situação terapêutica, como também em como se colocará nessa relação, por meio de sua postura e intervenção.

Se falamos em heterossuporte ou em provisão ambiental, estamos necessariamente intimados a pensar o lugar do terapeuta no processo de crescimento do seu cliente. E refletir sobre isso só é possível se considerado o processo de crescimento como um todo. Os diálogos entre autores da Gestalt-terapia e Winnicott permitiram a formulação de uma proposta de compreensão do desenvolvimento na Abordagem Gestáltica, à qual denominou-se *Modelo processual do integração do eu*. Ele contempla uma leitura que se esforça por abarcar os principais momentos que marcam integrações importantes ao complexo processo de desenvolvimento e integração do *eu*. São eles: 1. cuidado e suporte ambiental; 2. diferenciação, delimitação da fronteira de contato e frustração; e 3. apropriação e responsabilização. Compõem uma sequência de acontecimentos que, ao serem possibilitados, significam a assimilação e conseqüente integração cada vez mais complexa do *eu*, favorecendo a possibilidade de alguém se perceber e sentir-se inteiro.

Como num processo, numa continuidade, a pessoa pode encontrar-se interrompida em qualquer um desses momentos descritos. Compreender o lugar em que ela se encontra permite ao psicoterapeuta localizar-se sobre o processo de crescimento do cliente. Lança-se, com isso, a possibilidade de uma leitura diagnóstica processual à medida que permite ao clínico acompanhar e atualizar onde a pessoa está a cada momento. Quando Perls (1977) menciona que na Gestalt-terapia trabalhamos para promover o processo de crescimento e desenvolver o potencial humano, incumbe o gestalt-terapeuta da responsabilidade de conhecer tal processo, seus impedimentos ou dificuldades e, conseqüentemente, suas possibilidades de retomada. E, para dar conta de tal processo de crescimento, fez-se necessário sanar uma lacuna nessa abordagem no que tange às primeiras experiências e seu papel fundamental para a continuidade do desenvolvimento.

O diálogo com Winnicott lança luz sobre um aspecto importante pouco explorado na Abordagem Gestáltica, certamente decorrente da falta de um olhar próprio e consistente para o desenvolvimento: o reconhecimento de um momento inicial, basilar, que está intimamente ligado ao nascimento de um condição de existência do *eu*, o qual o autor descreve como sendo uma condição de dependência absoluta (Winnicott, 1983). Nele se destaca tanto o fato

de uma dependência extrema do ambiente, em se tratando de sobrevivência, como, justamente por assim ser, a relevância das marcas dessa experiência na continuidade do processo de amadurecimento que se segue. Tais considerações fazem ser urgente que o gestalt-terapeuta volte seu olhar aos primeiros meses de vida, ampliando suas reflexões e questionando as possibilidades de trabalho nesse universo que envolve o bebê e seus responsáveis.

Esse período inicial da vida, quando o bebê demanda um ambiente que lhe possa atender em suas necessidades, é marcado igualmente por uma condição de vulnerabilidade dos cuidadores, que, por vezes, também demandam cuidados para que sejam eles mesmos capazes de cuidar. Se para Winnicott a saúde futura de uma pessoa depende que lhe seja dado um bom princípio (Winnicott, 2015), reconhecer essa afirmação nos desafia a expandir o trabalho clínico na Abordagem Gestáltica de modo a alcançar especialmente as fases da gestação, do puerpério e dos primeiros anos de vida. Nessa direção, sugere-se estudos e pesquisas com essa população, de gestantes e puérperas com seus bebês, na Gestalt-terapia, preferencialmente com recorte longitudinal.

Como desdobramento direto dessa tese, derivam dois projetos de estudo e de trabalho da pesquisadora direcionados a uma atuação específica na relação mãe-bebê ou cuidador-bebê nos primeiros anos de vida. O primeiro deles diz respeito à sua participação em um grupo de estudos chamado *Materneser*, que é composto por oito gestalt-terapeutas do Brasil que se juntaram a partir de um curso no Instituto Gestalt de São Paulo¹⁴, com o objetivo de estudar e trabalhar com temas ligados à gestação, puerpério e primeiros vínculos. Com uma atuação pioneira na área, compreende encontros quinzenais entre seus membros para estudo, reflexão e produção de conhecimento que oportunizam apresentação de trabalhos em eventos científicos, além de cursos para psicólogos sobre essa temática alicerçados na perspectiva da Gestalt-terapia. Futuramente, o projeto intenciona ampliar seu alcance e oferecer a mães e cuidadores, rodas de conversas temáticas abertas e semanais, nas quais serão trabalhados os temas que emergirem no aqui-e-agora do grupo. Deste modo, a intenção do *Materneser* é dedicar-se a esse público, por meio do estudo dessa realidade, refletindo e produzindo conhecimento que auxilie a ampliação da clínica e o alcance dos cuidados com essa população.

¹⁴ Curso oferecido pelas professoras Leticia Brodoloni e Patricia Camps, do Instituto Gestalt de São Paulo, intitulado "O cuidado com a mulher no puerpério".

O segundo desdobramento, como uma espécie de produto desta tese, é o projeto *Casa Puer*. Será inaugurado como um centro de suporte a famílias desde a gestação à primeira infância. Por meio do atendimento transdisciplinar, terá por objetivo oferecer cuidados ao bebê e também àqueles que o cuidam, e contará com médico obstetra, psicólogo, pediatra, fisioterapeuta, dentre outros profissionais, dedicados ao cuidado com cada dupla ou família. A ideia desenvolvida nessa proposta é que uma pessoa tenha disponível uma equipe de profissionais que possam acompanhá-la conforme sua necessidade, oferecendo-lhe o suporte do qual necessita, num momento marcado por grande vulnerabilidade, que é a chegada de um bebê, e suas transformações. Futuramente, tem a intenção de que se torne um centro de pesquisa dedicado ao estudo e trabalho com esse público, visando, pelo trabalho de clínica-escola, ampliar seu alcance à população menos privilegiada e que carece sobremaneira de cuidados.

Tanto o *Materneser* quanto a *Casa Puer* são projetos em diferentes pontos de execução que estão aqui referidos como produtos dessa tese, pois derivaram diretamente dos estudos e resultados aqui apresentados, dos quais decorre a clareza da relevância de intervenções cada vez mais precoces quando se trata dos cuidados primordiais entre os cuidadores e seus bebês. Se o olhar da mãe, como apontou Winnicott, é fundante para o *eu* do bebê, é fundamental voltar-se para ela. Isso pode ser ofertado tanto pela psicoterapia individual, da dupla (mãe-bebê) quanto dos grupos psicoterapêuticos. É urgente cuidar de quem cuida, da presentificação da interação organismo/ambiente. Frente ao avanço nos estudos sobre o bebê nos últimos anos, fechar os olhos para essa realidade não é só desumano, é uma negligência.

No que tange à Gestalt-terapia, essa tese pôde contribuir com a clarificação do caminho conceitual percorrido no tema do desenvolvimento humano tanto nas obras originais de Fritz Perls quanto nos artigos incluídos no estudo. Isso permitiu identificar pontos a serem ampliados teoricamente, dialogar com outros sistemas de conhecimento e, como aqui proposto, sugerir um modelo de compreensão que referencie o profissional sobre o aqui-e-agora de seu cliente – *Modelo processual de integração do eu*. Deste modo, tomamos a clínica como sendo o território/palco das interrupções do processo de crescimento humano e da possibilidade de integração ao longo de toda a vida, qualquer que seja a idade do cliente que busca a psicoterapia. A continuidade no processo de crescimento não é algo garantido, pois envolve

sempre uma complexa dinâmica organismo/ambiente, mas pode e deve ser semeada pela postura do psicoterapeuta.

O valor clínico do problema da tese consiste na possibilidade de compreender o processo de desenvolvimento para que o gestalt-terapeuta possa alcançar, de modo mais claro e fundamentado, quando ele sofre interrupções e rupturas, que o dificultam de seguir num fluxo de continuidade. E, alicerçado nessa apreensão, concede ao clínico a oportunidade de trabalhar com os recursos terapêuticos disponíveis para favorecer a retomada do caminho de crescimento, isto é, de amadurecimento do cliente – qualquer que seja sua idade ou momento de vida.

Tendo em vista o conceito parte e todo, oriundo da psicologia da Gestalt, quando uma parte é alterada, o todo se reconfigura. Isso é um princípio básico fundamental para se pensar o fundo de experiências de uma pessoa, que quando é tocado, no contato com uma nova experiência, toda sua história é atualizada por inteiro. Por isso uma experiência vivida em qualquer momento da vida pode “mudar” a história toda, sua assimilação implica uma reconfiguração do todo, à qual não se pode alcançar os efeitos e desdobramentos. Se esse fundo fosse estático, imutável, a própria psicoterapia não teria função alguma, visto que tudo estaria previamente determinado. Mas é justamente essa imprevisibilidade que oportuniza o trabalho psicoterapêutico visando a retomada do crescimento: a fé – no sentido de acreditar – de que algo novo é possível. E é isso que deve mover o gestalt-terapeuta a se guiar no aqui-e-agora: sua crença na ampliação das possibilidades do cliente no mundo. Uma pessoa é necessariamente marcada por sua história, mas não é pré-determinada por ela.

Para além de um empenho em teorizar e corroborar com a ampliação da teoria na Abordagem Gestáltica, essa tese se propôs o exercício de compreender a complexidade originária do humano e seus ajustamentos subsequentes ao longo de toda a vida. Esta pesquisa permitiu um aprofundamento nas obras originais da Gestalt-terapia, que serviu de apoio para uma série de questionamentos e de acomodações, dentre eles, sobretudo, o papel do ambiente no processo de desenvolvimento. Considerando o ambiente, destaca-se os pais ou cuidadores principais, que são pessoas de destaque nesse processo, e o terapeuta, que trabalha pelo crescimento de seu cliente por meio da relação psicoterapêutica. Os achados aqui descritos traduzem que o ambiente pode favorecer ou dificultar o desenvolvimento humano, isto é, o processo de crescimento.

A limitação desse estudo concerne o levantamento de artigos sobre o tema, que se mostrou incipiente para corroborar com a discussão pretendida. Sugere-se com isso que novos estudos possam ampliar essa pesquisa incluindo publicações internacionais sobre a temática em questão. Dado o recorte metodológico aqui adotado, acaba por reafirmar a cultura gestaltista brasileira “livresca”, tão presente nessa abordagem, conforme enunciada por Holanda (2009). Essa restrição pode ser transposta ampliando a fundamentação de futuros estudos em textos científicos e em buscas mais estendidas. Recomenda-se, também, um alcance maior de autores da base da Gestalt-terapia, com destaque a Laura Perls, ampliando a busca por outros olhares tão fundamentais à fundação dessa abordagem.

A pergunta norteadora do trabalho foi: de que modo a relação organismo/ambiente corrobora com uma compreensão do desenvolvimento à luz da Gestalt-terapia? A isso essa tese responde: a relação organismo/ambiente, sobretudo no que tange a interação *eu-outro*, é primordial para o desenvolvimento humano, desde o princípio da vida, e isso mostrou-se compatível com os princípios da Gestalt-terapia. O ambiente será responsável por oferecer heterossuporte tanto quanto de fomentar a possibilidade do desenvolvimento do autossuporte. De acordo com o *Modelo processual de integração do eu* aqui apresentado, essa relação organismo/ambiente se configura pela possibilidade que o ambiente oferte ou favoreça: 1. Cuidados essenciais; 2. Diferenciação *eu/não-eu* e frustração; 3. autorresponsabilização. Em todos eles, na interação organismo/ambiente, a integração do *eu* é favorecida ou dificultada.

Longe de encerrar as discussões, o diálogo com Winnicott permitiu que o incremento nas reflexões do que fora encontrado na Gestalt-terapia, reformulando o cenário teórico-conceitual já existente. As perspectivas do desenvolvimento aqui dialogadas pretenderam contribuir com essa discussão complexa e ainda inovadora na Abordagem Gestáltica, realçando a inquestionável relação organismo/ambiente para o processo de crescimento humano. Afinal, como diria Safra (2004), o nascimento é mais do que um acontecimento biológico, é um acontecimento no mundo.

No que se refere ao mundo, o ambiente e o campo são mais amplos do que propriamente o recorte da relação com o *outro*. Essa tese teve seu foco mais direcionado à dimensão *eu-outro* em função da forte presença da interação mãe-bebê na teoria de Winnicott, base da discussão aqui proposta. No entanto, esse enfoque não desconsidera a noção de mundo, a compreensão de campo, aos quais tanto o *eu* quanto o *outro* estão inegavelmente

imersos. Ainda que nos limites desse recorte, essa pesquisa lançou luz para o papel de um *outro* significativo na integração do *eu*, isto é, primordial para seu amadurecimento e crescimento contínuos por toda a existência.

Esta tese, por fim, não é um estudo direcionado ou restrito à clínica infantil ou ao psicoterapeuta de crianças uma vez que não se restringe a uma pesquisa sobre o bebê ou a criança – é antes de tudo um olhar sobre o humano. Se configura como uma proposição sobre o fundamento das relações: a perspectiva interacional no fluxo de crescimento existencial humano. Nisso se desdobram duas direções primordiais e caras à expansão da Abordagem Gestáltica, fruto do aprimoramento teórico-conceitual aqui proposto sobre o desenvolvimento ou o crescimento para a Gestalt-terapia. Primeiramente, o que a tese pôde apresentar torna inquestionável a necessidade que o gestalt-terapeuta conheça sobre o processo de desenvolvimento e amadurecimento para que possa trabalhar pelo processo de crescimento de seu cliente. Isso fundamenta seu olhar, sua compreensão, sua prática e o reconhecimento de si como *outro* perante o *eu* de seu cliente.

Em segundo lugar, a conceituação aqui defendida no modelo proposto pela autora, traz uma ampliação teórica que abre as portas para a proposição e fundamentação do trabalho clínico com bebês e suas famílias. Ou seja, se põe a questionar de que modo a perspectiva gestáltica pode contribuir com a base do desenvolvimento, no momento em que a dependência e a confluência imperam. É possível trabalhar com cuidadores e seus bebês? Que tipo de atendimento pode beneficiar uma família que vivencia os momentos da gestação ou do puerpério? Em que se apoiar quando essas demandas se fazem presentes no aqui-e-agora dos clientes? É possível, desde os primórdios, trabalhar na relação do cuidador com o bebê ou mesmo na rede de apoio do cuidador? Tais questionamentos favorecem ampliar da interação bebê-cuidador para abarcar um contexto e campo cada vez mais amplos. Perguntas lançadas com o objetivo de provocar o leitor, no anseio de serem refletidas e, quem sabe, respondidas por futuras pesquisas. Essa tese finda convidando psicoterapeutas, sejam eles gestalt-terapeutas ou não, ao corajoso exercício de pensarem além do que está posto e, de modo consistente e epistemologicamente embasado, construírem novos caminhos de cuidado.

REFERÊNCIAS¹⁵

- Aguiar, L. (2014). *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*. São Paulo: Summus.
- Ajzenberg, T. C. P., Cardoso, S. R., Fernandes, M. B., Lazaros, E. A. & Nogueira, C. R. (1995). Reflexões sobre o desenvolvimento da criança segundo a perspectiva da Gestalt-terapia. *Revista de Gestalt*, 4, 87-94.
- Alvarez, L. & Golse, B. (2009). *A psiquiatria do bebê*. Portugal: Mem Martins.
- Alvim, M. B. (2007). O fundo estético da Gestalt-Terapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13(1), pp. 13-24. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100002
- Andrade, C. C. (2014). Autossuporte e heterossuporte. In Frazão, L. M. & Fukumitsu, K. O. (Orgs), *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. (Vol. 2, cap. 8, pp. 147-162). (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas). São Paulo: Summus.
- Antony, S. (2006). A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. *IGT na Rede*, 3(4). Recuperado de <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/50>
- Araújo, M. G. C. (2002). Prefácio à edição brasileira. In Perls, F., *Ego fome e agressão* (pp. 11-18). São Paulo: Summus.
- Aspesi, C. C., Dessen, M. A., & Chagas, J. F. (2008). A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In Dessen, M. A. & Costa Junior, (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano* (pp. 19-36). Porto Alegre: Artmed.
- Brandão, F. (2005). Noções teóricas gerais sobre o desenvolvimento humano. *Revista do NUFEN*, 03, 07-24.
- Campos, R. C. & Maia, J. V. M. (2020). Compreensão do binômio segurança e risco: perspectivas em diálogo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(7).
- Crespin, G. (2016). *A escuta de crianças na educação infantil*. São Paulo: Instituto Langage.
- Cunha, I. (2018). *A neurociência e o bebê de zero a três anos: aspectos relativos ao papel das emoções, da comunicação, da sedução e do desejo no crescimento do cérebro em desenvolvimento*. Recuperado de http://www.sbp.com.br/sbp-ciencia/files/_pdf/a-neurociencia-e-o-bebe-de-zero-a-tres-anos.pdf

¹⁵ De acordo com APA (*American Psychological Association*).

- Dasen, P. R. & Mishra, R. C. (2000). Crosscultural views on human development in the third millennium. *International Journal of Behavioral Development*, 24, 428-434.
- Demo, P. (2000). *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez.
- Fernandes, M. B. (1995). Gestalt e crianças: crescimento. *Revista de Gestalt*, 4, 63-73.
- Fernandes, M. B., Nogueira, C. R., Lazaros, E. A., Zinker, S. R. C., Ajzenberg, T. C. P. & Maffei, C. M. (1998). A gênese da construção da identidade e da expansão de fronteiras na criança. *Revista de Gestalt*, 7, 43-48.
- Fernandes, M. B., Nogueira, C. R., Lazaros, E. A., Zinker, S. R. C. & Ajzenberg, T. C. P. (2000). Figuras de apego: matriz dos vínculos afetivos. *Revista de Gestalt*, 9, 17-23.
- Fulgencio, L. (2016). *Por que Winnicott?* São Paulo: Zagodoni.
- Fulgencio, L. (2018). Aula Teoria do desenvolvimento emocional, de D. Winnicott. São Paulo.
- Gaspar, F. M. P. & Abreu, E. H. (2018). Limites na educação de crianças: desafios e possibilidades sob uma perspectiva gestáltica. *Rev. NUFEN*, 10 (2).
- Gi, C. Y. (2001). Tentativas de encontrar a ordem da formação dos mecanismos da criança. *Revista de Gestalt*, 10, 15-24.
- Ginger, S. & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus.
- Gold, E. & Zahm, S. (2014). A necessidade de pesquisa em Gestalt-terapia. In P. Brownell, Manual de teoria pesquisa e prática em Gestalt-terapia (pp. 43-54). Petrópolis: Vozes.
- Gouvêa, G. (2004). A teoria do self aplicada ao atendimento de crianças vítimas de violência doméstica - uma visão gestáltica. *Revista de Gestalt*, 13, 49-54.
- Guerra, V. (2014). *Indicadores de intersubjetividade 0 a 12m: del encuentro de miradas al placer de jugar juntos*. Realización: Maximiliano Guerra.
- Guevara, A. (2020). Gestação para além do útero. *Revista Viva Saúde*. Recuperado de <https://www.spsp.org.br/PDF/Materia-exterogestacao.pdf>
- Helou, F. (2013). *Frederick Perls, inquietações e travessias: da Psicanálise   Gestalt-terapia* (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília). Recuperado de https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14650/1/2013_FaduaHelou.pdf
- Holanda, A. F. (2009). Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica no Brasil: análise de mestrados e doutorados (1982-2008). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9 (1), 98-123. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844628009>

- Houaiss (2021/2022). Dicionário. Recuperado de https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2
- Karpen, M. F. S. (2018). Des-envolver humano: ampliação de campo para a Gestalt-terapia. *Rev. NUFEN*, 10 (2).
- Laurenti, C., Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In Laurenti, C., Lopes, C. E., & Araujo, S. F. (Eds.), *Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41-69). São Paulo: Hogrefe CETEPP.
- Miller, M. V. (2002). *Curso: teoria do desenvolvimento e formação de caráter em Gestalt-terapia*. Promovido pelo Instituto Gestalten. Acervo pessoal Comunidade Gestáltica, Florianópolis, SC.
- Mors, J. A. (2002). A critique of the role of development theory. *International Gestalt Journal*, 25 (1).
- Nogueira, C. R., Lazaros, E. A., Fernandes, M. B., Cardoso, S. R. & Ajzenberg, T. C. P. (1995). Reflexões sobre o desenvolvimento da criança segundo a perspectiva da Gestalt-terapia. *Revista de Gestalt*, 4, 87-94.
- Pajaro, M. V. (2015). *Gestalt-terapia com crianças: uma análise de sua produção teórica no Brasil* (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília). Recuperado de http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19080/3/2015_MarianaVieiraPajaro.pdf
- Pajaro, M. V. (2020). Estar-com crianças: em busca da linguagem perdida. In Nascimento, L. C. S. & Vale, K. S. (Orgs.), *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* (Cap. 4, pp. 47-56). Recuperado de <https://www.educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/575523/1/Sentidos%20em%20Gestalt-terapia%20novas%20vozes%2c%20outros%20olhares.pdf>
- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Perls, F., Hefferline, R. & Goodman, P. (1951/1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (1942/2002). *Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (1969/1977). *Gestalt-terapia explicada*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (1969/1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus.

- Perls, F. (1973/2012). *A Abordagem Gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: LTC.
- Philippon, P. (2018). Self e o outro. In Robine, J. M. (Org), *Self: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos* (pp. 355-368). São Paulo: Escuta.
- Polster, E. & Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus.
- Poppa, C. C. (2013). *O processo de crescimento em Gestalt-terapia: um diálogo com a teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15263/1/Carla%20Cristina%20Poppa.pdf>
- Poppa, C. C. (2016). *O suporte para o contato: uma proposta de ampliação para a clínica gestáltica de crianças*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19583/2/Carla%20Cristina%20Poppa.pdf>
- Poppa, C. C. (2018). *O suporte para o contato: Gestalt e infância*. São Paulo: Summus.
- Robine, J. M. (2006). *O self desdobrado: perspectivas do campo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Saboia, C. (2006). O papel do bebê no processo de acesso à subjetivação. *Estilos da clínica*, 11(21). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282006000200012
- Safra, G. (1999). A clínica em Winnicott. *Natureza Humana*, 1(1). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100006
- Safra, G. (2004). *A pó-ética na clínica contemporânea*. Aparecida: Ideias & letras.
- Shaughnessy, J. J.; Zechmeister, E. B. & Zechmeister, J. S. (2012). *Metodologia de pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: AMGH.
- Shonkoff, J. P. (2009). O investimento em desenvolvimento na primeira infância cria os alicerces de uma sociedade próspera e sustentável. In Tremblay R. E., Boivin M., Peters RDeV, (Eds.), *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância* [on-line]. Recuperado de <http://www.encyclopedia-crianca.com/importancia-do-desenvolvimento-infantil/segundo-especialistas/o-investimento-em-desenvolvimento-na>
- Silva, S. G. (2016). Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis. *Psicologia Clínica*, 28(2), 29-54. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200003&lng=pt&tlng=pt

- Spagnuolo-Lobb, M. (2012). Toward a Developmental Perspective in Gestalt Therapy Theory and Practice: The Polyphonic Development of Domains. *Gestalt Review*, 16(3), 222-244.
- Spagnuolo-Lobb, M. (2013). The now-for-next in psychotherapy. *Gestalt Therapy Recounted in Post-modern Society*. Milano: Franco Angeli.
- Spagnuolo-Lobb, M. S. (2018). O self como contato. O contato como self. Uma contribuição à fundamentação da experiência na teoria do self em Gestalt-terapia. In Robine, J. M. (Org), *Self: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos* (pp. 271-302). São Paulo: Escuta.
- Whetten, D. A. (2003). Desenvolvimento de teoria. O que constitui uma contribuição teórica?. *RAE- Revista de administração de empresas*, 43(3), 69-73.
- Winnicott, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1993). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2012). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2015). *A criança e o seu mundo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1978). A observação de bebês em uma situação estabelecida. In *Da pediatria à Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Yontef, G. M. (1998). *Processo, diálogo e awareness*. São Paulo: Summus.
- Zinker, J. (2007). *O processo criativo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Zinker, S. C. (1995). Reflexões sobre as primeiras relações da criança segundo a Gestalt-terapia. *Revista do I Encontro Goiano de Gestalt-terapia*, 87-90.